

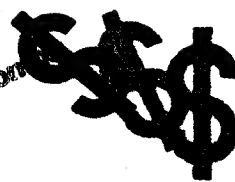
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 271 ANO 50.º PREÇO 1\$50

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

Este cabeçalho
pode valer-lhe
mais de mil contos



LENITA GENTIL VAI CASAR-SE COM UM FUTEBOLISTA



Lenita Gentil, que o telespectador assíduo conhece de vários festivais de canções, recebeu o nome artístico para Lenita (só), mudou de editora musical, concorre ao próximo Grande Prémio da R. T. P. e — como se isto não bastasse — diz adeus à vida de solteira e vai casar com um futebolista, ex-campeão europeu de clubes. A história, em jeito de fábula, está na página 5.

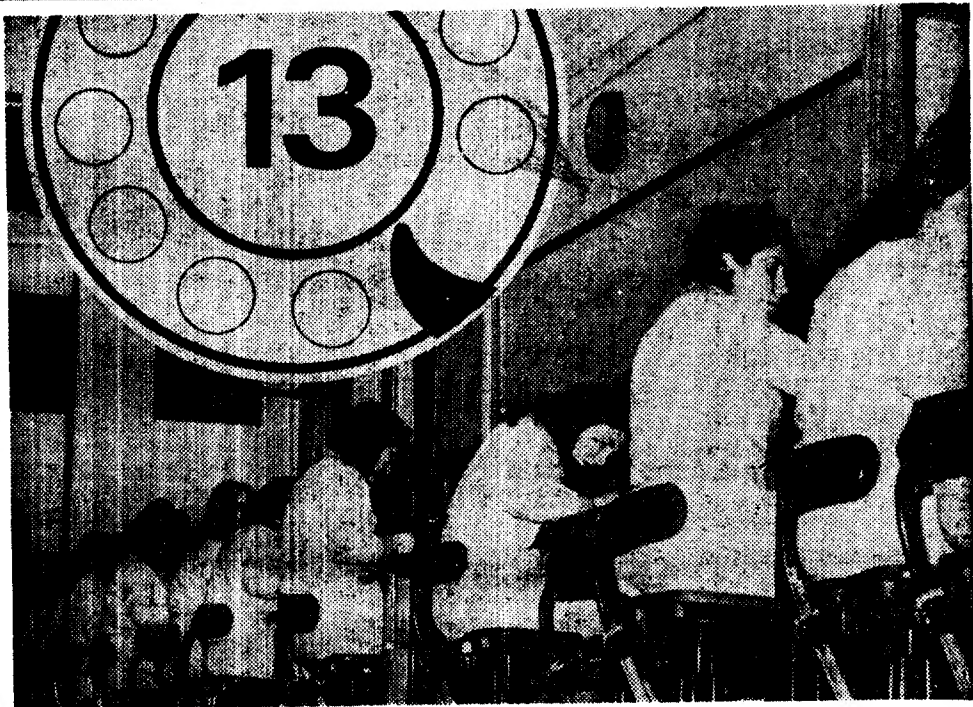
Mais 500 táxis para Lisboa

O Município adjudicou a construção de três viadutos e abriu concurso para dois parques de estacionamento subterrâneos

Lisboa vai passar a ter mais três viadutos, dois parques de estacionamento subterrâneos e mais 500 táxis, segundo foi

(Continua na última página)

HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA



DISCUTIDA EM SINGAPURA A SEGURANÇA NO ÍNDICO

SINGAPURA, 21 - (R.) Durante a tarde de hoje os chefes de Governo dos países da Commonwealth discutiram o melindroso assunto da segurança no oceano Índico, depois de terem reunido antes para discutir temporariamente o assunto ainda mais explosivo da venda de armamento à África do Sul. Os che-

fes de Governo iniciaram o debate sobre este assunto pouco depois do meio-dia (4 e 30 T.M.G.), portanto mais tarde do que habitualmente, por causa da sessão maratona em que foi discutido o problema da venda de armamento até quase ao amanhecer.

O Oceano Índico, intimamente ligado à questão sul-

-africana, já tinha sido largamente discutido durante sessões anteriores da conferência e grande parte dos seus 22 membros trataram de vários aspectos da segurança marítima na zona Índica no decorrer das discussões sobre armamento. A Grã-Bretanha apresen-

(Continua na 15.ª página)

O NÚMERO QUE ACORDA UM MILHÃO DE LISBOETAS

Se o leitor considera que ter de se levantar cedo é mesmo um azar, a que não pode fugir embora tenha o sono pesado, talvez já tenha recorrido ao «serviço telefónico de despertar». E então, nesse azar matutino, encontra realmente o «13», um número que, em Lisboa, acorda um milhão de pessoas em cada ano. O que é e como funciona esse despertador gigantesco «teleguiado» a nossas casas, é o que se conta nas reportagens que começamos a publicar hoje, na página central.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

Falam participantes

PROSSEGUIMOS hoje a série de entrevistas, iniciada no último sábado, com o objectivo de registar declarações de participantes na iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa». Como já referimos, essas entrevistas destinam-se, principalmente, a divulgar o entusiasmo com que os leitores

(e especialmente as leitoras) acolheram a iniciativa e o interesse com que a acompanham. Os entrevistados foram escolhidos ao acaso, de entre os muitos milhares que estão habilitados aos magníficos prémios instituídos.

LEIA NA 2.ª PAGINA



A sr.^a D. Ernestina dos Prazeres Cruz Trindade quando lavava ao nosso jornal

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" SOU LEITORA HÁ MUITOS ANOS

— afirma uma participante

A sr.^a D. Ernestina dos Prazeres julga ter sido das primeiras participantes a preencher o cupão-duplo de identificação (o que fez sem a menor dificuldade), não se esquecendo de referir o vendedor a quem adquire diariamente o nosso jornal, pois sabe que ele pode, também, conquistar um dos prémios instituídos, embora ainda não revelados.

VENDEDORA de uma galeria de arte, a sr.^a D. Ernestina dos Prazeres Cruz Trindade começou por afirmar-

-nos que é leitora do «Diário de Lisboa» há muitos anos. E revela: «Quase posso considerar-se uma tradi-

E por falar em prémios: a sr.^a D. Ernestina dos Prazeres tem esperança de vir a ser contemplada no sorteio. A propósito afirma:

— Tenho tomado parte em todos os concursos promovidos pelo «Diário de Lisboa» embora sem ficar incluída na lista dos premiados. Desta vez, porém, tenho uma esperança.

E a finalizar:

— Sem esperança não valeria a pena viver...

ção de família. Já meu pai e meus tios tinham preferência pelo «Diário de Li-

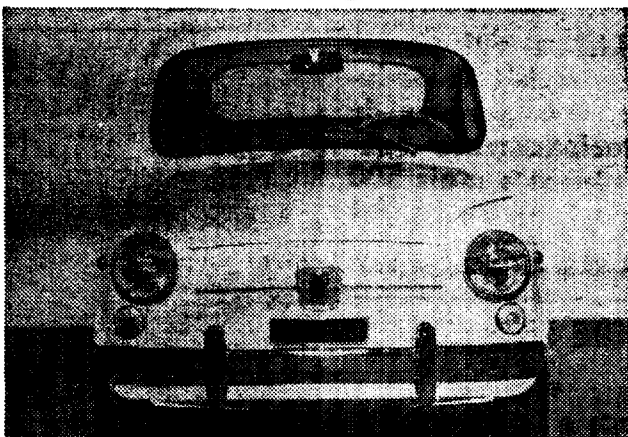
boa», preferência que, aliás, se transmitiu já, também, aos meus filhos».

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside, e facultativamente, a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1^a Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00, que se destina, logicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo.
- O cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabecinhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.
- (*) Por «cabecinhos» entende-se apenas a parte da 1.^a página do jornal onde consta o nome deste e a data da publicação.

DOIS AUTOMÓVEIS «FIAT-600-D»

MILHÕES de pessoas em toda a Europa preferem o «Fiat». E há razões para explicar o fenómeno. O «Fiat» é um carro utilitário, perfeitamente maneável e extremamente económico. Pode considerar-se um autêntico carro de trabalho embora, naturalmente, possa também utilizar-se como veículo de passeio. Transporta o homem atarefado, a pequena família e é, também, o carro preferido pelas senhoras. Não apenas pelo espaço, estabilidade e economia, o «Fiat 600-D» impõe-se, também, pelas suas características técnicas. O grupo motopropulsor (motor, embraiagem, grupo cónico de redução, diferencial, caixa de velocidades) encontra-se colocado racionalmente na parte posterior do veículo e é de fácil acesso. O motor é de válvulas à cabeça e arrefecido por



Um dos automóveis «Fiat-600-D»

água. As quatro rodas, todas independentes, permite uma ótima estabilidade na estrada, onde pode atingir cerca de 110 km/h. São dois «Fiat 600-D» instituídos como prémios da nossa iniciativa. Mais um importante pormenor a considerar: com o automóvel «Fiat» chega a toda a parte o serviço de assistência «Fiat» — uma organização especializada — pessoal, instalações — ferramentas — para garantir a constante e absoluta eficiência dos automóveis da marca que representa. Dois automóveis «Fiat 600-D» — dois grandes prémios da nossa iniciativa.



Um dos modelos de bicicletas «Vilar»

QUATRO BICICLETAS «VILAR»

SÃO QUATRO as bicicletas «Vilar» instituídas como prémios da nossa iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa». Fabricadas por Vilarinho & Moura, Lda., de S. Mamede de Infesta, as bicicletas «Vilar» são dos modelos «Sport-R-3», «Turismo-S», «Menina-O» e «Rapaz-P».

São, pois, duas bicicletas de adulto (homem e senhora) e duas de criança (rapaz e menina) os prémios instituídos por Vilarinho & Moura, Lda., fábrica nacional de bicicletas e motocicletas, ciclomoteres e acessórios.

De grande solidez, as bicicletas «Vilar» — marca que é já uma garantia — serão, sem dúvida, dos prémios mais apetecidos da nossa iniciativa.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1\$00.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1\$00

A GUERRA NO VIETNAM

NIXON VOLTA AO PONTO
DONDE JOHNSON PARTIU

WASHINGTON — Os acontecimentos da Indochina em 1970 — a invasão do Camboja pelas tropas americanas e sul-vietnitas, dois importantes «raids» de bombardeamento, os «raids» ao campo de prisioneiros Son Tay, as continuas retiradas de tropas americanas, o auxílio militar ao Camboja — tudo sugere tergiversações e viragens na política da Administração de Nixon

Sugere também uma diferença entre essa política e a do antigo presidente Lyndon Johnson. A nova Administração diz que está a reduzir os compromissos americanos nos pontos onde Johnson estava a aumentá-los. Pode ser, de facto, assim, mas nada disso responde à pergunta fundamental: Nixon alterou, de maneira significativa, os objectivos seguidos pelos E. U. A. no Vietnam no tempo da Administração Nixon?

É certo que várias passagens nesse discurso estavam muito longe da conciliação, mas os termos em que eram ditas eram muito suaves. Por exemplo:

«Quando se trata de manter a paz o «prestígio» não é uma palavra vã. Não estou a falar de falso orgulho ou gravate — sentimentos que não deviam ter lugar na nossa política. Prefiro falar do

mo utilizado pela Administração para evitar o termo «invasão» no Camboja anteriormente neutral foi acompanhada de um grave bombardeamento contra alvos da parte meridional do Vietnam do Norte o primeiro ataque maciço desde a suspensão ordenada por Johnson em 31 de Outubro de 1968. Toda essa actividade começou apenas 10 dias depois de

Tudo indica que ao cabo de dois anos na presidência Nixon está a voltar ao ponto donde Johnson partiu há 5 anos quando com a «escala» transformou a guerra numa gravíssima aventura milita, americana.

Quando a presente Administração entrou em exercício há dois anos dizia-se que o novo presidente iria liquidar a guerra tão depressa quanto possível e sair do Vietnam.

Sets meses após a sua subida ao poder, Nixon pôs em execução o «programa da vietnamização», e isso foi considerado um eufemismo para a retirada.

O primeiro discurso importante do presidente sobre a guerra pronunciado em 14 de Maio de 1969, era um documento de humildade e conciliação. Mostrava que ele tinha descoberto as armadilhas em que caiu o seu antecessor e indicava que estava decidido a evitá-las.

«Procuramos dar ao povo sul-vietnamita a oportunidade de determinar o seu futuro político próprio sem interferência externa», disse ele. Depois continuou o seu discurso dando mostras de que queria negociar a retirada mútua das forças americanas e norte-vietnitas, quase em termos desajeitados para o Vietnam do Norte.

Por STUART LOORY

Exclusivo «The Los Angeles Times» - «D. L.»

respeito que uma nação mostra pela integridade da outra, ao entender os seus princípios e cumprir as suas obrigações.

Um ano mais tarde — na Primavera passada — as retiradas continuaram, mas a harmonia no plano do presidente estava a ser destruída por uma outra decisão — a do envio das tropas americanas para o Camboja. Ao mesmo tempo que Nixon estava a desescalar o compromisso americano, estava a escalar a sua extensão. Alargava a guerra de uma luta só no Vietnam e, camufladamente no Laos, para uma luta também no Camboja. A guerra do Vietnam transformava-se numa guerra da Indochina.

A «incurção» (o eufemismo utilizado pela Administração para evitar o termo «invasão» no Camboja anteriormente neutral foi acompanhada de um grave bombardeamento contra alvos da parte meridional do Vietnam do Norte o primeiro ataque maciço desde a suspensão ordenada por Johnson em 31 de Outubro de 1968. Toda essa actividade começou apenas 10 dias depois de

Nixon ter dito (quando anunciou novas retiradas): «A decisão que anunciei esta noite significa que estamos, finalmente, à vista da paz justa que procuramos. Agora podemos dizer, confiadamente que a pacificação está a ter êxito. Podemos agora dizer com confiança que todas as forças americanas de combate podem e serão retiradas.»

Nixon disse isto no dia 20 de Abril. Aquilo que o presidente podia então dizer confiadamente, já não pode agora dizê-lo, nesta altura.

Desde então têm sido dados novos passos militares — todos eles, explicou-se, em apoio do programa de vietnamização e para assegurar a continuação da retirada de tropas

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ A Assembleia Nacional, que ontem reuniu com a presença de 63 deputados, continuou na ordem do dia a discussão na especialidade e votação correspondente da proposta de lei sobre a actividade teatral.

★ Antes da ordem do dia, porém, usaram da palavra os deputados Ferreira Forte, sobre o regime de regadio da Cova da Beira; Lopes Prazão sobre a pensão de sobrevivência dos servidores do Estado; e Moura Ramos, sobre política do vinho.

★ Ainda dentro do mesmo período, o deputado Aguiar e Silva, do círculo de Coimbra, referiu-se aos acontecimentos que estão a ocorrer na Universidade. Aludiu à gravidade de certos factos, afirmando: «A Universidade de Coimbra está paralisada por uma greve geral decretada e imposta por um grupo de estudantes contestatários. Mais uma vez, nestes últimos tempos, a agitação e a anarquia tomam conta da instituição universitária. Aulas invadidas, professores interrompidos nas suas lições, pilhetas de grevistas a dominar corredores e salas — tudo isto não é novidade para quem viveu e sofreu quotidianamente a crise universitária coimbrã de 69, em longo calvário, em que se sacrificaram valores fundamentais de toda a ordem».

★ Sempre no mesmo tom, o deputado Aguiar e Silva acrescentou que «a brutalidade destes factos se não enfrenta com apelo retórico-sentimental, nem com bastonadas da polícia, nem, sobretudo, com cedências e abdicções da autoridade». Invektivou os «actos de indisciplina, de desrespeito e provocação às autoridades, de corrosão de todos os valores da ética universitária; crimes de direito comum». Afirmou «que se insultaram diariamente as Forças Armadas» e que «se caricaturaram ignóbilmente, em cartazes e panfletos, governantes do País e se glorificou o retrato de Lenine».

— O que se fez perante tudo isto? E a terminar, o mesmo deputado faz nova pergunta:

— O que vai fazer o Governo? E opina: — Sob pena de, amanhã, aumentar a escalada da contestação e engrossar gigantesca a «maioria silenciosa», o Governo tem de dar uma resposta rápida, e sem ambiguidade, a esta pergunta.

Há vozes de apoio a estas palavras do deputado Aguiar e Silva.

★ Na ordem do dia, a discussão fez-se a partir da base VIII da proposta de lei sobre a actividade teatral, dado que as primeiras sete bases já haviam sido aprovadas na sessão anterior. Do mesmo modo sereno foram sendo aprovadas as bases seguintes, com as emendas propostas pela comissão parlamentar de Educação Nacional.

★ Houve, porém, viva discussão, a propósito da base XV. A comissão apresentava o texto governamental, que compreendia dois números:

«1. A Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos fiscalizará a actualização das entidades assistidas pelo Fundo de Teatro, a fim de garantir o rigoroso cumprimento das obrigações assumidas. 2. Das cláusulas dos contratos de assistência financeira constará a faculdade de aquela Direcção-Geral fazer cessar os espectáculos cuja média semanal de frequência seja inferior à fixada em regulamentação».

★ O deputado Francisco Balsemão, porém, apadrinhou a emenda proposta pela Câmara Corporativa, que consistia na supressão do número 2. Na discussão que se seguiu intervieram, entre outros, os deputados Veiga de Macedo, Júlio Evangelista, Gonçalves de Proença, Pinto Machado, etc.

— Teatro sem público não é teatro! — clamava o dr. Júlio Evangelista. — Portanto, é perfeitamente legítimo que...

Entretanto outras vozes se ergueram em defesa do teatro de qualidade, que pode ter pouco público. O dr. Pinto Machado deu números. O teatro de revista tem o dobro do público do teatro declamado, apesar de haver mais companhias de teatro declamado do que de revista.

★ O dr. Veiga de Macedo conhecia certas razões que tornavam necessário o tal número 2. O dr. Júlio Evangelista insistia no facto de que ao bom teatro não faltava público, embora tivesse afirmado também que os teatros que levavam obras medíocres estivessem cheios.

★ O presidente interrompeu o debate. Dada a divisão estabelecida na Assembleia sobre esta base da proposta, convidou a Comissão de Educação Nacional a reunir-se para rever a sua proposta e pediu que os deputados interessados assistissem à reunião. A discussão prosseguirá hoje.

MANUEL DE AZEVEDO

COMUNICADO

PAQUETE INFANTE D. HENRIQUE

AVISAM-SE OS SENHORES PASSAGEIROS DE QUE A HORA DE SAÍDA DO PAQUETE INFANTE D. HENRIQUE FOI ALTERADA PARA AS 16 HORAS DO MESMO DIA. O EMBARQUE DOS SENHORES PASSAGEIROS INICIA-SE ÀS 14 HORAS.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Transit
as únicas comerciais 100%

Gasolina
e Diesel
Utilitários
de 6 e 9 lugares

não se contente com menos!

LINCURI

CONCESSIONARIOS



AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA

E CONCESSIONARIOS DE CASCAIS, LOURES, OEIRAS, SINTRA E VILA FRANCA DE XIRA



ESTREIA HOJE ÀS 21.30
UM ESPECTÁCULO ÉPICO!
 BASEADO NA VIDA DO MAIOR
 AVENTUREIRO DOS MARES DO SUL!

CHARLTON HESTON
O SENHOR DAS ILHAS

GERALDINE CHAPLIN
JOHN PHILLIP LAW



"MASTER OF THE ISLANDS"

PANAVISION® COR DeLuxe®

ADULTOS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

"CINCO HOMENS PARA O INFERNO"

TÍTULO ORIGINAL — "Five Men to Hell"
 REALIZAÇÃO — Frank Kramer, 1958 (Itália)
 DUCAO — Frank Kramer (Eastmancolor e Cinescope)
 INTERPRETES — John Garfield, Margaret Lee, Klaus Kinski, Sam Burke, etc.
 DISTRIBUIÇÃO — Filmes Lusomundo.
 ESTREIA — Cinema Eden (14-1-71)

A guerra é pretexto para aventuras acrobáticas. As aventuras acrobáticas são pretexto para muita crueldade e um certo gosto pelo sadismo gratuito. Que por sua vez são pretexto para o agrado fácil de um público que busca emoções à flor da pele e historietas rocambolescas de nenhum interesse.

Na Itália está o Duce, bem escoltado pelos SS alemães. Do lado dos Aliados saem cinco indomáveis patifes que irão a Villaverde fazer "patifarias". O caminho está atestado de escolhos (como é de uso dizer-se nestas ocasiões), mas eles lá vão, que o espírito é forte... e o corpo ajuda.

Há mais a Margaret Bee que espria e ajuda a resistência além de proporcionar um outro elemento de consumo certo — a pornografia do olhar.

E pronto. A receita está pronta e o cozinhado servido. "Cinco Homens para o Inferno", é realmente execrável.

L. A.

O PRIMEIRO ÊXITO DE GALA DE 1971

A VIDA É SEMPRE IGUAL

(MAIORES 12 ANOS)
 Exclusivo DEVA FILMES

5ª SEMANA

EM SENSACIONAL CONSAGRAÇÃO no ODÉON

COM A FORMOSA

JEAN HARRINGTON

UM NOVO ESTILO DE ESPECTÁCULO QUE PÔE TODOS OS CORAÇÕES EM FESTA



A HISTÓRIA DE UM AMOR SUB-LIME QUE TODAS AS MULHERES GOSTARIAM DE VIVER

UM FILME PARA GUARDAR NO RELICÁRIO DAS MAIS BELAS MARAVILHAS

EASTMANCOLOR

As canções estão gravadas em disco "BODA"

ADMIRÁVEIS CANÇÕES NA VOZ DE

Julio Iglesias



Teatro MARIA MATOS

(Maiores de 17 anos)

Temperatura confortável 9ª SEMANA

TODAS AS NOITES ÀS 21.45
 Hoje noite popular, com a mesma tabela dos sábados à tarde. Balcão: 10\$, 15\$ e 30\$. Plateia: 30\$ e 50\$00

Igrejas Coelha protagonista de um êxito que o público está a promover



O INOCENTE

CUIDADO: NEBLINA!

O melhor a fazer em tempo de neblina é não sair de carro. Mas, se precisar sair, você saberá como agir sem provocar acidentes? Leia este interessante artigo no número de Janeiro das "Seleções", distribuição da Livraria Bertrand.

HOMENAGEM A UM «CLOWN»

ALVERCA, 21 — Na Casa do Povo do vizinho lugar de Arcena há depois de amanhã (21 e 30) uma festa de homenagem ao «clown» Eimilita, já restabelecido do acidente de viação de que foi vítima há um mês.

Colaboram no festival, entre outros, os artistas Irmãos Mariz, Carmelita, Armando & Lisboa, Didier & Mariz, «Cantinflias» (português), Olgueta, Carlos Areias e o Conjunto Musical Pires.

TEATRO MONUMENTAL

T. 555133
 HOJE: à noite, às 21.45 h. (M. 17 anos)
 VASCO MORGADO APRESENTA
A CASA DAS CABRAS
 com MILU na protagonista. Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luís Pinheiro, Oscar Cetano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo
 Sábado 2 sessões, 21 e 23 h. Domingo, à tarde, às 16 h. (M/ 4 anos)
O PARAÍSO INFANTIL O NATAL DO CAPUCHINHO

TEATRO LAURA ALVES

T. 864756
 HOJE, às 21.45 h. (Maiores de 17 anos)
 5.ª MÊS
 ÚLTIMOS DIAS
 VASCO MORGADO APRESENTA
 A OBRA-PRIMA DE ARTHUR MILLER
O PREÇO
 magnificamente interpretada por Jacinta Ramos, Varela Silva, Glória de Matos e em recriação, José Gamboa
 SÁBADOS e DOMINGOS «MATINÉS» ÀS 16 H.
 ESTUDANTES 50% desconto

TEATRO CAPITÓLIO

T. 327493
 HOJE, às 21.45 h. (Maiores de 17 anos)
 VASCO MORGADO APRESENTA
 LAURA ALVES na espantosa comédia de ANDRÉ ROUSSIN
A QUERIDA MAMÃ (LA MAMMA)
 com Carlos Duarte, Aida Pinto, Rolando Alves, Luís Alberto, António Rama, Ana Le Matre e o par romântico Helena Isabel-Octávio Borges — Encenação de António de Cabo — Cenário de Hernâni Lopes
 DOMINGO À TARDE, ÀS 16 HORAS

A COMPANHIA DO TEATRO GIL VICENTE
 CASCAIS — Telef. 280919
 TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
 Apresenta hoje e todas as noites, às 22 horas
 SOTOBA KOMACHI de UKIO MISHIMA tr. ORLANDO NEVES
BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS de GIL VICENTE
 Encerrado às 2.ª-feiras p/ descanso da Companhia ADULTOS

NO VARIEDADES EM PLENO ÊXITO
 GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
 APRESENTAM A
SUPER-REVISTA DA GARGALHADA



com SALVADOR, FLORBELA, CARLOS COELHO, a colaboração de MARIAMA, pela 1.ª vez em revista, MARIA DO CEU GUERRA, VÍCTOR MENDES e a atracção nacional DUO OURO NEGRO

MAU TEMPO EM TODO O PAÍS

UMA RAJADA CICLÓNICA DE 120 km/hora FOI REGISTADA NO PORTO ESTA MANHÃ

É possível, que durante o dia de hoje, sempre que o céu esteja encoberto, se registem fortes rajadas de vento (por vezes ciclónicas) como as que ontem provocaram certos estragos e alarmaram a população do País — segundo a previsão do Serviço Meteorológico Nacional.

Mantêm-se, assim, as condições de depressão e de instabilidade que, durante a tarde de ontem e a madrugada de hoje, provocaram chuva abundante e rajadas de vento muito forte em quase todo o território nacional.

As rajadas mais fortes registadas verificaram-se em Lisboa às 17 horas de ontem, à velocidade de 75 quilómetros; no Porto, às 17 e 30, 100 quilómetros; e em Coimbra, às 2 e 30 da madrugada de hoje, com 110 quilómetros.

Para hoje — segundo informações obtidas junto do Serviço Meteorológico Nacional, está previsto:

«Após a passagem das superfícies frontais, verificada ontem, temos uma situação de instabilidade. Está previsto para durante o dia vento moderado de Noroeste, com rajadas fortes. As rajadas devem soprar com maior intensidade durante os períodos de céu nublado que venham a ocorrer.

Os bombeiros receberam cem pedidos de socorro

Entre as 16 horas de ontem e as 2 da madrugada de hoje, os Sapadores Bombeiros receberam cerca de cem chamadas.

Foi mobilizado todo o pessoal (cerca de 200 bombeiros) e material, incluindo as Companhias de Reforço e Centro de Instrução de Recrutados. Só cerca das 2 e 30 principiou o regresso do material e pessoal aos quartéis. Entretanto, até às 10 horas da manhã, ainda permaneciam na rua quatro viaturas, com cerca de 20 homens.

Os bombeiros concentraram as suas atenções, como é habitual, em inundações em rios, algarozes e chaminés, remoção de árvores e entulho provocado por desabamentos de paredes e terras.

Vouu parte da cobertura do estádio dos Belenenses

O vento arrancou e fez ir pelos ares cerca de 400 me-

tros quadrados da cobertura da bancada sul do Estádio Almirante Américo Thomaz, em Belém, tendo ainda caído dois dos pilares dessas mesmas bancadas, enquanto outros sete ficaram fendidos. As chapas de alumínio que andaram pelos ares foram cair em redor do estádio, chegando algumas a atingir os bairros da Ajuda e de Pedrouços. Os prejuízos estão calculados em cerca de mil contos. No próximo dia 31, data em que se realiza o encontro de futebol entre as turmas de Belém e do Barreirense, a bancada não pode ser utilizada pelo público, por não oferecer segurança. Cabe aqui salientar que o clube do Resvelo, que ainda há pouco despendera cerca de dois mil contos em obras de beneficiação do seu estádio, volta a estar a braços com um sério problema.

No Aeroporto e no Tejo

Segundo informações do Aeroporto da Portela, a aerogare manteve-se sempre aberta ao tráfego, uma vez que só certos tipos de avião têm dificuldade em aterrar ou decolar perante uma situação deste género, mas isso é já um problema de ordem



A cobertura da bancada do estádio dos Belenenses rui parcialmente. A foto mostra, no local indicado pela seta, a extensão da derrocada.

técnica e operacional, que tem pouco a ver com os tipos de aviões actualmente utilizados pelas companhias de

navegação aérea.

No Tejo, a situação foi mais alarmante. Foram suspensas as carreiras dos «cachimbeiros», embora os «ferry-boats» tivessem continuado o seu serviço regular.

Apenas houve a registar a perda de um barco novo de recreio, que estava para ser entregue ao seu proprietário, e a quem faltava apenas o mastro. Aquela embarcação encontrava-se em cima da muralha, da doca de Belém, e, com o vento, caiu ao rio e desapareceu.

Desabamento na ponte de Carenque

Devido à chuva e ao vento fortíssimo registou-se um desprendimento de terras que causou o abatimento de algumas árvores de grande porte sobre duas barracas na ponte de Carenque.

A derrocada verificou-se na barreira que desce da linha férrea até a um amontoado de barracas, junto da bifurcação das estradas de Queziz, Carenque e Amadora, e deixou em sério risco de novos desprendimentos algumas dezenas de outras árvores, algumas das quais centenárias o que, a verificar-se, poria em perigo a própria linha de caminho-de-ferro.

Os moradores das duas barracas — num total de nove pessoas, incluindo crianças, foram socorridos pela Comissão de Assistência da Junta de Freguesia de Queluz.

Rajada de 120 quilómetros por hora esta manhã no Porto

PORTO, 21 — O mau tempo causou alguns prejuízos nesta cidade e arredores. Como medida de precaução todas as embarcações arribaram aos portos dispersos pela costa portuguesa e, algumas, até, aos de Espanha, nomeadamente ao de Vigo. O porto de Leixões e a barra do Douro continuam encerrados à navegação. No Observatório da Serra do Pilar foi registada hoje às 10, uma rajada de 120 quilómetros horários. Ontem, cerca das 23 horas,

uma faísca caiu junto da capela da Igreja das Carmelitas, no Carmo, e fragmentou algumas pedras que caíram no solo.

Só ao princípio da manhã a linha do Douro ficou livre, depois de portados esforços do pessoal da C. P. que desde ontem se empenhou na desobstrução da via férrea. Com efeito naquela hora, uma autocarro procedente de Barca de Alva embateu num penedo caído na linha entre as estações de Pala e Juncal. Do acidente, motivado, também, pelo mau tempo, registaram-se apenas ferimentos ligeiros em vários passageiros que prontamente foram socorridos no local.

Cortes de energia eléctrica e comunicações telefónicas

O mau tempo provocou, ainda, em todo o País avarias nas linhas de transporte de electricidade pelo que se registaram, esta manhã, sucessivos cortes de energia, em diversos aglomerados urbanos.

Segundo informações das C. R. G. E., o facto ficou devido-se a avarias verificadas na rede primária da C. P. E. que fornece a energia à Companhia.

A falta de corrente causou, também, deficiências na rede telefónica e houve linhas telegráficas cortadas.

A Barra de Aveiro fechada à navegação

AVEIRO, 21 — Durante toda a noite esta cidade esteve sob o efeito de um temporal com vento fortíssimo, chuva torrencial e trovoadas, que durou largas horas. A Barra foi fechada à navegação, não havendo, até agora, conhecimento de qualquer acidente.

Chuva e neve em Bragança

BRAGANÇA, 21 — Depois de ter chovido abundantemente, em toda esta região, durante os dois últimos dias, voltou a nevar na madrugada de hoje, ao princípio da manhã.

CONCURSO «FORD EXPO 71»

SORTEIO RELATIVO AOS CONCORRENTES DE 18 JAN. 71

N.º	PRÉMIO	CONCORRENTE
24742	1 sofá «Barbarela» — Molaflex	ANTÓNIO FREIRE DE MATOS PACHECO R. Reinaldo Ferreira, n.º 48, 2.º Dt. — LISBOA
26690	1 caixa com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluvax»	ALFREDO AUGUSTO FERNANDES Rua do Cardal de São José, n.º 67, 1.º — LISBOA
22939	1 caixa com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluvax»	JOÃO ORLANDO (?) MARTINHO Av. Sabóia, n.º 29, 1.º Esq. — MONTE ESTORIL
23651	1 caixa com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluvax»	ANA MARIA MOUTINHO NETO R. Rosa Damasceno, n.º 18, c. Esq. — LISBOA
26208	1 caixa com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluvax»	FERNANDO HUMBERTO DE ALMEIDA FANECO Rua do Lavra, n.º 13, 1.º Dt. — LINDA-A-PASTORA
26518	1 caixa com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluvax»	JOSÉ FAZENDEIRO DOS SANTOS PINTO Av. Marconi, n.º 10, 5.º Dt. — LISBOA
24235	1 conjunto «Tinos» para pintura	MARIA DA CONCEIÇÃO GUILHERME DA MATA R. Pedro Victor, n.º 118, 3.º — V. FRANCA DE XIRA
23499	1 almofada — Sundlete	DOMINGOS DA ROCHA MENDES Al. das Linhas de Torres, n.º 61, 1.º Esq. — LISBOA
23145	1 almofada — Sundlete	M. BISSON DA ROCHA R. Reinaldo Ferreira, n.º 31, 3.º Esq. — LISBOA
24576	1 jogo de tampões — João de Deus	LUIS LONTRAO DE SOUSA Rua Nova do Calhariz, n.º 36, r/c. — LISBOA
26499	1 jogo de tampões — João de Deus	ANTÓNIO MARIA DA COSTA BENTO T. do Giestal, n.º 48, 7.º Dt. — LISBOA 3
22952	1 apoio de cabeça para automóvel — Sunviauto	JOÃO ORLANDO (?) MARTINHO Av. Sabóia, n.º 29, 1.º Esq. — MONTE ESTORIL
23479	1 almofada ventilada p.º assento de automóvel — Ford	ANDRÉ DOS SANTOS PERAIRO Calçada da Tapada, n.º 125, 4.º Esq. — LISBOA 3
26730	5 latas de litro de óleo Ford para motor	FRANCISCO JOSÉ CUNHA SANTOS LOUREIRO Av. Miguel Bombarda, n.º 61, 5.º Esq. — LISBOA
23975	1 convector portátil J. F./Valor	RUI DE CARVALHO SOUTO R. Presidente Sidónio Pais, n.º 58, 3.º Esq. — BARREIRO

Os prémios deverão ser reclamados pelos concorrentes até 18/7/71, na Ford Lusitana, R. Rosa Araújo, 2-2.º, LISBOA



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

UMA «CONDESCENDÊNCIA» EM DIÁLOGO

Badaró. Em França, para trabalhar com Marcel Marceau, o Marcel não estava. Depois Roma, depois a África, continente que já lhe tinham dito ser muito parecido com o Brasil. Depois, Portugal. Badaró. O alegre mundo de, Vitória, Fracasso. Mais de mil contos perdidos no «Vasco Santana». Afinal, Badaró: o triste mundo de. Tudo isto sabemos pelo próprio, no «Frente a Frente». E mais: que não é nada conflituoso, o que quer é as coisas bem feitas. Condescendências? Aquil, e ali um certo mau gosto? É a sobrevivência. É a vidinha, Mensurado.

Pois Mensurado está preocupado e muito. Torna a carga: a condescendência, o baixo nível... Isto não teria grande importância se as condescendências e o mau gosto e mais não sei que não viessem insistentemente quebrar a fluência de Badaró em momentos de maior interesse, como aquele em que elogiava o labor do teatro universitário e advogado uma cada vez mais imperiosa necessidade de aproximação da juventude.

Claro que não serão nunca de aceitar os argumentos de Badaró para o mau gosto de alguns dos seus números (sendo, no entanto, de tomar em consideração o facto de publicamente se autocriticar) ou seja: por uma questão de sobrevivência e como um preço a pagar por outras afeitas de maior qualidade. Evidentemente, não é legítimo a ninguém, só porque as-

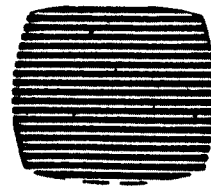
sim ganha a sua vida, intoxicar o público; evidentemente, é má tática deseducar o público como primeiro passo para a seguir o educar. Quando se pretende atingir o público em termos de arte não se podem fazer perigosas concessões. Perde-se o público, perde-se o artista — e perde-se depois a razão.

Por outro lado, Badaró avança afirmações que podem espalhar alguma confusão? Estará ele convencido de que o «período áureo» da revista foi aquele a que se refere, com Salvador, Humberto Madeira e António Silva? Estará convencido de que, nesse tempo, ou seja: há uma dezena de anos, a revista estava mais identificada com o público? Estará, mesmo, convencido de que a revista é um espectáculo popular, estará mesmo convencido de que é o povo quem vai ao Parque Mayer? Estará convencido de que o Volpone encontraria as mesmas facilidades de representação no circuito comercial que encontrou no sector universitário? E estará convencido de que o Volpone seria dado com mais valor pelos actores profissionais do que pelos estudantes dirigidos por Gutkin?

De qualquer modo, esta presença de Badaró teve aspectos diferentes daquela há meses na rubrica «Um dia com...», o que prova que o artista sabe mesmo adaptar-se aos públicos e às circunstâncias. Ouvi-lo não constitui, superficial-

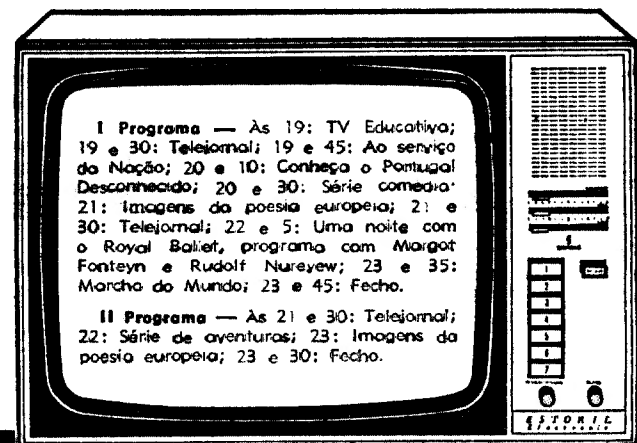
mente falando, uma maçada. Para isso contribuiu a expressão fácil e rápida, uma espécie de metralhadora. De pólvora seca, muitas vezes? Com indícios de representação algumas vezes, como com-

(Continua na 18.ª página)



TV dia a dia

HOJE PODE VER..



I Programa — As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Ao serviço da Nação; 20 e 10: Conheço o Portugal Desconhecido; 20 e 30: Série comédia; 21: Imagens da poesia europeia; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Uma noite com o Royal Ballet, programa com Margot Fonteyn e Rudolf Nureyev; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Série de aventuras; 23: Imagens da poesia europeia; 23 e 30: Fecho.

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: «Viver no Campo», com Eva Gabor e Eddy Albert; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite; 14 e 20: Fecho. **2.º período** — As 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Ao serviço da Nação (mensagens de soldados que se encontram em Angola); 20 e 10: Hóquei em patins, transmissão directa do jogo entre as equipas do Sporting e do Benfica; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «Cimarron Strip», com Stuart Whitman e Percy Herbert; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 35: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal; 22: Um dia com... Nelson Soremenho; 22 e 25: Recital de canto, por Ruth de Kotachubey; 22 e 45: «O Santo», com Roger Moore; 23 e 45: Fecho.



TUDOR

pilhas para força motriz

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Faias», Programa Infantil, por Ana Maria; 18 e 05: O Convidado de Hoje Marcel Amont; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com Jimi Hendrix; 19 e 15: Música de ópera: 1.ª parte de uma selecção de «Sangue Violete», de Johann Strauss; 19 e 40: Orquestras ligeiras; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O Conjunto «Os Sambocanas»; 20 e 30: 14.º Episódio do Folhetim «Enruias» 20 e 50: Melodias; 21: Momento 71; 21 e 20: Música só musica; 21 e 30: O Coro Feminino da Emissora Nacional; 21 e 50: Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Guitarradas, pelo Conjunto de Jorge Fontes; 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Exits da Europa; 23 e 30:

Cancões que o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Música portuguesa; 19: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto de câmara em que tomam parte a pianista Maria Teresa Paiva, o fagotista, João Mateus e o violoncelista, Celso de Carvalho, preenchido com obras de Carlos Seixas e W. A. Mozart; 21: Música de Fauré; 21 e 20: Tempo Literário; 21 e 45: A orquestra da Suíça francesa, dirigida por Ernest Ansermet — Pequena Suite op. 39 (Albert Roussel); 22: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (Filho); 22 e 50: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16 e 4: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 7: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 3: Diálogo; 21 e 8: Tempo Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 5: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande rda; 0 e 2: «P. B. X.» 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 4: Programa CDC; 17 e 57: O nosso

programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa à Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-dois; 1 e 2: Banda sonora; 2 e 2: Perspectiva; 3 e 2: Fecho

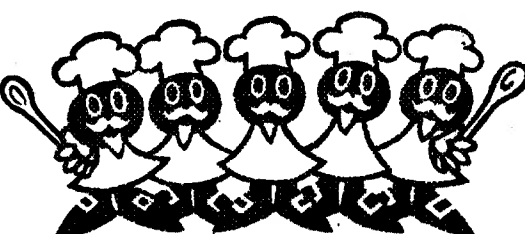
Emissor de Miramar — 383,6 m/s — 782 kc/s. — As 16 e 4: Programa CDC; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matiné teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Robôtica; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Nome da cidade; 21 e 5: Sô-Rádio; 21 e 45: Contrastes musicais; 21 e 45: O anjo da verdade; 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Correcção-3 23 e 4: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Artistas portugueses; 18 e 30: Terça e benção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Esquema; 13: 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Jazz; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2; Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO
CINNE
RECEPCÃO: ATÉ 31 MARÇO 71

OS NOVOS MOSQUETEIROS DA ALIMENTAÇÃO



MORANGO
ESPARREGADO
CEBOLA
TOMATE
PIMENTO

P U R O S !
SEM CORANTES!

LIOFAX
A ALIMENTAÇÃO
DO SEU TEMPO

Se deseja receber GRÁTIS um catálogo elucidativo sobre liofilização, preencha e remeta o cupão LIOFAX para:

DEPT. PUB. LIOFAX

LIOFAX - Rua do Centro Cultural, 13
LISBOA 5

CUPÃO LIOFAX

DL

Nome _____

Morada _____

O CARDEAL CEREJEIRA DEFENDE A CONCORDATA

«A situação criada pela Concordata para a Igreja não é, em rigor, privilégio, é antes reconhecimento de situações diferentes» — afirma numa entrevista hoje publicada no jornal «Novidades», o sr. cardeal-patriarca de Lisboa que continua:

«Portugal nasceu, formou-se e vive ainda, na sua quase totalidade, no seio da Igreja. É uma realidade histórica e moral. Facto ainda sociológico que o Estado não pode esquecer: aqui igualmente seria falsidade, injustiça e traição ao bem comum.»

A entrevista é precedida de uma nota assinada por M. N. na qual se diz que «chegado aos 82 anos de idade, conserva Sua Eminência a juventude interior de quem guarda, no sangue da alma, o fogo das primeiras horas de ofenda a Cristo e Igreja.» Justificando a entrevista, na mesma nota invocase um «momento delicado da vida nacional, quando se trazem à discussão pública questões que tocam no próprio cerne da Pátria.»

Sobre a actualidade de Concordata, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira afirma que «é documento precursor e invocador, que se antecipa ao próprio Concílio» e que «não compreendeu a Concordata quem a considera envelhecida, e portanto, carecedora de revisão, se não de rejeição.»

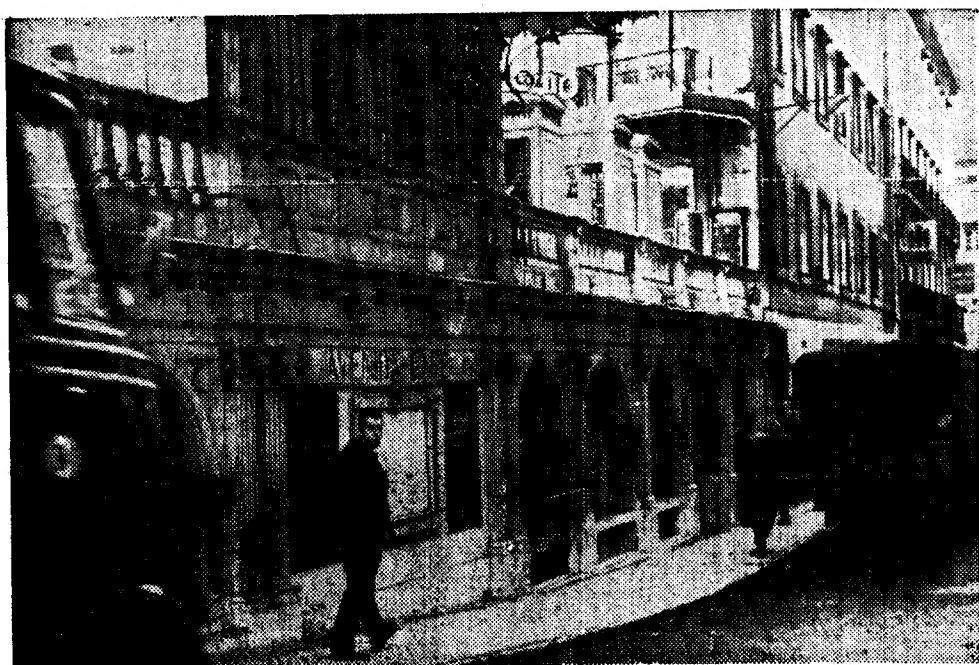
Após mais algumas considerações sobre este tema (a propósito do qual cita Martain) o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira analisa as características essenciais da Concordata, evocando várias datas da História de Portugal. A propósito, evoca o discurso de Salazar ao apresentar a Assembleia Nacional: «sem deixarmos de ser do nosso tempo... somos nós os antigos dominos da espiritualidade os mesmos de há oito séculos.»

O sr. cardeal-patriarca refere-se ainda ao problema da

autonomia e cooperação da Igreja e do Estado («encontram-se ambos ao serviço dos mesmos homens, especialmente na educação da juventude e na constituição da família») e sobre o casamento acentua:

«O impedimento do divórcio para casamentos canónicos é consequência do reconhecimento pelo Estado do casamento-sacramento como

ele é — reconhecimento atida imposto pela consciência católica da Nação, verificada através das estatísticas. Não é ofendida a liberdade individual: a forma do casamento não lhe é imposta por lei, é da livre escolha de cada um. Mas, escolhendo o casamento canónico, o nubente escolhe a indissolubilidade; e, se conscientemente fizesse reserva a esta escolha, o casamento ficaria nulo.»



A Câmara Municipal de Lisboa, por designio várias vezes expresso pelo respectivo presidente, tenta dialogar com os munícipes. E é assim que, para se passar das palavras aos actos, o antigo Café Avenida (na imagem), sito na Rua Jardim do Regedor, vai ser transformado em posto de informações e reclamações. No concurso para as respectivas obras, foram admitidos dois concorrentes, que apresentaram propostas nos valores de 455 e 458 contos (numeros redondos)

CINCO MIL HOMENS TRABALHAM JÁ EM CABORA BASSA

— disse o ministro da Defesa à chegada a Lisboa

Regressou a Lisboa, esta manhã, por via aérea, de uma visita de trabalho a Angola e Moçambique, o ministro da Defesa Nacional e do Exército, general Sá Viana Rebelo, que, no aeroporto, declarou estar o Governo decidido a levar a construção da barragem de Cabora Bassa até ao fim.

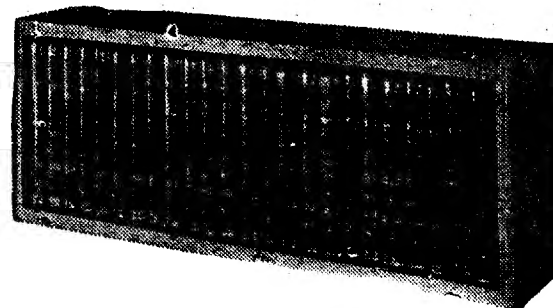
«Apesar dos desejos contrários e incomprensíveis dos nossos inimigos».

Ainda em relação a Cabora Bassa, cujas obras visitou, o general Sá Viana Rebelo afirmou: «Tais obras continuam em pleno rendimento, estando já ali a trabalhar 5 mil homens».

LIVROS DE BOLSO

Valorize a sua biblioteca COM LIVROS DE BOLSO comprando uma série de 24 volumes no formato de 16,5x11 cm, encadernados em balacuir e apresentados numa ESTANTE DE BOA MADEIRA, tudo por 600\$00 — importância que pode ser liquidada em 12 prestações mensais de 50\$00

48 volumes, numa ESTANTE DUPLA, tudo por 1200\$00 em 20 prestações mensais de 60\$00



Para a escolha das obras remeteremos, sem qualquer compromisso, a quem a solicitar, uma lista das mesmas. Entrega imediata das obras e respectiva estante contra o primeiro pagamento

OFERTA EXCEPCIONAL

15 VOLUMES A ESCOLHA, ENCADERNADOS EM BALACUIR, PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 60\$00

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILLO CASTELO BRANCO
JULIO DINIS
STEFAN ZWEIF

e outros autores — cerca de 300 volumes — constam de uma lista que remeteremos a quem a solicitar à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO ou à FILIAL:

AV. ALMIRANTE REIS, 102, R/C., DT. — LISBOA-1

RECORTAR ESTE

CUPÃO E REMETER A

LIVRARIA

CIVILIZAÇÃO

R. e Alberto Aires

Gouveia, 27

— PORTO —

(D. L.) — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso a lista das obras e um impresso-proposta para a sua aquisição na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES.

Nome

Morada

...

...

BOM APETITE

CASTANHEIRA

E. de Torre - Lumier - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

A FURNA

RESTAURANTE
R. Ferreira Lapa, 38-D

Previne os seus Ex.^{as}
Clientes que, no próximo sábado, dia 23, tem, aos almoços, a sua sala reservada, voltando a funcionar, normalmente, já para os jantares desse dia.

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA

CAFÉ INCONFUNDIVEL NO

BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

RESTAURANTE DIETÉTICO

A COLMEIA

Alimentação vegetariana e MACROBIÓTICA a qual cura doenças em 10 dias
RUA DA EMENDA, 110-2.
(Ao Camões) — T. 370500

CERVEJARIA

E RESTAURANTE

R. de S. Luís, 9

(Junto ao Parque Mayer)

Aberto até às 3.30 h.

ESPECIALIDADES DIARIAS

AR

CONDICIONADO

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telhadas do Cimo, 144
Telef. 790211

JANTARES

DANÇANTES

AOS SABADOS

E DOMINGOS

c/ conjunto privativo

AMBIENTE

DISTINTAMENTE

FAMILIAR

Premiado pelo S. N. I.

(Maiores de 5 anos)

10.000 DISCOS GRÁTIS

OFERTA JOVICA

A JOVICA, ao inaugurar as suas secções de Disco, em colaboração com A GRANDE FEIRA DO DISCO, oferece a todos os seus clientes de discos 10.000 completamente Grátis.

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-D — Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53 C — Telef. 4 77 69

FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

Sociedade «ESTORIL»

NOVO HORÁRIO

COMUNICADO

Foram recebidas 35 cartas, contendo 42 pedidos de alteração ao horário projectado. Todos foram estudados detalhadamente.

Sob o ponto de vista técnico, algumas dessas sugestões podiam ser atendidas. Mas iriam prejudicar outros senhores passageiros que, por sua vez, poderiam apresentar, então e também, as suas reclamações. Estamos convencidos de que em muito maior número.

Embora consciente de não ter conseguido dar satisfação completa a todos os senhores utentes — o que muito lamenta — a Sociedade «Estoril» porá em vigor o novo horário tal como projectado, na próxima segunda-feira, 25 de Janeiro.

bolte



hippopótamo

Conjunto privativo e música de discos
AMBIENTE SELECIONADO

Aberto das 22 às 5 horas M/ 17 anos
Av. António Augusto de Aguiar, 3 — Telef. 48384

ora diga-nos...

— Vem muitas vezes à janela?

A rua — o que se passa lá fora — nem sempre é atracção para quem está em casa.

● **João Daniel, aprendiz de talhante, disse-nos:**
— Raramente...
— Não lhe interessa o que vai na rua, é...?
— É. Só venho à janela para ver se está a chover.



● **Palavras de Adelino da Silva Figueiredo, montador de andaimes:**
— A janela é para as mulheres.



— Mas um homem não deixa de ser homem se chega à janela...
— Ora! Tinha cá uma graça eu à janela!

● **Joaquim Marques Nunes, empregado numa mercearia:**
— Às vezes chego-me à janela...
— E diverte-se...?
— Com o que se passa

na rua? Não. Quem se consegue divertir com automóveis...? Só há automóveis na rua. E as pessoas vão sempre tão apressadas... Lá na minha aldeia, sim, ainda há



quem faça umas habilidades. Quem cante, sabe...? Agora, aqui, na cidade, não há nada disso. Automóveis e maratha.

RECOLHA DE BOLETINS DE RECENSEAMENTO

Como alguns postos de recolha, esclarecimento e preenchimento mudaram de horário, o Instituto Nacional de Estatística informa que, na semana corrente em Lisboa, funcionarão nos locais e com os horários seguintes:

a) juntas de freguesia abertas das 18 às 20 horas: Anjos, Coração de Jesus, Sacramento, Santo Estevão, S. Miguel, Socorro, Santo Condestável, Campo Grande, Lumiar, Domingos de Benfica, S. João de Brito, Marvila, Penha de França, St.ª Maria dos Olivais, S. João e S. Jorge de Arroios.
b) juntas de freguesia abertas das 20 às 23 horas: Castelo, Encarnação, Pena, Mercês, Santiago (só das 20 às 22 horas), Santa Engrácia, Santa Justa, S. José, S. Mamede, S. Nicolau, S. Paulo, S. Vicente de Fora, Ajuda, Lapa, Prazeres, St.ª Maria de Belém, S. Francisco Xavier (só das 20 às 22 horas), Alvalade, Ameixoeira, Benfica, Campolide, Carnide, N.ª S.ª de Fátima, S. Sebastião da Pedreira, Alto do Pina e Beato.
c) Esquadras da Polícia abertas das 20 às 23 horas: 2.ª

— Terreiro do Paço — Rua do Arsenal; 3.ª — Bairro Alto — Rua das Mercês, 43; 8.ª — Rossio — Largo do Regedor, 2; 12.ª — Mónica — Trav. das Mónicas, 12, 17.ª — Matadouro — Rua Tomás Ribeiro, 19.ª — Posto da Charneca (das 18 às 20 horas). 28.ª — Alcantara — Largo do Calvário, e 33.ª — Posto do Arco Cego — Bairro Social.

Vitória Maria vai ao Chile em vez de Tonicha

Inesperadamente o passeio ao Festival da Canção de Viña del Mar (Chile) deixou de pertencer a Tonicha. A intérprete de Beja, assobrada com os preparativos para o certame da R.T.P., abdicou da deslocação, e Jorge Costa Pinto, maestro convidado pela organização a escrever a partitura da composição portuguesa, escolheu outra cancionista. Assim faz a viagem, Vitória Maria, recém-chegada da América do Norte. Com o duo segue Francisco Nicholson, autor dos versos.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



BEATRIZ COSTA VOLTOU A LISBOA

Beatriz Costa voltou a Lisboa, depois de ter estado na Baía, na festa de casamento de Paloma Amado, filha do escritor Jorge Amado.

— Torno a partir daqui a semanas — disse-nos Beatriz. — Quero acompanhar aos Estados Unidos e Canadá, a digressão da minha amiga Herminia Silva.

E acrescentou:
— Também só deixarei Lisboa depois de estar atribuído o prémio que institui para «a melhor corista do ano».

Nomes do júri: o figurinista Pinto de Campos, o repórter fotográfico H. Fiuza; e Neves de Sousa, nosso camarada de Redacção. Idela de Beatriz Costa: entregar o seu prémio no dia da atribuição pública dos «Oscars» da Imprensa

CONVENÇÕES COLECTIVAS DE TRABALHO

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência homologou o acordo colectivo de trabalho para os profissionais de escritório ao serviço da Fiostone Portuguesa e a alteração da tabela de remuneração acordada entre o

Grémio Nacional dos Industriais de Lacticínios do Distrito de Aveiro, que abrange igualmente Porto, Braga e Viana do Castelo e cuja extensão a Bragança, Vila Real, Guarda, Viseu e Coimbra es-

tá a ser objecto de estudo.

O dr. Silva Pinto proferiu, ainda, dois despachos de alargamento de âmbito de contratos colectivos de trabalho: o referente à indústria de malas e artigos de marroqui-

naria (que é estendido aos distritos de Beja, Évora, Lelria, Portalegre, Santarém e Setúbal) e o respeitante à indústria de cortumes (alargado a Aveiro, Coimbra, Guarda e Santarém).

o fado e o folclore — restaurantes típicos

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernanda Pinto, Francisco Martinho, Maria Amélia Proença, Alcinda de Carvalho. Tocam: Jaime Santos, António Proença. Rua Diário de Notícias, 107. Telefone 328307. Encerra aos domingos.

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julia Peres, Lina Maria Alves, Natalina Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: Manuel Martins e Miguel Ramos. Consumo mínimo 50\$00. Beco do Espírito Santo, 1. Telefone 865209.

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicência da Câmara, João Braga, Cidália Moreira, Ana Rosmaninho e António da Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo 90\$00. Beco das Cortumes, 10. Telefone 860816.

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto, Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados:

Candida da Conceição, Julietta Maria e Aurora sobre. Tocam: Alberto Villar e António Pessoa. P. da Alegria, 58. Telefone 367093. Encerra à segunda-feira

SOLAR DO MINHO

Cozinha minhota. Todos os dias almoços e jantares. Dose: 20\$00. Rua do Vigário 60. Telefone 866811

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Julietta Brigue, Lidia Ribeiro, Mariana Rosa, Amélia Lima, António Chaiinho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Aveilino, Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves. Cons. mín. 150\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Telefone 35007-323406. Encerra ao domingo. Reabre em 1 de fevereiro.

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvidina Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabra e Fernando Avim

Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rolá 24. Telefones 676655-672431

A SEVERA

cantam: Alice Maria, Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aquarela de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Telefone 384006. Encerra à quinta-feira

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernando Machado, Maria Eva, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto. Cons. mín. 40\$00. Travessa da Espera, 8. Telefone 35464. Encerra às 5 da madrugada

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Emida, Odete Mendes, Plínio

Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Comarinho (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto primitivo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha e Trav. de Quelma, 10-16. Telefones 362889-328503

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio. Cons. mín. 50\$00. R. das Taipas, 14. Tel 327256

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Lina Santos, Renato Mota. Tocam: Armando Maia e José Maria Carvalhinho. Cons. mín. 90\$00. Travessa dos Fiéis de Deus 37. Telefone 35593

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Dina Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Cons. mín. 50\$00. R. da Barroca, 133. Telefones 36960 e 30532. Encerra às terças-feiras

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria de Lourdes e Judith Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Cons. mín. 30\$00. Rua das Trindades, 67. Telef 669857. Encerra ao domingo

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado Ivette Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Araújo. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Cons. mín. 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef. 30095-328713. Encerra à segunda-feira

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Leonor Macedo, João Cabral, Rossana Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira. Encerra aos domingos. Rua da Adifa 9. Telefone 86345

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva

Cons. mín. 40\$00. Rua da Rosa 219. Telef 368579

GUIARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha, Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Res. Encerra ao domingo. Cons. mín. 35\$00. Largo do Peneiro 7 (Alfama). Telefone 868505

BALEEIRA

cantam: Fátima Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julietta Reis. Tocam: José Alves e Armando do Silva. Encerra às segundas-feiras. Cons. mín. 40\$00. Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO). Telef 213259

O CASTIÇO

Rua Gilberto Rolá, 67-1.ª. Alcântara. Telef. 670463. cantam: Sílvia Pinto. tocamos: Jorge Carneiro e Mário Cotrim

TABUINHAS

Restaurante típico. Fados e guitarradas. Beco Esconso, 7 (à Rua Visconde da Luz). Cascais. Telef 284060

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

A FURNA

Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé). Telefones 534466-561949. Música gravada. Celas até às 3 horas. Encerrada aos Domingos.

ARCHOTE-CLUB

Discos. Rua D. Filipe de Vilhena.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef. 264521-264526-264596-264621-264946.

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384. Conl. Helder Reis. Encerrada aos domingos

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28. Telef. 370889. Poesia com Correla da Silva. Encerra às 3 e 30.

MAXIME

Conjunto 6. Reacção e Maximiliano. «Show» turístico. Va-

riedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef 55366.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro. SINTRA. Encerra à meia-noite. Telef. 981661. Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Telef. 770172. Encerra às 3.30.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). Telef. 367136. Encerra às 3 horas

SNOB

Rua de «O Século», 178. Telef. 33723.

TAGIDE

Variedades. Conjunto Zé Pedro. Largo da Biblioteca, 18-22. Aberto ao domingo

CURTO-CIRCUITO

Rua dos Correios, 216. Telef. 363572. Aberto das 18 às 3.30.

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório. Discos recebidos directamente de

Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis, 51-A. Telef. 775695.

FORTE VELHO

Paço. S. João do Estoril. Telef 261337.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117. Matinees todos os dias. Encerra aos domingos.

SER OU NÃO SER CINECLUBISTA

• Os dirigentes de cineclubes e a proposta de lei do cinema

Para o deputado Magalhães Mota, como para os seus confrades liberais, o «cineclubismo» foi até hoje a única tentativa global e séria, em Portugal, tendente a defender e a propagar o valor social e cultural do cinema. Os parlamentares «progressistas» apontam uma omissão na proposta de lei governamental de «protecção ao cinema», que tem vindo a ser debatida na Assembleia: a ausência de referências inequívocas aos cineclubes. Um dirigente do Cineclubes Universitário de Lisboa declarou, em contrapartida, que «no CCUL estamos neste momento a tentar ultrapassar a carolice que tem caracterizado o cineclubismo e em que embarcam a maior parte dos cineclubes portugueses».

Vitor de Oliveira, de 23 anos, estudante do IST, acrescenta:

— Nos anos 50 e 60 o cineclubismo enveredou por um caminho em que rapidamente foi batido e ultrapassado pelas sessões «clássicas», de «qualidade», «de critério», etc. Um cineclubismo crítico tem que ser outra coisa. Estamos a procurar ligar o nosso trabalho: abandonar os 35 mm, pegar na máquina, etc. O ciclo que temos em curso, «Anos 60, consumo de qualidade», tenta já uma crítica ao chamado «cinema de autor», que está a ser consumido, ao nível de estudos, de um modo bastante acrílico».

«UMA AUTÉNTICA CULTURA CINEMATOGRAFICA»

Neste momento, funcionam em Lisboa três cineclubes:

■ Cineclubes Universitário de Lisboa (C. C. U. L.), o Cineclubes Imagem, o ABC Cineclubes de Lisboa, há, ainda, afastado do movimento cineclubista o Cineclubes Católico (C. C. C.). Este último, enveredou pela confusão nítida com as sessões «clássicas» comerciais: colabora com a gerência do S. Jorge e com a Rank na escolha do «cinema com critério», apresentado nos domingos de manhã na casa de espectáculos da Avenida.

— As referências aos cineclubes na proposta de lei são muito vagas, não se sabe, em concreto, que orientação vai prevalecer — é a opinião de Lauro António, crítico de cinema e presidente da direcção do ABC — Que é que se pretende em concreto com a dependência dos cineclubes face ao I. N. C. (Instituto Nacional de Cinema)?

Acerca do debate parlamentar, Lauro António declarou ao jornalista:

Raros são os deputados que não falam no papel verdadeiramente importantes que os cineclubes desempenham até hoje em Portugal, na promoção de uma autêntica cultura cinematográfica. Acontece, porém, que também as referências dos parlamentares ao cineclubismo se ficam em generalidades, que não irão seguramente afectar de forma alguma a situação actual deste movimento, que, merced de variadíssimas razões (a maior das quais tem sido certamente a falta de apoio não logra atingir o alcance cultura que poderia e deveria abarcar.

Enfim, em vez de palavras, gostaríamos certamente de ver enunciar medidas para proteger efectivamente o cineclubismo e incrementá-lo à escala nacional. Mas quando nós perguntamos que medidas poderiam ser essas, ocorre-nos uma inquietante dúvida: será que realmente se pensa proteger os cineclubes num

ambiente de salutar independência e liberdade de acção? Sobre o facto julgo não se ter falado ainda na A. N. E, no entanto, o projecto de lei afirma que os cineclubes ficarão dependentes do Instituto Nacional de Cinema. De que maneira e com que intenção? Não se irá repetir o que aconteceu em relação ao estatuto-tipo e à malograda Federação?

A DESTRUIÇÃO DOS FILMES

Acerca da destruição das cópias dos filmes (uma das questões mais abordadas pelos parlamentares), Lauro António recorda que «o filme é comprado pelo distribuidor e, após cinco anos de exibição, é destruído por contrato». E acrescenta:

— Isto em princípio é mau, até porque as cópias poderiam reverter para a Cinemateca. Mas é preciso atender a que, no nosso país, a parte 40 ou 50 cinemas em condições, os exibidores tratam mal as cópias e estas, ao fim de uns anos, são completamente invisíveis. Claro que acho bastante mau que as cópias sejam destruídas. Preferia, apesar de tudo, que fossem parar à Cinemateca...

O CINEMA MERCADORIA

Três membros do Cineclubes Imagem — Manuel Rodrigues, presidente da Direcção, e A. Lacerda e Vivaldo Quintans, colaboradores, são de opinião que «a proposta de lei já elaborada no descolamento completo dos trabalhadores do cinema. No entanto, o Grémio anunciou publicamente ter participado na elaboração da proposta. Manuel Rodrigues reage o facto de a proposta encerrar

prioritariamente o cinema como mercadoria:

— Trata-se de um convite deliberado ao investimento estrangeiro na produção e na exibição.

Quanto à representação dos cineclubes no I. N. C., os colaboradores do Imagem afirmam:

— Procura-se a diluição dos cineclubes no conceito de «associações culturais», onde cabe tudo, até «associações» como a Procuradoria de Estudantes Ultramarinos. Isto passa por cima da definição internacional de cineclubes, e é-lhe contrária. Por outro lado, a forma como o delegado dessas «associações» vier a tomar assento no I. N. C. está viciada. Se for eleito, participará na eleição, entidades que nada têm a ver com o cineclubismo.

Os colaboradores do Imagem não estranham a «simpatia» parlamentar pelos cineclubes:

— Agora pode-se ser cineclubista. Grande parte dos cineclubes foi encerrada. Depois de liquidado, o cineclubismo pode receber um tratamento de bom comportamento.

A posição do Imagem resume-se na frase do seu presidente:

— A actual proposta de lei corresponde a necessidades e a interesses de uma camada muito restrita da população.

Clássicamente, diz-se que o Cinema é uma indústria e é uma arte. Daí a sua dupla importância política. Um personagem da «Sonata a Krentzer», de Tolstói, afirmava que a música deveria ser nacionalizada, tão grandes eram, na época, as suas potencialidades (e a sua periculosidade). Que dizer hoje do Cinema? Algumas décadas depois do seu nascimento, o animatógrafo é objecto de legislação especial nos Estados «civilizados». Portugal não perde o comboio

disco. Daí resultará a diminuir o número desejado

— A cidade vai ficar dividida em duas zonas. Assim, as zonas com números começados por 6, quando marcarem o 13, serão atendidas pelo Central da Estrela, e as restantes na Trindade — informou-nos o mesmo porta-voz da Companhia.

Enquanto isso não sucede, os limites são atingidos facilmente, e aos petiçãoários oferecem-se, por vezes, outras horas que não as pedidas. Se quer ser acordado às 8 h, e não houver vaga, oferecem-lhe as 7.45 h. ou as 8.15 h.

A SEGUIR (CONCLUSÃO) ELAS NÃO DORMEM DE NOITE PARA NOS ACORDAREM DE MTNHA (COM VOZ DE MARIA LEONOR

BAB

BIBLIOTECA ARCADIA DE BOLSO

UMA BIBLIOTECA EM PERMANENTE ATUALIZAÇÃO

A BAB, no oitavo ano de existência, é uma colecção destinada a todo o público e cobre a generalidade dos interesses culturais do homem moderno. Criada em função da era em que vivemos, o seu formato de bolso permite uma boa utilização do espaço exigido de que hoje dispomos. As suas características enciclopédicas resumem ao essencial e ao indispensável o tempo consagrado à leitura, considerando igualmente o poder muito importante do poder de compra. Vindo a abranger todos os ramos do conhecimento, a BAB pretende informar em termos concisos e claros e actualiza com o objectivo progressivo de inventariar a cultura universal.

O LIVRO DA QUINZENA

A CHINA ANTIGA, Jacques Gernet

Das origens da civilização chinesa, até à fundação do Império 221 anos AC, cerca de 1500 anos perpassam neste livro que descreve a sua prodigiosa evolução conduzindo à formação de um vasto Império culturalizado, comparável ao de Roma, mas muito mais povoado e muito mais avançado nas suas técnicas. Esta é, portanto, das mais fabulosas histórias da humanidade, tão mal conhecida do mundo ocidental.

Vol. 123 — 20800



os bónus da quinzena

A título excepcional os bónus referentes a esta quinzena poderão ser adquiridos até 31 de Janeiro

TERESA RAQUIN
Emílio Zola
Vol. 38 — 15800
OS OLIVOS E O SOL
S. Vailly
Vol. 6 — 15800



FORMAR, SEM DEFORMAR, UMA CULTURA VIVA

PEÇA O PROGRAMA GRATUITO DA BAB PARA 1971 EM QUALQUER LIVRARIA OU DIRECTAMENTE A ESTA EDITORA

EDITORA ARCADIA S. A. R. L.
Campo de Santa Clara, 160 — Lisboa 2

COLÉGIO DE NUN'ÁLVARES

TOMAR

HOMENAGEM PÓSTUMA AO SENHOR DOUTOR RAUL LOPES

ANTIGOS ALUNOS PEDE-SE MANDEM VOSSA MORADA

AVISO AOS BANCOS

Por se terem extraviado, no correio, entre Aveiro e Lisboa, não devem ser transaccionadas duas letras, aceites pela Empresa Teatral José Miguel, Lda, no valor de Esc.: 70.000\$00 e 21.000\$00, respectivamente.

Qualquer informação pode ser dada pelos telefones 366745 ou 366783.

EMPREGADAS DE CONTABILIDADE

PRECISA GRANDE EMPRESA

Bons conhecimentos, com prática de máquinas de contabilidade OLIVETTI.

Resposta a este jornal ao n.º 684.

Citroën GS.

O CARRO DO ANO

BREVEMENTE EM PORTUGAL

DO BALANÇO REAL AO BALANÇO FISCAL

Um livro de grande oportunidade

A SAIR BREVEMENTE Clássica Editora

Por pouco mais de 2 contos pode também ir a Luanda

COM EFECTOS: VIAGEM AEREA LISBOA/LUANDA E VOLTA
14 DIAS (TAXAS INCLUIDAS)
VIAGEM AEREA LISBOA/LUANDA/LISBOA E VOLTA
17 DIAS (TAXAS INCLUIDAS)
VENHA DE MILHETES **agencia abreu**
LISBOA — Av. da Liberdade, 160
PORTO — Av. dos Aliados, 207
COIMBRA — Rua de São, 3

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 21 de Janeiro de 1941 publicava:

VICHY, 21 — O informador oficial do governo de Vichy anunciou que a França se recusa, terminantemente, a entregar a esquadra francesa à Alemanha, a fim de ser depois utilizada contra a Grã-Bretanha. Acrescentou que o governo de Vichy insiste em que sejam totalmente observados os termos e condições postas no acto da assinatura do armistício, apesar da reconciliação entre o marechal Pétain e Pierre Laval.

COLHEITA DE SANGUE

O Instituto Nacional de Sangue tem a funcionar, na sua sede, Rua Pinheiro Chagas, 69.B, em Lisboa, um posto fixo de colheita de sangue. Todas as pessoas que pretendam oferecer, benévola e voluntariamente, o seu sangue, podem fazê-lo às segundas-feiras, das 10 às 13 horas, e às quintas, das 17 às 20.

JUNTA DE ENERGIA NUCLEAR

Partiu para Viena, por via aérea, o comandante Socorro de Brito, presidente da Junta de Energia Nuclear, que naquela capital vai tomar parte nos trabalhos da Reunião do Comité de Salvaguardas.

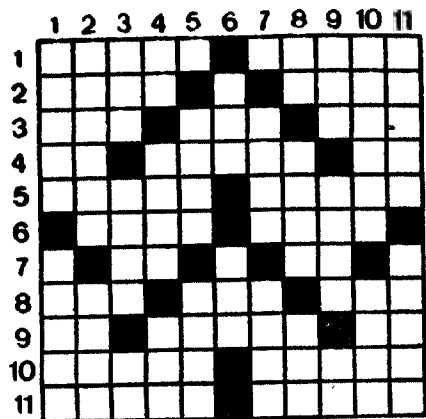
Em ALFARÉLOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no «Restaurante da Estação da C. P.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5781

HORIZONTAIS: 1 — Derrotas. Descolor. 2 — Semelhante. Rio de Portugal. 3 — Negativa. Preposição e artigo definido (pl). Artigo (abrev.). 4 — Campeão. Em tempo anterior. Segunda. 5 — Rol. Placido. 6 — Terra nova e anoteada de fresco. Rio dos Estados Unidos. 7 — Campeão. Pronome reflexo. 8 — Senhores. Barrete maurisco. Mil e dois em romano. 9 — Preposição e artigo definido. Segurar. Esquadra. 10 — Que não tem religião. Rotaria. 11 — Mulheres. Peça a que se prende a lã de uma viatura.

VERTICAIS: 1 — Trivial (fig.). Empregais. 2 — Afemia. Cidade da Itália. 3 — Imão do pai. Senhores. Letra grega. 4 — Preposição. Prendes. Vende a crédito. 5 — Anual. Vende a crédito. 6 — Rio de França. Bihis. 7 — Anido. Nome antigo do Sara (deserto). 8 — Artigo indefinido. Fechas as asas para descer mais depressa. Maior. 9 — Claridade. O mesmo que cima. Preposição. 10 — Encosto. Palmeira da Amazônia. 11 — Aumentativo de rato. Cidade da Ibéria.



Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5780

HORIZONTAIS: 1 — Vingarmos. 2 — Annu-mai. 3 — LV. AC. Pá. Pr. 4 — Tal. Afá. Ria. 5 — Alia. QUEM. 6 — Destrua. 7 — Amar. Eram. 8 — VAI. NÃO. Avô. 9 — Io. Mú. Ru. El. 10 — Patinai. 11 — Ostraceiros.

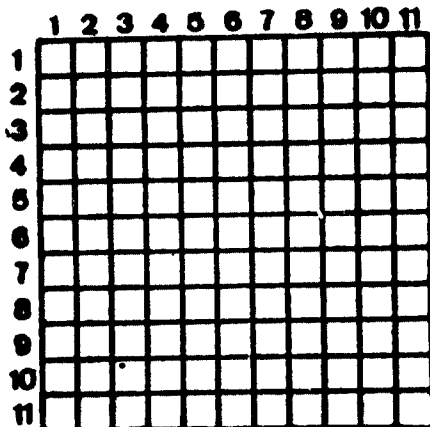
VERTICAIS: 1 — VOLTA. Aviso. 2 — Val. Mão. 3 — Na. Lidai. Pit. 4 — Grã. Aer. Mar. 5 — Arca. Nota. 6 — Ru. Fátia. Cl. 7 — Impa. Onie. 8 — AAA. Que. Uai! 9 — Mi. Ruara. Ir. 10 — Pie. Ave. 11 — Saram. Molas.

Provérbio: QUEM VAI NÃO VOLTA.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9624

HORIZONTAIS: 1 — Residi. Espécie de andorinha. 2 — Encadeada. 3 — Transpira. Cólera. Eia! 4 — Basta. Cidade de França. Troça. 5 — Bebidas refrigerantes preparadas com anidrido carbónico. 6 — Caminha. Distrito da Índia Portuguesa. 7 — Nota musical. Sagrado. Nota musical. 8 — Agora. Pronome possessivo. Línia. 9 — Freguesia do concelho do Cartaxo. Espécie de dança dos Samsanos. 10 — Etimologia. Por a embarcação em rumo. 11 — Involgar. Mulher que compra e vende roupas usadas.

VERTICAIS: 1 — Cargo de ministro de Estado. Relativo ao sol. 2 — Recua. Voltada. 3 — Rote. Gália (s. q). Mamífero desdentado espécie de tatu. 4 — Viração. Progenitores. Gosta muito. 5 — Caminharias. Campeão. Artigo definido. 6 — Engano. Despida. 7 — História. Basta. Rádio (s. q). 8 — Item. Rio de Portugal. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. 9 — Chefe etíope. Nota musical. Civilize (fig.). 10 — Rio de França. Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. 11 — Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Guarnecera de asar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9623

HORIZONTAIS: 1 — Carar. Eirar. 2 — Rima. Mete. 3 — Iró. Dia. Sai. 4 — Só. Co. Ar. Ra. 5 — Estar. Remis. 6 — Air. Nua. 7 — Arrenda. 8 — Air. Airai. Er. 9 — Tenda. Odete. 10 — Ecoa. Arem. 11 — Lasso. Usara.

VERTICAIS: 1 — Criso. Batel. 2 — Airosa. Re-ca. 3 — Imo. Tia. Nós. 4 — Ao. Carrados. 5 — Dor. Ria. 6 — Bi. Per. 7 — Air. Não. 8 — Im. Rendidas. 9 — Res. Mua. Era. 10 — Otária. Éter. 11 — Leias. Trema.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique, os soldados 12605/69, José Mendes de Sousa, natural de Casais, concelho de Penafiel, filho de David

de Sousa e de Filomena Mendes e o soldado n.º 13395/69, Raimundo Teixeira Catarino, natural de Azenha, concelho da Golegã, filho de Manuel Catarino e de Maria dos Santos Teixeira.

ATENÇÃO

Aos comerciantes e fabricantes de malas, luvas e confecções.

Vende-se pela maior oferta quatro mil metros de SKAIA c/ 1,30 de largura, ver na Rua dos Correeiros, 179-3.º — Telefone 3 56 38

ELECTRICISTAS DE BAIXA TENSÃO

Pretende-se admitir electricistas, oficiais e ajudantes, por um mês.

Dirigir-se à Secção de Pessoal do Entrepósito Comercial de Automóveis, S.A.R.L., Praceta de Moscavide—Olivais das 9 h às 12,30 h.

DACTILÓGRAFAS

Importante empresa admite com prática de teclado internacional.

Oferecem-se boas condições.

Resposta com experiência profissional anterior a este jornal ao n.º 702.

Necrologia

FUNERAIS

Dr.ª D. Sara Benoliel

Realizou-se, há um mês, em ambiente da maior intimidade no cemitério israelita, sem ser noticiado por sua expressa determinação, o funeral da sr.ª dr.ª D. Sara Benoliel, figura muito conhecida e considerada pelos seus méritos e dotes de coração. Contava 75 anos.

Médica pediatra de grandes méritos, dedicou toda a sua vida profissional à defesa da saúde da primeira infância, a sr.ª dr.ª L. Sara Benoliel, criou com a ajuda do dr. João Pais de Vasconcelos, então director dos Hospitais Cívicos, e do sr. coronel Nepomoceno de Freitas, enfermeiro-mor, o Gabinete Recreativo das crianças e que funcionou junto ao serviço do sr. prof. dr. Salazar de Sousa, no Hospital de D. Estefânia, em 1925.

Essa obra de largo alcance social, desdobrou-se depois na obra de Auxílio Maternal Feminino Assistência Infantil e propaganda de Puericultura, cuja divulgação, no nosso meio tanto ficou devendo à ilustre médica. O seu dinamismo e o seu entusiasmo pela obra do Gabinete Recreativo fez que conseguisse os meios indispensáveis para a sua criação e o seu desenvolvimento tanto no nosso País como no Brasil. A sr.ª dr.ª D. Sara Benoliel foi aluna da Universidade de Lisboa, onde se formou, com 17 valores, em 1925.

Artur Fernandes Martins

Realizou-se esta manhã, para o cemitério do Lumiar, o funeral do sr. Artur Fernandes Martins, de 78 anos, artista grande na restauração de instrumentos musicos e colecionador de raro mérito.

Frequentara o Conservatório Nacional e instalara depois uma oficina de reparação de instrumentos no Largo da Biblioteca Pública, oficina por onde passaram os nossos melhores artistas e colecionadores.

Artur Fernandes Martins era casado com a sr.ª D. Isabel Glória Assunção Martins, pai da sr.ª D. Maria José Martins Silva Santos, casada com o sr. Ildio Manuel Silva Santos, e do dr. Augusto Fernandes Martins, casado com a senhora D. Maria Emília Abreu Fernandes Martins, e do eng.ª José Manuel Fernandes Martins, casado com a sr.ª D. Maria Emília Aguiar Ferreira da Silva Fernandes Martins; irmão das sr.ªs D. Maria e Ana Fernandes Martins, D. Isabel Martins Esteves de Carvalho e D. Emília Martins Monteiro de Sousa; e avô dos meninos Isabel Glória, Augusto José e Pedro Augusto Abreu Fernandes Martins e João Manuel, Ana Maria e Isabel Maria Fernandes Martins.

Manuel Mendes

A meio da tarde realizou-se o funeral do sr. Manuel Mendes, de 60 anos, falecido há dias no Porto e que ficou sepultado no cemitério do Alto de S. João.

Era há muitos anos funcionário da fábrica de malhas Mirex, de Mira de Aire. Era pai do locutor sr. José Mendes, casado com a sr.ª D. Adelaide de Oliveira Mendes. Deixa viúva a sr.ª D. Irla Leal Julia Mendes.

D. Maria de Portugal Leitão

Na sua residência, na Avenida António Augusto de Aguiar, n.º 165-2.º-Edif., faleceu hoje a sr.ª D. Maria de Portugal Leitão, de 77 anos, natural de Lisboa, viúva do falecido escritor Joaquim Leitão.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., do Largo Frei Heitor Pinto, realiza-se amanhã, às 11 horas, da re-

sidência para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

SUFRÁGIOS

Actor Vasco Fernandes

Celebrando o 30.º aniversário natalício do actor Vasco Fernandes, professor de Mimi-

ca e Movimento do Conservatório Nacional, celebra-se amanhã, às 12 horas, na igreja do Loreto, missa de «requiem» evocando o trágico desastre de viação em que o artista perdeu a vida. A cerimónia é por iniciativa da família, incluindo o irmão, o jornalista Alves Fernandes

PORTO, 21 — Com a habitual constituição, presidido pelo juiz sr. dr. Morais Campilho, prossegue no Tribunal Pleno o julgamento do rev. Mário Pais de Oliveira, pároco da freguesia de Macieira da Lixa, acusado de actividades subversivas.

Na sessão de ontem, o ajudante do procurador da República ditou para a acta a sua resposta ao protesto do advogado de defesa, sr. dr. José da Silva, o que, por sua vez, aceitou como boa a rectificação constante da resposta agora dada pelo ajudante.

Foram ouvidas as testemunhas srs. Aníbal Martins, professor aposentado; Jaime Moura da Costa, empregado de escritório; e Rodrigo Fernandes da Silva, guarda-livros, que responderam às instâncias da defesa e da acusação.

O julgamento do abade de Macieira da Lixa

TRANSFORMAMOS DINHEIRO EM PROGRESSO!



FACULTAMOS

Crédito a médio ou longo prazo para:

- * Investimento.
- * Produção.
- * Venda a prazo de bens de equipamento.
- * Exportação.

COLABORAMOS

com as actividades económicas nacionais na realização de:

- * Estudos económicos sobre oportunidades de investimento e
- * Contactos com empresas nacionais e estrangeiras para a concretização de iniciativas de interesse mútuo

REMUNERAMOS

Depósitos de prazo superior a um ano, à taxa de 5,5% com:

- * Isenção total de impostos.
- * Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.
- * Segurança total.

**BANCO
DE FOMENTO
NACIONAL**



METRÓPOLE

SEDE: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.

ULTRAMAR:

Direcções Gerais: LUANDA, LOURÊNÇO-MARQUES

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Actualidade internacional

As memórias de Kruchtchev foram a mistificação do século

— segundo Victor Zorza

LONDRES, 21 — (R.) — Um perito em assuntos comunistas, Victor Zorza, afirma hoje que as memórias de Kruchtchev eram uma falsificação em que tanto a KGB como a CIA desempenharam um papel.

Num artigo publicado no «Guardian», Zorza declara que as memórias foram descritas como a sensação impressa da década. Contudo, havia bastantes provas que sugeriam que elas foram a mistificação impressa do século.

Diz que as memórias não vieram do antigo dirigente comunista nem, como tem

sido afirmado, do «departamento de desinformação» da KGB, em Moscovo, embora tanto Kruchtchev como a KGB tivessem alguma coisa a ver com elas.

Zorza assevera que a KGB conseguira meter algum do material na revista «Life» e que a CIA agira, então, para fazer gorar a operação.

Prossegue dizendo que artigos posteriores da sua série apresentariam as provas indicando o envolvimento da CIA.

O articulista alega que os seus artigos demonstrarão que muitos dos erros

— dos quais existem «literalmente centenas» — não podiam conceberivelmente terem sido cometidos pelo próprio Kruchtchev, «não obstante quão imperfeita a sua memória pudesse ser».

Acrescenta que as suas provas lhe levaram um mês a recolher e que procurara pessoas que aparecem no livro e que só elas podiam confirmar ou desmentir alguns dos factos mencionados. Com esse fim, falou com Svetlana, a filha de Estaline, com o antigo dirigente jugoslavo Milovan Djilas e com o pianista soviético Vladimir Ashkenazy.

SNOWDON: «PERSONA NON GRATA» PARA A FAMÍLIA REAL

NOVA YORK, 21 — (R.) — «Lord» Snowden, o marido da princesa Margarida, é actualmente considerado «persona non grata» nos círculos da família real britânica devido aos rumores que correm sobre a sua ligação amorosa com uma jovem de 24 anos da melhor sociedade inglesa, afirma hoje o «New York Daily News».

«Os amigos de Snowden já perceberam há algum tempo que ele é «persona non grata» entre a família real que deixou de lhe chamar Tony para se referir a ele apenas como «esse indivíduo».

O jornal afirma ainda que «Lord» Snowden parte hoje para as Caraíbas em convalescença após a intervenção cirúrgica a que foi submetido e a princesa Margarida irá ter com ele na próxima semana.

«Margaret aparentemente tenciona dar a Tony uma possibilidade de reconciliação, desde que ele rompa a ligação muito falada, embora oficialmente negada, com «Lady» Jacqueline».

O mesmo jornal afirmou há dias que a companheira de «Lord» Snowden é a filha do marquês de Reading, uma bela loira da alta sociedade que já trabalhou como modelo. A história foi desmentida pelos pais de Jacqueline e por um informador da família real.

O «Daily News» acrescenta ainda que a tentativa de reconciliação está a ser feita por



ARMSTRONG JONES — aquele indivíduo

«Lord» e «Lady» Rupert Nevill, íntimos amigos da família real, que já em 1955 tinham aconselhado a princesa Margarida quando ela decidiu acabar o seu romance com Peter Townsend, um comandante da aviação divorciado.

não perca!



e ganhe o novo Cortina - a nova estrela Ford

Sorteamos-lo entre todos os visitantes da maior exposição automóvel jamais realizada em Portugal. Ganhe o novo Cortina 1300L. E veja todos os modelos da nova estrela Ford — 1300, 1300L, 1600XL, 1600GT, 2000GXL, de 2 ou 4 portas. Revolucionariamente espaçosos. E mais potentes. O novo Cortina é o carro que é mais automóvel.

Conheça toda a gama Ford — automóveis, comerciais ligeiros, camiões, tractores. Avalie a contribuição dos produtos nacionais na montagem do seu Ford. Se quiser, leve a família. E jantem no restaurante da FIL. Há preços especiais para os visitantes. E, como em toda a FIL, atmosfera climatizada. O cinema da FIL projecta ininterruptamente excitantes filmes sobre automobilismo. O parque de estacionamento é enorme — o seu carro deve ter lugar.

A Expo-71 da Ford vai-se manter até ao dia 23... Pode percorrê-la demoradamente as vezes que quiser — qualquer dia útil das 18 às 23.30 horas e, aos sábados e domingos, desde as 15 horas.



Ford á Frente

Para o receber, os Concessionários Ford em Lisboa

AUTO-BOAVISTA, AUTO-RALI, J. MENDES COELHO, LINCURI, STAND MODERNO, SINDUL-TRACTORES

Uma dinamarquesa atenderá

os portugueses em apuros

em Nova York

NOVA YORK, 21 — (R.) — Os portugueses que tiveram dificuldades em Nova York passam agora a ter à sua disposição um serviço de informações em português pelo telefone, bastando-lhes procurar o número de «telemistry» e ligar para lá.

A organização conta com centenas de voluntários que falam praticamente todas as línguas do mundo e em suas casas ou nos empregos estão prontos a qualquer hora para atender os pedidos de auxílio que constantemente lhes chegam pelo telefone.

Inicialmente a agência dedicava-se apenas a ajudar as pessoas de língua inglesa que a procuravam com problemas que podiam ir desde o desemprego à viciação em drogas.

Actualmente, os serviços foram alargados e estão prontos a atender portugueses, chineses, turcos, coreanos, árabes, arménios, espanhóis, italianos, húngaros, alemães, holandeses, etc.

Durante o ano passado duzentos voluntários atenderam cerca de 60 000 pessoas de língua inglesa.

Entre os novos voluntários que falam línguas es-

trangeiras figura uma dinamarquesa que trabalha numa firma de importações e exportações, que além do dinamarquês fala inglês e português. Há também um cego fluente n italiano, um bancário que fala francês e uma psicóloga que domina o yidish.

ABOLIDA

A PENA DE MORTE NA PENSILVÂNIA

HARRISBURG (Pensilvânia), 21 — (F.P.) — O procurador-geral da Pensilvânia aboliu ontem a pena de morte e ordenou que a única cadeira eléctrica do Estado, que se encontra na prisão de Rockview e que não tem servido desde 1962, seja imediatamente retirada. A sala de execuções será transformada num escritório. Havia 24 condenados à espera no «corredor da morte».

Ao todo, foram executadas na Pensilvânia 350 pessoas. Este Estado é o décimo primeiro a abolir a pena capital.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Laboratórios Farmacêuticos

Responsável lançamento produtos semi-populares e populares com êxito comprovado, conhecedor profundo mercado e da comercialização de produtos farmacêuticos em todos os seus aspectos, deseja lugar compatível. Resposta a n.º 703 deste jornal.

SATISFAÇÃO NA ONU COM O PLANO DE PAZ EGÍPCIO

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 21 — (R.) — Nos círculos diplomáticos ligados à conferência de paz do Médio Oriente foi recebido com satisfação o plano de paz de seis pontos apresentado pelo Egito ontem ao Conselho de Segurança.

Embora esse documento denuncie as recentes propostas israelitas que considera meras repetições das posições anteriormente expressas, os diplomatas consideram que a sua publicação é um passo positivo no sentido de ser prolongado o actual cessar-fogo para além do dia 5 de Fevereiro.

As mesmas fontes, ocidentais e de países neutros manifestaram satisfação pelo facto de haver alguns pontos comuns nas posições egípcia e israelita, apesar de serem consideráveis as diferenças que as separam.

O plano egípcio transmitido ao Conselho de Segurança

através de Gunnar Jarring garante a paz e a inviolabilidade territorial e independência política de todos os Estados do Médio Oriente, bem como o restabelecimento de liberdade de navegação dentro do contexto de um acordo geral.

Por outro lado, insiste na retirada israelita para as fronteiras anteriores à guerra dos seis dias, na criação de uma força de paz da O. N. U. em que participem as quatro grandes potências e na criação de zonas desmilitarizadas ao longo das fronteiras israelo-árabes. Estas propostas até agora foram consideradas inaceitáveis por Israel.

OS «FEDDAYIN» NÃO SE OPÕEM

CAIRO, 21 — (R.) — A Organização de Libertação da Palestina confirmou a noite passada nesta capital que não deita por quaisquer obstáculos no caminho do Egito para procurar uma solução pacífica para a crise do Médio Oriente.

Um informador da Comissão Central comentando uma notícia publicada ontem pelo influente jornal cairota «Al Ahram», disse que a revolução palestina não tinha desistido da sua oposição

à resolução de Novembro de 1967 do Conselho de Segurança ou ao plano de paz de 1970, proposto pelo secretário de Estado americano, William Rogers.

Reconheceu, porém: «Esse compromisso não constitui uma restrição a tentativas por parte da República Árabe Unida para fazer desaparecer as consequências da

agressão árabe, desde que o Egito não renuncie aos direitos do povo da Palestina ou se comprometa com algo que possa restringir a luta palestina».

Novo campo de detenção no Sinai

TEL-AVIV, 21 — (F. P.) — As autoridades militares israelitas abriram mais um campo de detenção no Sinai para os palestinos presos em Gaza. Num comunicado, o Governo explica que esta medida se tornou necessária devido às recentes capturas na região da faixa de Gaza de muitas pessoas suspeitas de actos de terrorismo e não haver lugar para elas nas cadeias.

Saldo negativo de 25 biliões no orçamento americano — prevê Wilbur Mills

WASHINGTON, 21 — (R.) — Um saldo negativo de 25 000 milhões de dólares no orçamento americano é previsto para o próximo ano fiscal pelo congressista Wilbur Mills, presidente da Comissão de Meios da Câmara dos Representantes.

Falando sobre o projecto de lei que apresentou no

sentido de ser limitada a importação de têxteis estrangeiros, disse que manterá a sua promessa feita à indústria têxtil americana de procurar impedir que o mercado seja inundado por mercadorias estrangeiras.

Wilbur Mills afirmou que apresentará novamente a proposta quando o Congresso se reunir de novo. No entanto, salientou que continuarão a ser procurados acordos entre os Estados Unidos e os países exportadores de têxteis no sentido de uma limitação voluntária das exportações.

A reunião do Commonwealth

(Continuação da 1.ª página)

tou a crescente presença naval soviética no Índico como justificação para a sua decisão de fornecer armas à África do Sul, mas a maior parte dos membros da Commonwealth acha que a ameaça soviética foi apresentada de uma forma exagerada.

DERROTA DO AFRICANISMO NEGRO
PRETÓRIA, 21 — (A. N. I.) — Nos círculos governamentais sul-africanos, a decisão da Comunidade Britânica de adiar a questão das vendas de armas por Londres a Pretória, foi considerado como uma derrota do africanismo militante negro na conferência de Singapura.

Nota-se ainda que nem

a Tanzânia, nem a Zâmbia, nem o Uganda — países que se opõem fortemente à venda de armas à África do Sul — pertencem à comissão das oito nações da Comunidade, em que se está estudando o assunto.

Serviços Sociais das Forças Armadas

Lugar de porteiro

De preferência a reformados.

Aceitam-se inscrições na R. Pedro Nunes, n.º 8, 6.º andar, Lisboa.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

RUA BRAAMCAMP, 9-2.º — LISBOA

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO COM O GRÊMIO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE PRODUTOS QUÍMICOS PARA A AGRICULTURA E INDÚSTRIA

Comunicamos a todos os Profissionais de Escritório das Empresas abrangidas por este Sector que se realiza amanhã, dia 22, às 21.30 horas, na CASA DO ALENTEJO, sita na Rua das Portas de Santo Antão, n.º 58, em Lisboa, uma reunião de informação sobre a situação das negociações.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1971.

A COMISSÃO DIRECTIVA

MAIS TRABALHADORES PORTUGUESES E MARROQUINOS NA BISCAIA

BILBAU, 21 — Segundo dados fornecidos pela Delegação do Trabalho de Biscaia, regista-se um acentuado aumento do número de trabalhadores procedentes de Portugal e Marrocos que excede em muito o dos anos anteriores.

Neste momento tem-se conhecimento oficial da existência de 444 trabalhadores portugueses na Biscaia, contra os 333 que se contavam em Março do ano passado. Nesse número estão incluídas 39 mulheres. Dezasseis trabalhadores vivem trabalhar por conta própria e 424 como assalariados.

Também aumentou consideravelmente este ano o número de traba-

lhadores marroquinos chegados à Biscaia. Os 231 que aqui se encontram actualmente vieram durante o ano de 1970. Incluem-se nesse número 220 trabalhadores rurais.

A vinda de trabalhadores estrangeiros, sobretudo para o sector da construção, deve-se em grande parte, à diminuição do número de trabalhadores espanhóis que saem das suas províncias para ir efectuar esses trabalhos. A imigração interna, pelo menos a que consta dos registos da Delegação de Trabalho da Biscaia, diminuiu consideravelmente. Por isso, as empresas vêem-se obrigadas a recorrer à mão-de-obra estrangeira.

PEIXE CONGELADO



Empresa Distribuidora de Produtos Alimentares, Lda., com sede em LISBOA — na Travessa da Saúde, n.º 2 — e Delegações em MATOSINHOS, COIMBRA, MONTEMOR-O-NOVO, ESTREMOZ, PORTIMÃO e OLHÃO tem nos seus armazéns

GRANDES «STOCKS» DE PESCADA E OUTRAS ESPÉCIES DE PEIXE CONGELADO NAS MELHORES CONDIÇÕES DE PREÇOS E HIGIENE

Os comerciantes GROSSISTAS e RETALHISTAS podem fazer os levantamentos de peixe congelado que necessitarem em LISBOA e MATOSINHOS ou requisitarem nas outras Delegações consoante as zonas da sua comercialização.

ASSEGURO O ABASTECIMENTO PÚBLICO DE PEIXE CONGELADO



A melhor organização do País de produtos alimentares congelados

LISBOA — Travessa da Saúde, 2 — Telef. 613301 (10 linhas)

MATOSINHOS — Rua Herculano de França, 251-1.º — Telef. 93 39 83

COIMBRA — Rua João do Ruão, 33 — Telef. 2 43 12

MONTEMOR-O-NOVO — Estrada Nacional — Telef. 8 24 56

OLHÃO — Praça João de Deus, 86 — Telef. 7 21 46

PORTIMÃO — Rua Engenheiro Cancela de Abreu — Telef. 828

Tem economias? —Aplique-as da melhor maneira!



O CAPITAL INVESTIDO EM PROPRIEDADES RENDE MAIS

As economias mais modestas encontram nos nossos empreendimentos assegurado o acesso à casa própria

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 150 CONTOS
ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

PAÇO DE ARCOS — Bairro Comendador Joaquim Matias
CASCAIS — Conjunto Turístico da Pampilheira
REBOLEIRA — Edifício Oeiras

LISBOA
QUELUZ
COIMBRA
CASTELO BRANCO

—Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 45843/47843
— Rua D. Maria I, 30 — Telef. 952021/22
— Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º — Sala 1
— Praça do Rei D. José (com entrada pela Rua da Figueira)

ESCRITÓRIOS

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos
Grupo VIII — Concurso para
fornecimento de roupas de cama,
tipo infantil

Até às 17.30 horas, do dia 1,
do próximo mês de Fevereiro,
encontram-se patentes no Serviço
de Abastecimentos deste Hospi-
tal, todos os dias úteis, das 10
às 13 e das 14 às 17.30 horas,
excepto sábados em que o Ser-
viço encerra às 13.30, as con-
dições para o fornecimento em re-
ferência.

Lisboa, em 20 de Janeiro de
1971.

O CHEFE DO SERVIÇO

COLÉGIO

NA PROVINCIA ADMITE
PREFEITOS COM BOM
VENCIMENTO, INCLIN-
DO FÉRIAS GRANDES.

RESPOSTA AO N.º 699.

PERDEU-SE CÃO NO ESTORIL

Raça Cairn, pelo duro, cor
cinzento, responde ao nome
de Monti, Tel. 261091



CASE O SEU CARRO
COM UMA
CARAVANA C.I.



EXPOSIÇÃO DOS NOVOS MODELOS 1971 NOS SALÕES DA



De 23 a 31 de Janeiro - Aberto das 10h. às 23h.

(apresentação da nova linha EUROPA)

IMPORTADOR EXCLUSIVO

MARCAMPO

Av. Almirante Gago Coutinho, 56-D - Tel. 726776 LISBOA

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA AS OBRAS
DE ACABAMENTO DA AMPLIAÇÃO
DO REFEITÓRIO, NA AV. MANUEL DA MAIA, 40
LISBOA

Faz-se público que às 15 horas do dia 15 de Feve-
reiro do corrente ano, se procederá ao concurso público
acima designado.

Depósito provisório 12 500\$00

O caderno de encargos encontra-se patente, todos
os dias úteis, durante as horas normais de expediente,
na Sede da Caixa, no 4.º andar esquerdo, nos Serviços
de Património, onde serão prestados mais quaisquer
esclarecimentos necessários.

Os concorrentes deverão prever nas suas propostas
a aplicação de alguns materiais existentes na obra.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1971.

A DIRECÇÃO



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«MOÇÂMEDES» *	28 de Janeiro	S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Novo Redondo (se necessário) e Porto Amboim.
«NACALA»	31 de Janeiro	Leixões, Luanda, Lobito e Moçâmedes.
«P. PERFEITO»	9 de Fevereiro	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques, e Beira (Carrega em Lisboa até 6 de Fevereiro).
«Moçambique» *	17 de Fevereiro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (Carrega em Lisboa até 14 de Fevereiro).
«Porto Amélia» *	17 de Fevereiro	Lourenço Marques, Beira e Nacala (Carrega em Lisboa até 14 de Fevereiro).
«BEIRA» *	25 de Fevereiro	Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Nacala e Porto Amélia (se necessário).

* Com escala prévia por Leixões Reserva de passagens: Telef. 34764 e 369172
Agência de carga aérea, diariamente para todo o Mundo

LISBOA — R. DO COMÉRCIO, 85: TEL. 323021;
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63: TEL. 22438

CALENDÁRIO PARA 200 ANOS

Enviamos, bem como um
lindo jogo de ilusionismo, a
quem remeter 5500 em selos
do correio.

Pedidos a:

M. A. NASCIMENTO
Apartado 265 — PORTO

AGRADECIMENTO

D. Catharina Burns
Ferrie Rocha

(Falecida
em 18-12-1970)

Sua família, que lhe não
foi possível, até esta data,
(por várias razões, entre as
quais o desconhecimento de
moradas) agradecer, pelo Ser-
viço Postal, a todas as pes-
soas amigas, as sentidas con-
dolências ou a sua compari-
cia ao funeral da defunta,
agradece às pessoas amigas,
a quem, ainda, o não fez, as
condolências, que lhe apre-
sentaram, ou a sua compa-
rência, no aludido funeral.

Companhia de Navegação CARREGADORES AÇOREANOS

N/M «AÇORES»

Sai de Lisboa

no dia 29 de Janeiro

para N. YORK
FILADELFIA
NORFOLK
BALTIMORE

Aceitam-se cargas. Contacte com os nossos serviços na

AV. D. CARLOS I, 42-4.º — Tel. 69 01 51 — LISBOA-2

TERRENO

PARA AS INSTALAÇÕES NOVAS DA SUA INDÚSTRIA

Vende-se, cerca 60 000 m2, terraplenado e pronto a cons-
truir qualquer ramo comercial ou industrial, junto
Sacavém, com dois bons acessos. Traça: Avenida João
XXI, 9A — LISBOA

O Sporting no Brasil

A antecipação do jogo Vitória de Setúbal-Sporting (correspondente à jornada de domingo próximo, mas realizado antes da partida da equipa de Alvalade para o México) permite que os pupilos de Fernando Vaz se mantenham em digressão no momento em que o «Nacional» vai prosseguir.

Assim terminada a campanha no México, a comitiva «leonina» seguiu para o Brasil, devendo chegar a S. Paulo às 17 horas de hoje (hora portuguesa). No próximo dia 25, segunda-feira, o Sporting deontará a equipa do S. Paulo.

ESTA NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: C. N. O. C. A.-C. I. F., às 20 e 30; Madre de Deus-Cova da Piedade, às 21 e 45; e Encarnação-Boa Hora, às 23. no Pavilhão da Ajuda.

TENIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa da I Divisão: Paço de Arcos-Sporting, Intendente-Mirantense, Cent. Católico-Ateneu, G.I.P. A.-Beleenses e Benfica-Ávila.

II Divisão: Rodrigues Cordeiro-S. L. Aguias, Cacém-Acad. da Amadora, Amoreiras-Escola da Amadora, Arte e Sport-Desportivo Operário e Armadorense-Arroios.

III Divisão—Série A: Graça-Madre de Deus, Recordação Apolo-Fontainhas e Oelras-Castelo. Série B: Climentes Tejo-Musical União, Alunos Apolo-Alenquer e Benfica, e Laranjeiro-Rio Seco. Todos nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A ACADÉMICA REGRESSOU

«FRENTE AO FLAMENGO (DE YUSTRICH) O ÁRBITRO NÃO NOS DEIXOU GANHAR...»

A Académica chegou a Lisboa às 10 e 30 da manhã de hoje, partindo uma hora mais tarde rumo a Faro.

Durante o escasso período em que permaneceram no aeroporto da Portela, tivemos ensejo de ouvir alguns elementos. Todos manifestavam a sua satisfação pela forma como as coisas haviam corrido no Brasil, onde a Académica deixou um cartaz difícil de igualar: cinco jogos disputados e nenhuma derrota.

O dirigente dr. Mário Faria, por exemplo, disse-nos:

— Foi uma digressão extraordinária em todos os aspectos, desde o social ao des-

portivo. Agradámos — e tanto, que fomos convidados a voltar.

Sobre o jogo de ontem, frente ao Flamengo de Yustrich (empate a zero golos):

— Actuámos bem, mas a arbitragem foi francamente má e totalmente casista. A expulsão de Vítor Campos não se justificava de maneira nenhuma, e, além disso, marcámos um golo que o árbitro invalidou. Um golo lindo e legal, mesmo segundo a imprensa brasileira.

Por sua vez, Manuel António mostrava-se pouco entusiasmado com o futebol brasileiro:

— Fiquei, até, um tanto de-

siludido. É certo que eles ainda estão no princípio da época, mas não tenho quaisquer dúvidas de que em outros relevados e com uma temperatura mais amena, nós teríamos ganho todos os jogos que empatámos. No entanto, a digressão foi totalmente positiva: se não vencemos todos os encontros, a verdade é que também não perdemos nenhum.

E finaliza:

— É claro que não podemos vir muito frescos... mas vamos ter três dias de repouso em Faro, e isso será suficiente para recuperar...

Sorri, e acrescenta:

— Não teria graça não perder no Brasil, e sair derrotado da frente ao Farense!

OITO JOGADORES

CASTIGADOS

O Conselho de Disciplina da F. P. F., na sua reunião de ontem aplicou os seguintes castigos:

Três jogos — José Nogueira Nav. 1.º de Maio; José Gaspar, Alfarede; Francisco Gomes, Moura A. C.; e António Caetano, Desportivo de Beja, por agressão a adversários.

Dois jogos — Carlos Villanova, Juventude, por atitude incorrecta para com o árbitro.

Repreensão por escrito — Maximino Salvador, Nazarenos e João Félix, Portalegre, por atitudes incorrectas para com o árbitro.

Um jogo — Manuel Caetano, do Campomaiorense, por prática de jogo perigoso sistemático.

A TREINADORES

Repreensão por escrito — José Aguias, do Oriental, por atitude incorrecta para com o árbitro.

Acontecimentos DE ONTEM

LUTA GRECO-ROMANA

Proseguiu o Campeonato Nacional de Luta Greco-Romana (para equipas de juniores). Vencedores de ontem:

48 quilos — Tertuliano Onofre (Runa).

52 quilos — Francisco Melcias (Runa).

56 quilos — José Salgado (Ateneu).

60 quilos — António Alves (Runa).

65 quilos — Celestino Antunes (Ateneu).

70 quilos — Henrique Cruz (Ateneu).

75 quilos — Carlos Reis (Ateneu).

81 quilos — Estêvão Cruz (Ateneu).

TENIS DE MESA

O Sporting triunfou na Taça Imprensa (meninas) batendo, por 3-0, a equipa de ténis de mesa da Sociedade Alunos de Apolo.

Resultados parciais: Ana Maria Cruz (Sporting)-Maria Teresa (Alunos Apolo), 2-0 (21-5 e 21-6); Maria Gabriela (Sporting)-M. Clotilde (Alunos Apolo), 2-0 (23-21 e 21-11); Ana Cruz-M. Gabriela

(Sporting)-M. Clotilde-Teresa (Apolo), 2-0 (21-15 e 21-7).

FUTEBOL

A contar para o Campeonato Nacional de Futebol da terceira divisão, o Desportivo de Chaves venceu (por 2-0) o Arcos de Valdevez.

ESGRIMA

Começou a disputar-se, na sala do Clube Shell, o torneio de espada da «Taça Informações».

Resultados: C.D.U.L. (A), 13-0; C.D.U.L., 3; Grémio Literário

(A), 9-Grémio Literário (B), 7; Clube Shell, 10-Ateneu, 6.

BASQUETEBOL

Campeonato de Lisboa da II Divisão em Basquetebol: Mar-a-Pia-Pedrouços, 54-45; Quiluz-Liberdade, 56-39; Sacavenense-Oeiras, 74-44. Em Torres Vedras, o mau tempo não deixou realizar o jogo Educação Física-Sporting de Torres.

BILHAR

Em Bruxelas, para o «Europeu» de bilhar às três tabelas, António Vinagre perdeu com o holandês Bracht.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Açores XX1 111 X11 1111; Beira Baixa — 111 121 211 1111; Brados do Alentejo — X11 XX1 X11 11X1; Cava da da do Ritmo — 12X 221 1X1 X1X1; Estação Emissora do C. Asas do Atl. — X11 X11 X1X 1111; Comércio de Portimão — 211 221 111 1111; Correio dos Açores — 211 2X1 211 1111; Correio de Coimbra — 211 2X1 211 1111; A Defesa — 111 XX1 212 1111; Defesa de Espinho — 211 221 X12 2111; Diário da Manhã — 21X 1X1 2X1 1111; O Distrito de Setúbal — XXX 121 212 111X; Eco do Desporto — 211 XX1 21X 1111; Estrela da Manhã — X11 XX1 1XX 11X1; Eu Sei Tudo — X11 221 X11 1111; Gazeta do Sul — 1X1 X11 211 1121; A Ilha — 11X X11 21X 1X11; Imagens Piedenses — X11 111 X12 111X; Jornal das Aves — 211 2X1 1X1 1X11; Jornal da Lixa — 111 2X1 212 1111; Jornal de Santo Tirso — X11 2X2 211 1X1X; Jornal de Sintra — X11 1X1 X12 11X1; Jornal de Viseu — 2X1 2X1 11X 2111; Linhas de Elvas — 211 111 211 1XXX; Maria da Fonte — X12 X11 212 1121; Mundo Desportivo — 111 XX1 112 1111; Notícias d'Avor — 211 XX1 212 111X; Notícias de Felgueiras — X11 2X1 2XX 111X; Novidades — X11 211 X12 11X1; Peça Que Não Maça — X11 211 X11 11X1; Badaleda — 111 X11 11X 1111; Boletim Desportivo RP — 111 111 111 1111; Cantinho Ricardo Lemos — X11 X21 XX1 1X11; Centro Desportivo — X11 111 X1X 11X1; Colina Sagrada — 21X XX1 1X2 1111; O Comércio do Porto — X11 2X1 X11 1111; Correio do Vouga — 211 121 211 1111; De Tudo Um Pouco — X11 211 21X 1111; As 10 Espere Por Nós

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 20 da 10. época

— XXX 22X X11 X112; Diário de Coimbra — 211 XX1 211 1111; Diário do Minho — 211 1X1 21X 11X1; Diário do Norte — 111 211 X1X 11X2; Ecos de Cacia — 211 221 21X 1111; Folha do Domingo — 111 X21 212 11X1; Dos Fracos Não Reza a História — 111 2X2 X11 1112; Ideal Rádio — 111 XX1 X11 1111; O Jornal de Felgueiras — 111 X21 212 1X11; Litoral — X11 X11 212 1111; Momento do Totobola — 21X 2X1 111 1XX1; O Norte Desportivo — 111 211 X1X 1111; Notícias de Chaves — 211 2X1 121 1XX1; Notícias do Douro — X11 2X1 11X 1111; Passatempo JJ. — XX1 2X1 XXX 111X; O Porto — X11 22X 1X1 1X12; Povo Algarvio — X11 111 212 1121; Póvoa de Lanhoso — 1X1 X11 111 1111; Prog. Electro Mecânico — X1X 211 X1X 1111; Prog. Sem Nome — 111 221 211 1X11; Rádio Alitude — X11 2X1 21X 11X2; Rádio Clube do Norte — 211 21X 111 12X1; Rádio Oceano — 1X1 X11 211 112X; A Rabeca — 2X1 X21 21X 11X1; Auto Rádio — 21X X11 112 1111; Campeão Português — 21X 111 X1X 111X; Reconquista — 111 111 211 1111; Renovação — 111 11X 211 1111; Repórter do Dia — 211 XX1 X12 11X1; Repórter do Dia (Angola) — 111 X11 211 112X; República — X11 X2X 212 1X11; Resenha Desportiva — 211 211 X11 111X; Revista de Som — 211 XX1 21X 1111; O Sorriso da Hora do Almoço — 2X1 211 2X1 2111; O Templário — X11 XX1 21X 11X1; Terra Alta — 211

121 11X 1121; A Voz — 111 X11 X12 1X11; A Voz Desportiva — 211 2X1 211 1X1X; A Voz do Domingo — X1X X21 211 1111; Voz de Lamego — 211 1X1 21X 1112; A Voz dos Ridículos — 211 X11 X11 111X; Voz do Casa Pia — X11 2X1 X11 1111; Comércio de Leixões — 211 X11 21X 1111; Jornal Notícias — X11 2X1 X11 11X1; A Lição do Menino Quim — 212 211 X11 1111; Mosaico — X11 211 21X 1111; Penalti — 111 211 212 1111; Primeiro de Janeiro — 211 X11 122 11X1; Rádio Placard — 211 211 X11 1111; Estúdio 64 — 211 211 212 111X; Placard Desportivo — 211 X11 11X 1111; Passatempo — 111 111 111 1111; Rádio Sports — XXX 2X1 2XX 1121; Miscelânea Musical — 111 211 XX1 11X1; Montra do Exito — X11 22X

21X 111X; S6 Rádio — 211 X11 22X 1111; Música e Desporto — 111 2X1 X12 112X; Boletim Desportivo T. A. — X21 211 11X 111X; Prog. da Manhã — 112 11X 212 1XX1; Diário de Lisboa — 111 2X1 2X2 11XX; Bondiazinho — X21 211 X12 2X2X; Brado Africano — 111 222 XX2 1212; Cidade 71 — 111 X11 X12 21X2; Diário de Moçambique — X1X XX1 X1X 1X11; Domingo Alegre — 111 211 1X2 2112; Jornal Desportivo — X11 221 2X2 11X1; Passatempo — X2X 211 X22 X111; Roteiro Sonoro — 2X1 221 X12 1X11; Terceiro Programa — 121 211 X12 111X; Vamos Jogar no Totobola — 211 21X 112 2X12; O Apostolado — X1X 221 X11 X111; O Comércio — 111 X11 X11 1111; Diário — X11 XX1 212 1XX1; A Nossa Chave — X11 X11 11X 1111; Notícias do Totobola — X11 121 212 1111; Estádio — 111 XX1 X12 1X11; Último Palpite — 11X 122 X11 1111.

CONCURSO N.º 20

10. ÉPOCA

	RESUMO	BOLAS (a)
	1 X 2	1 X 2
1. Farense-Académica	35 42 38	4 4 4
2. Varzim-Cuf	98 12 5	10 1 1
3. Leixões-Boavista	96 16 3	9 2 1
4. Barreirense-Porto	21 40 54	2 4 6
5. Tirsense-Belenenses	51 39 25	5 4 3
6. Braga-Saioanense	103 8 4	10 1 1
7. Vizela-U. Leiria	24 41 50	3 4 5
8. Salgueiros-Lamas	95 16 4	9 2 1
9. U. Coimbra-B. Mar	45 33 37	5 3 4
10. Montijo-Peniche	102 6 7	10 1 1
11. Sintrense-Portimonense	94 19 2	9 2 1
12. Torrensense-Olhavense	79 27 9	8 3 1
13. Lus-Seixal	85 20 10	9 2 1

E a chave lógica será: X11 211 211 1111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

POR 226\$50 MENSAIS PODE ADQUIRIR A EDIÇÃO MONUMENTAL DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Edição Monumental louvada pelo Ministério da Instrução Pública e recomendada pelo Subsecretário das Corporações e pelo Ministério da Educação Nacional. Colaborada pelos mais eminentes historiadores portugueses.

DIRECÇÃO LITERÁRIA DO
DOUTOR DAMIÃO PERES

Professor da Universidade de Coimbra

5916 páginas de texto que abrangem todos os aspectos da história nacional desde as origens até 1934, 5000 gravuras, 132 cromos e mapas coloridos.

9 elegantes volumes magnificamente encadernados, no formato 22x30 cm

—Obra completa, 9 vols. encadernada em betacur—E. 500



Entrega imediata da obra contra o primeiro pagamento

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta a
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO
ou à **FILIAL EM LISBOA**

AV. ALMIRANTE REIS, 102, R/C, DT.—LISBOA.—TEL. 58798

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires
de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Agradeço que me enviem um impresso-proposta para aquisição na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES da História de Portugal

NOME (Bem legível)
.....
ENDEREÇO
.....



NA EDIÇÃO DE HOJE

— Regressa o Campeonato: F. C. Porto e Académica em perigosas deslocacões
— O regresso de Livramento ao Benfica
— Gomes da Silva na iminência de demitir-se
— Bento e o seu provável ingresso no Benfica
— Página de Opinião
— Automobilismo (tudo sobre o novo FORD CORTINA)

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 1.ª página)

OVAR DIZ COMO É

Das «conversas a verso» realizadas até hoje, a de ontem foi a que se apresentou com mais interesse. Não que se verificasse memória a sensível nas condições de tempo, perdão! nos processos televisivos de Maria Alberta Meneses, que continua a fazer pontaria muito alta — e por isso não atinge os telespectadores lá onde mandam as regras que deve atingir: no coração. A observação da sua própria actuação no último «Curto-Circuito» deve ensiná-la como é, ensinar-lhe a diferença que existe entre uma conversa e uma conserved.

O mérito de Maria Alberta Meneses consistiu, na base, em escolher o material para a emissão. Porque a grande vitória, o grande espectáculo de «Conversas diversas» foram os alunos da «Escola Alexandre Sá Pinto» de Ovar.

Esta escola, meus senhores! Vem-me à ideia as palavras de Salinger, no livro «Agulha em Palheiro». Conta-nos a personagem central do livro, um adolescente que, quando está a ler um bom livro, sente uma grande vontade de telefonar ao autor. Encontro-me na mesma situação: uma vontade doida de apanhar o primeiro comboio e seguir para Ovar, conhecer os meninos que escrevem coisas tão boas, conhecer os professores que lhes desenvolvem a capacidade de «autenticos» — isto é, completos —, admirar a escola cujos alunos vêm a Lisboa ver exposições de pintura. Conhecer o José António, a Rosa Celeste, o Carlos Vitor, que me ofereceram o melhor da televisão de ontem.

O José António, que escreveu a respeito da sua rua:

«A minha rua não é assim muito bonita. Mas parece que foi feita para a rapaziada que lá mora. Não tem nada de importante. Mas, calha mesmo bem. Porque a minha coisa é muito importante: nós não podíamos ficar assim tão à vontade.»

A Rosa Celeste, que interpretou da seguinte forma um quadro de Vieira da Silva:

«Eu imagino assim a Cidade-Mártir. Na cidade mártir é noite e tudo fica das escuras. Está muito vento e vêm-se as pessoas a espreitar pelas janelas. Caras tristes, magras e com rugas. Começa a trovoada com grandes relâmpagos. O vento leva tudo à nossa frente. E assim que começa o martírio. As casas grandes tremem todas e muitas começam a cair sepultando os seus habitantes. Muitos conseguem fugir, mas naquela atropeladação ninguém dá conta do fogo que começa a queimar tudo. O vento pega nas labaredas e espalha-as pelas cidades. Mais casas caem agora. Candelários da cidade partem-se, as árvores caem...»

Outro menino, de que não sei o nome, que assim viu também outro quadro de Vieira da Silva:

«Vou contar a história de uma floresta que não tinha fim. Uma floresta tão grande e tão bonita que qualquer pessoa que a visse ficava admirada. Ela tinha umas árvores-gigantes tão altas que parecia que tocavam nas nuvens. Eram de várias cores, umas cores de esparto. Nessa floresta havia animais tão bonitos que pareciam um sonho, mas não eram iguais aos outros, eram animais que falavam e não mordiam, e eram tão grandes, ainda maiores do que as pessoas. E quando alguém os ia visitar, eles mostravam a sua floresta maravilhosas.»

Os alunos da Escola de Ovar foram a maravilhosa descoberta de ontem. Uma vez mais, a lição veio dos pequenos. Que salva! Partiu o último comboio — e nem sequer, a estas horas, posso telefonar. De qualquer modo, o dia está ganho. Com estes materiais de construção, um homem resiste melhor.

VERSO, REVERSO DISPERSO

A questão dos preços dos medicamentos chegou finalmente à Televisão por-

MÁRIO CASTRIM

tuguesa. Fê-lo por intermédio da rubrica ontem estreada «Verso e Reverso», com apresentação de Luis Filipe Costa.

O problema tem sido debatido no «Diário de Lisboa» e os meus leitores encontram-se, portanto, bem situados. Nesse aspecto, o primeiro «Verso e Reverso» nada trouxe de novo. O que trouxe, em contrapartida, foi o aumento da confusão, e que se opõe às intenções manifestadas por Luis Filipe Costa na apresentação em cena-aberta da rubrica.

A verdade é que aconteceu demasiada pressão — e a pressão é inimiga dos telespectadores, em especial quando se tratam de telespectadores portugueses tão pouco habituados a pensar a seguir com atenção a grande maioria dos telespectadores ignora como se processa o circuito de um medicamento desde a origem ou seja, desde a investigação até ao seu consumo, passando pelas fases de industrialização e comercialização. Assim é-lhes muito difícil compreender as sérias motivações de um fenómeno.

O fenómeno está verificado, mas não explicado. Os medicamentos são mais caros em Portugal do que em outros países. Ou seja: o mesmo produto vende-se mais barato noutros países capitalistas do que no nosso. Importa saber as razões e eliminá-las. Oxalá sejam estes debates sinal de que se procura uma solução. Porque falar por falar, falar para auferir — não vale.

Vem a dr.ª Manuela Alves e lamenta que em Portugal não se prefiram os medicamentos portugueses — e não entende porque os médicos preferem os medicamentos estrangeiros, vejamos lá... Vem a deputada Raquel Ribeiro (que está vivendo intensamente o seu êxito popular) e garante que em Portugal não há investigação. Vem o Filipe Costa e diz-nos que circulam 40 mil especialidades farmacêuticas, ou talvez menos talvez uns 22 mil (o Filipe Costa), mas que contas são essas? vem Sebastião Alves, da CIPAN, e diz-nos que não, olha o disparate, não há mais que umas 10 mil. Raquel Ribeiro reafirma: os remédios são caros. Sebastião Alves lamenta-se: «São sempre caros para quem compra, são sempre baratos para quem vende...» Gastam-se verbas colossais na propaganda e dizem-nos o dr. Américo Nunes: «os médicos não tem tempo de ler a literatura informativa que recebem...». Logo a seguir, Sebastião Alves replica: «A indústria vive com uma liberdade muito condicionada. A indústria não tem rentabilidade. Nos últimos 10 anos, uma dúzia de fábricas passaram para as mãos da indústria estrangeira.»

Novamente, os medicamentos são caros. Novamente Sebastião Alves: «os preços são fixados por lei!» Novamente, em Portugal isto e aquilo. Novamente Sebastião Alves: «Em Espanha, os preços do último ano pagos pelo seguro social foram cerca de 60 por cento mais caros do que em Portugal.» Novamente: os remédios não estão de acordo com a bolsa do doente. Novamente Sebastião Alves: «os preços dos remédios são os mesmos de 1950...»

«Verso e Reverso»: aqui está o verso, ali está o reverso. Prazer em conhecer (para a esquerda) prazer em conhecer (para a direita). O medicamento é caro, o medicamento não é caro. Verso e reverso. Muito bem. E agora? Tenho o verso (de pé quebrado) tenho o reverso (de muitos pés). A verdade, ou seja: a classificação do problema eu não tenho. Só tenho o verso (pouco) e o reverso (muito). De que me vale isso se fico na mesma? Pode o verso alguma coisa, televisivamente falando, contra o reverso? Pode acontecer alguma coisa que torne os remédios ao alcance de toda a gente?

Esta, afinal de contas, a questão fulcral. Este o verso. A realidade diz-nos que no nosso país os medicamentos estão fora do alcance da grande maioria da população; que, entre nós, se não fosse ainda maiores proporções. Este o reverso. Ainda maiores proporções. Este reverso. E agora?

Agora vem a farmácia de serviço comprar uma aspirina para esta dor de cabeça que me ficou depois do primeiro «verso e reverso», de tão primária realização, tão pobre de imagem, tão de trapos. Se alguns milhares de telespectadores fizerem como eu, não se diga que foi mau negócio para a farmacopela. Ingratos, que tanto se queixam!

Ex-militares em aptidão às Universidades

• Ainda se regista abstenção às aulas

Algumas dezenas de ex-militares enfrentaram hoje as suas primeiras provas do exame de aptidão, em chamada especial.

Os candidatos são 65 na Universidade Técnica (40, no I. S. C. E. F.; 3, em Veterinária; 2, em Agronomia; 13, no I. S. C. P. U.; e 7, no Técnico); quanto aos alunos que fazem exame na Universidade Técnica, a respectiva Reitoria não soube esta manhã informar quantos fossem.

Embora continue encerrado (só para efeito de aulas) o Instituto Superior Técnico e na Faculdade de Direito praticamente todas as aulas não tinham hoje, frequentado as aulas, parece poder dizer-se que a situação tende a normalizar-se.

No I. S. I. mantêm-se abertas as instalações da Associação Académica à excepção da Secção de Folhas En-

retanto, prosseguem, na Associação os cursos livres de Ciências Exactas, Ciências

Sociais e Tecnologia e Informática. Na cantina da Cidade Universitária realizou-se, na tarde de ontem, uma ampla sessão de informação.

OS 420 CONTOS

2.º PRÉMIO GRANDE

foram vendidos ao balcão da

CASA COSTA

N.º 14 756

um número com o carimbo da

CASA COSTA

75, Rua de S. Paulo — Lisboa - 2

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Étec	Compr	Venda	Ultramarinas	Étec	Compr	Venda
Consolidado 3 1/4%	—	—	500\$	Ag. 1.ª e Princ. 1966	—	220\$	240\$
Consolidado 3%	—	—	500\$	Borac	—	125\$	70\$
Consolidado 2 1/4%	—	—	612\$	Buz	—	197\$	—
Consolidado 4%	—	—	1.400\$	Jamora	—	2.260\$	2.300\$
Consolidado 5%	1.000\$	—	1.000\$	Jamora Angola	—	655\$	86\$
Ext. 1.ª Série	—	—	—	Jamora Revue	—	—	—
Ext. 2.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 3.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	184\$5	184\$	—
Ext. 4.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	420\$	—
Ext. 5.ª Série	—	—	750\$	Jamora Princ. 1966	—	436\$	438\$
Ext. 6.ª Série	—	—	145\$	Jamora Princ. 1966	—	76\$5	77\$
Ext. 7.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 8.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 9.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 10.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 11.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 12.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 13.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 14.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 15.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 16.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 17.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 18.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 19.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 20.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 21.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 22.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 23.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 24.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 25.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 26.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 27.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 28.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 29.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 30.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 31.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 32.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 33.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 34.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 35.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 36.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 37.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 38.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 39.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 40.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 41.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 42.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 43.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 44.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 45.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 46.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 47.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 48.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 49.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 50.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 51.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 52.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 53.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 54.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 55.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 56.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 57.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 58.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 59.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 60.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 61.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 62.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 63.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 64.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 65.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 66.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 67.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 68.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 69.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 70.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 71.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 72.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 73.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 74.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 75.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 76.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 77.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 78.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 79.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 80.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 81.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 82.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 83.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 84.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 85.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 86.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 87.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 88.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 89.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 90.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 91.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 92.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 93.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 94.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 95.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 96.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 97.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 98.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 99.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—
Ext. 100.ª Série	—	—	—	Jamora Princ. 1966	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

	14/1/71	20/1/71	21/1/71
GERAL	140,0	154,7	154,3
METROPOL.	149,2	149,8	149,4
ULTRAM.	189,6	190,3	190,0

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	355\$0	355\$0
Além-mar — Marco	75\$0	85\$0
América	—	—
— Dólares de 1 e 2	285\$0	285\$0
— de 5 a 20	285\$0	285\$0
— de 50 a 100	285\$0	285\$0
Argentina — Peso Nova	55\$0	55\$0
Austria — Schilling	5\$0	5\$0
Bélgica — Franco	5\$5	5\$5
Brasil — Cruzeiro	45\$0	55\$0
Canadá — Dólar	275\$0	285\$0
Dinamarca — Coroa	35\$0	45\$0
Espanha — Peseta	40\$3	40\$3
Francia — Franco	55\$0	55\$0
Holanda — Florim	75\$0	85\$0
Inglaterra — Libra	675\$0	695\$0
Itália — Lira	50\$4	50\$4
Marracos — Dirham	55\$0	55\$0
Noruega — Coroa	35\$5	45\$5
Suécia — Coroa	55\$5	55\$5
Suíça — Franco	65\$8	65\$8
Ouro	—	—
Inglaterra — Libra isabe	290\$00	310\$00
Inglaterra — 72 Libra	290\$00	310\$00
Ouro fino — Barra	355\$00	375\$00

BURNAY, L. D. Notas estrangeiras
RUA DO OURO 72 Papéis de câmbio
Tel

CARTAZ DOS CINEMAS



*** TIVOLI**
(M. 12 anos) Tel. 50595
2.ª SEMANA
As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
A maior obra de DICKENS
DAVID COPPERFIELD
em technicolor
com Richard Attenboroughs,
Cyril Cusack, Laurence Oli-
vier, Edith Evans e Pamela
Franklin

*** EDEN**
(Adultos) Tel. 320168
As 15.15, 18.30 e 21.45
Um filme dominado pela
ação!
6 valentes patifes e uma
missão arriscada
5 PARA O INFERNO
Scope — Eastmancolor
com John Garro, Margaret
Lee e Klaus Kinshi

*** ODEON**
(M. 12 anos) Tel. 320283
As 15.15 e 18.15 (p. r.)
e às 21.30
2.ª MES TRIUNFAL
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
com a admirável comédia
musical
**A VIDA E SEMPRE
IGUAL**
com o famoso Ídolo
da Eurovisão
JULIO IGLESIAS
na história de um amor sublime,
com 4 formosas
JEAN HARRINGTON
(Eastmancolor)

*** BERNAL**
(M. 12 anos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
John Philippe Law, Mimsy
Framer e Claudio Gora vivem,
nas famosas estepes russas,
uma grande e inesquecível
história de amor!
STROGOFF
Panavision e Technicolor
Nova versão do imortal ro-
mance de Julio Verne
(A Av. Marquês de Tomar)

*** CASINO ESTORIL**
(M. 17 anos) Tel. 604021
As 21.30 n.
**17 ANOS CABELOS
LOIROS**
com Rich Shapne, Elga An-
dersen, Eleanora Brown e Udo
Jürgens

*** IMPÉRIO**
(M. 12 anos) Tel. 555134/5
As 15.15 — 21.30 horas
Lee Marvin, Jeanne Moreau
e Jack Palance
**MONTE WALSE,
UM HOMEM DIFÍCIL
DE MORRER**
Panavision — Color

*** ESTÚDIO**
(Adultos) 3.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Segundo a obra de Dostoiévski
um filme de Robert Bresson
UMA MULHER MEIGA

*** ROYAL**
(Adultos) Tel. 865037
As 15 e 21 h.
ALTA TRAIÇÃO
com Roger Moore
A CAMINHO DE OREGON
com Kirk Douglas e Robert
Mitchum

*** AVIS**
(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
Um filme de ROGER VADIM
com BRIGITTE BARDOT
**E DEUS... CRIOU
A MULHER**
Jean-Louis Trintignant
e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR — SCOPE

*** VOX**
(Adultos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
11.ª e ÚLTIMA SEMANA!
Eastmancolor
O filme decisivo de
Claude Chabrol
**REQUIEM PARA UM
DESCONHECIDO**
com Michel Duchaussoy, Ca-
roline Cellier e Jean Yanne

*** ROMA**
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
Um filme de ROGER VADIM
com BRIGITTE BARDOT
**E DEUS... CRIOU
A MULHER**
Jean-Louis Trintignant
e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR — SCOPE

*** SÃO LUIZ**
(Adultos) Tel. 555134/5
Hoje, às 6.15 da tarde e 10 h.
da noite
LA FACTURE
de Françoise Dorin

*** ALVALADE**
(Adultos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
Technicolor
Um filme de Anatole Litvak
**A SENHORA NUM AU-
TOMÓVEL COM ÓCULOS
E UMA ESPINGARDA**
com Samantha Eggar e Oliver
Reed

*** MUNDIAL**
(Adultos) As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
DE LOTAÇÕES ESGOTADAS!
Julie Andrews e Rock Hudson
pela primeira vez juntos numa
alta comédia musical!
DARLING LILI
Panavision e Technicolor
O mais surpreendente sucesso
da nova temporada!
(Metro: Estação Picoas)

*** LIZ**
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
O EXÉRCITO NA SOMBRA
Complementos escolhidos

*** EUROPA**
(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Panavision — Colorido
**UM CLUBE SÓ PARA
CAVALHEIROS**
com James Stewart, Henry
Fonda e Shelley Jones

*** LUMIAR**
(Adultos) Tel. 538743
As 21 horas
**OS AMANTES
OS TRÊS SUPER-HOMENS**

*** LIDO**
(M. 17 anos) Tel. 531033
As 21.30 horas
Um espectáculo para o bom
apreciador de cinema — arte!
**O PROCESSO
DE KAFKA**
c/ Anthony Perkins, Jeanne
Moreau e Romy Schneider

*** SÃO JORGE**
(M. 17 anos) Tel. 54154
Hoje, às 21.30 ESTREIA
O SENHOR DAS ILHAS
Um espectáculo épico
As 15.15 e 18.15
últimas exhibições
CANHOES PARA CORDOBA
(M. 17 anos)

*** CONDES**
(Adultos) As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
11.ª SEMANA
**O PASSAGEIRO
DA CHUVA**
com Charles Bronson
e Marlene Jobert

*** RESTELO**
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21 e 30
IMPREVISO
c/ The Beatles

*** POLITEAMA**
Hoje, às 21.30 — Eastmancolor
(Adultos) Tel. 326305
Em sensacional
continuação de estreia
BORSALINO
com Alain Delon e Jean-Paul
Belmondo
Hoje, às 18.30 — Sessão Clás-
sica com o filme
«MAYERLING» — (Adultos)

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45933
As 15 e às 21 h.
**UM HOMEM
DE QUEM EU GOSTO**
DOUTOR... VAMOS A ISTO!

*** TERRASSE**
As 15 e 21 h. (M. 17 anos)
**CIUMES, CIUMES
E CIUMES**
AL CAPONE

*** MONUMENTAL**
(Adultos) Tel. 555131
As 15 e 21 horas
5.ª SEMANA
Uma história de amor filmada
por David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum
QUINZENA WESTERN
Amanhã — 18.45 — M. 12 anos
CAÇADORES DE ESCALPES
de Sydney Pollack, com Burt
Lancaster e Shelley Winters

*** ESTÚDIO 444**
(Adultos) Tel. 779006
3.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O filme que devolve ao cinematis-
mo o seu lugar de honra
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois
e Mathieu Carrière
EASTMANCOLOR

* outros espectáculos

• LISBOA

TEATROS

MARIA MATOS — As 21 e 45:
«O Inocente» (17 anos).
LAURA ALVES — As 2 e 45:
«O Preço» (17 anos).
VARIEDADES — As 20 e 45 e às
23: «E o Zé faz tudo» (17
anos).
VILLARET — As 21 e às 23:
«Sexta-feira, quatro e um aver-
to» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A
quenda mamã» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «A
casa das cabras» (17 anos).
GIL VICENTE — As 22: «Breve
sumário da vida de Jesus» (17
anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e às 23: «Pimenta no língua»
(17 anos).

CINEMAS

OLÍMPIA — As 19: «Hércules
contra o Filho do Sol» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Ajuda-me
meu amor» (17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Assalto
ao Centro Nuclear» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «A Selva
dos Diamantes» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 19: «Os
dias da Ira» (12 anos).
PARIS — As 21: «A vida de uma
mulher» (17 anos).
ORIENTE — As 21: «Não sou digno
de ti» (12 anos).

• Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e
30: «Amor sem Barreiras» (17
anos).

• OBRAS-CINE — As

21: «A Pequena Virtude» e
«Viva Django» (17 anos).
PAREDE — ROYAL — As 21: «A
Viagem» e «A Herança» (17
anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
às 21 e 30: «17 Anos Cabelos
Loiros» (17 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — As 21 e
30: «Madame X» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «Pistoleiro Profissional» (17
anos).

• Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «O Esquecido» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «Os 3 Centu-
rídeos» e «A Virgem Cigana» (12
anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «O Meu
Tio Benjamin» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «O Paraíso do Ho-
mem» e «As Lufadoras Contra
o Médico Assassino» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY
— As 21 e 30: «Amor Bruxa»
(17 anos).

• Outro Bando

ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 15: «O Cão dos Homens Vi-
olentos» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E
RECREIO — As 21 e 30: «A
Bala do Homem Solitário» (12
anos).

• PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45:
«O Visão wood» (17 anos).
ANTÓNIO PEDRO — As 22: «Um
de Festa» pela Companhia de
T. E. P. (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «O
último adeus» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «A Ponte
de Remigues» (17 anos).
RIVOL — As 2 e 30: «Trança
Invernal» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «O se-
nhor das Ilhas» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Com
leito vai, compeito» (17 anos).
ESTÚDIO — As 2 e 30: «Os ca-
valos também se abatem»
(17 anos).
ÁGUA D'OURO — As 21 e 30:
«Gigantes no Inferno» (12 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Dez
mais uma» (17 anos).
OLÍMPIA — As 2 e 30: «Pre-
vem o sangue de Drácula»
(17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21:
«Corre homem, corre!» e «A
volta de Nick Carter» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30:
«Espíes e mim-sócios» (17 anos).

• COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30: «As
Mulheres» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «Crise
na Primavera» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Aeroporto»
(17 anos).

farmácias de serviço

• LISBOA

AJUDA — Teles, R. João
de Barros, (tel. 638249).
ALCANTARA — Leal, R. João
de Barros, 226 (t. 663441).
Nogueira, Rua
da Creche, 2 (tel. 631635).
ALFAMA — Nodanel, R. S. João da
Proça, 26 (tel. 863632).
ALTO DE S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 120 (te-
lefone 843391).
ALVALADE — Cortez, Av. da Igreja, 21-C (tel. 776358).
Brisália, Ave-
nida Rio de Janeiro, 66-A (tel. 722368).
Neve Lis-
boa, R. Guilhermina Sug-
giao, 12 (tel. 727721).
Avis, Avenida de Roma, 56-B (tel. 726462).
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (te-
lefone 682772).
ANJOS — Mates, R. Alvaro Coutinho, 10 (te-
lefone 404711).
ARCO DO CEGO — Pal-
ma, Avenida Duque de
Ávila, 25-31 (tel. 47088).
AREIRO — João XXI, Av. João XXI, 16-A (tel. 726462).
AVENIDA DA LIBER-
DADE — Nacional, Rua do
Salitre, 7 (tel. 468508).
AVENIDAS NOVAS — Galeão, Av. Oscar Monte-
iro Torres, 38-A (telefone

774920).
Avenidas, Av. da República, 27-A (te-
lefone 533688).
Império, Rua Filipe Folque, 40-A (tel. 48002).
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147 (ao
cruzamento da Av. Barbo-
sa do Bocage) (t. 763107).
BAIRRO ACTORES — Es-
perança, R. Carlos Mardel, 101-B (tel. 722868).
BAIRRO ALTO — Aze-
vedo, R. da Misericórdia, 24 (tel. 323540).
BAIRRO DA ENCARNI-
ÇÃO — Ascensão, Rua 27, 41 (tel. 311216).
BAIXA — Costa, Praça
da Figueira, 6-B (telefone 328381).
BELÉM — Remígio, Rua
dos Jerónimos, 14-C (tel. 631699).
BENFICA — Lisboa, Rua
Claudio Nunes, Lote 2 (te-
lefone 703393).
Souza, Estrada de Benfca, 429
(tel. 780027).
BOA HORA — Sepul, Calçada da Boa Hora, 94-A (tel. 631958).
CAMPOLIDE — Lab, R. Rodrigo da Fonseca, 101 (te-
lefone 682333).
Pátia, Calçada dos Mestres, 30-A (6 R. das Amoreiras) (tel. 680627).
CAMPÔ DE OURIQUE — Ourique, Rua Freitas Go-
zul, 32-B (tel. 671657).
Castro, Rua 4 de In-

fantaria, 28-A (telefone 688857).
CARNIDE — Leal de Ma-
tos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181).
CONDE REDONDO — Ca-
puchos, R. Luciano Carde-
iro, 2-A (tel. 52076).
ESTEFÂNIA — Estefá-
nia, R. Pascoal de Melo, 90 (tel. 44438).
GRACA — Santo Antó-
nio, R. Leite de Vasconce-
los, 72-C (tel. 862333).
LAPA — Central, R. das
Navegantes, 10 (telefone 661734).
LUMIAR — S. Tomé, Es-
trada do Desvio, Lote 12-C (tel. 790704).
Alameda, Alameda das Linhas de
Teres, 201-B (t. 790942).
MOURARIA — Bastos, Calçada de Santo André, 101 (tel. 80450).
OLIVAS — Nova, Rua E, 1, Lote 469 (Olivais Sul) (tel. 316402).
PENA — Americana, Cal-
çada de Santana, 3 (tel. 863984).
PENHA DE FRANÇA — Correndo, R. Padre São
de Inês, 10-A (telefone 842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (t. 728395-720703).
SANTA CATARINA — Coimbra, Calçada da Com-
bro, 78 (tel. 326059).

S. MAMEDE — Marçal, R. de S. Marçal, 100 (te-
lefone 325318).
S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA — Aguiar, Ave-
nida Columbano Bordalo
Pinheiro, 98-A (t. 764196).
Bairro Azul, Av. Resso-
no Garcia, 7-A (t. 51451).
S. VICENTE — Rosa e
Viegas, R. de S. Vicente, 31 (tel. 864951).
XABREGAS — Salter, R. de
Xabregas, 63 (telefone 381185).

• Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Camo G. Guerra, 29 (tel. 212081).
CARIAS — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (t. 4289).
PAÇO DE ARCOS — Go-
dinha de Silva — Aven-
da Paço de Arcos, 4 (tel. 2432039).
OBRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 8 (t. 2430058).
PAREDE — Brandão, Av. do República, 17-C (t. 241054).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (tel. 261186).
MONTE ESTORIL — Costa
Av. Sampa, 29-B (te-
lefone 260085).

CASCAIS — Misericór-
dia, R. Regimento 9, 4 (tel. 28041).
Cascais, R. de S. João, 10 (tel. 282407).
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (t. 263052).
• Linha de Sintra
AMADORA — Cavaco, R. da
Garcia, 209 (telefone 29009).
Flema, R. Elias
Garcia, 18-B (tel. 932485).
Contança, Av. D. Nu-
no Álvares Pereira, 5-A (tel. 938149).
BAMAIA — Bamaia — Praça Alexandre Gusmão, 9 (tel. 970523).
QUELUZ — André, Av. da
Garcia, 5 (tel. 950043).
Queiras, Av. Elias Garcia, 123-A (tel. 951841).
LALÉM — Contem — R. Elias Garcia, 55 (telefone 940054).
MEM MARTINS — Quirino
est. Mem Martins, 485 (t. 2910021).
PEDRO DE SINTRA — Valentim (t. 980456).
SINTRA — Simões, Rua
Melodora Salgado, 26 (tel. 980832).
COLARES — Colares Ad-
ria (tel. 299088).
• Outro Bando
ALCOCHETE — Nunes — Coronel Ramos da Co-

ra, 10 (tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Gu-
mão — R. Cavaco da
Reis, 30 (tel. 224020).
ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, (tel. 270271).
BAIXA DA SAMBEIRA — Nova Fátima, Estrada
Nacional 221-9 (tel. 224141).
BARREIRO — Higienica, R. D. Manuel I, 78 (tel. 2279017).
COVA DA PIEDADE — Império, R. Cabe da Boa
Esperança, 31-A (telefone 274356).
MOITA — Silva Roche — P. da República, 16 (t. 239029).
MONTIJO — Diego, R. Almirante Reis 42 (telefo-
ne 230032).
SESIMBRA — Leão, Av. Solazor (tel. 229471).
SETÚBAL — Soromenho, R. Machado Santos (tel. 2269).
Alles, P. da Que-
beira (t. 23743).
SEIXAL — Soromenho, Rua Paiva Coelho, 38 (tel. 22185601).

• PORTO

Anacleto de Barros, Rua do
Loureiro, 104 (telefone 35075).
Cameira, Rua do
Heralmo, 90 (telefo-
ne 52583).
Canavieira, Rua da Restauração, 53

(tel. 60754).
Contança, Rua de Santa Catarina, 960 (tel. 228644).
Couto, Rua de Costa Ca-
bral, 1832 (tel. 40780).
Figueiredo, Lda, Rua de
Cadafreita, 25 (t. 21620).
Fente da Moura, Rua
de Tânger, 1463 (telefone
681444).
Monte dos
Burgos, Rua do Monte dos
Burgos, 802 (tel. 62279).
Monte Cativeiro, Rua Monte
Cativeiro, 444 (t. 41687).
Nova Avenida, Av. Fernão
de Magalhães, 682 (telefo-
ne 52250).
Pedão, L. do Pedão, 392 (t. 52149).
Parente, Rua das Flo-
res, 114 (tel. 21611).
Pombal, Campo das Már-
tires da Pátia, 152 (tele-
fone 31295).
Sá da Bn-
deira, Rua de Sá da Bn-
deira, 236 (tel. 22164).
Medanil, Rua Senhora da
Luz, 156-Foz T. 680833).

• COIMBRA

Cruz Viegas — Rua do
Brasil (tel. 22967).
Dep-
nate — Rua Ferreira Bor-
ges (tel. 22608).
Rainha
Santa — Rua da Figueira
da Foz (tel. 24737).

DL Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1
Telex 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telex 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral muito nublado, o vento era moderado ou forte de Noroeste, com aguaceiros e havia trovoadas em vários locais e nevão no nordeste de Trás-os-Montes.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 16°2; mínima: Penhas da Saúde, -3°5.

TEMPERATURAS DO AR AS 8 HORAS DE HOJE — Porto, 10°; Coimbra, 8°; Portalegre, 5°; Lisboa, 11°; Faro, 13°; Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 12°5; na água do mar, 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu com períodos de muito nublado; vento moderado ou forte de Noroeste, por vezes com rajadas; aguaceiros, podendo ser de neve nas terras altas do Norte e Centro; com nevascas favoráveis a ocorrência de trovoadas.

Amanhã
Nascer às 8 e 51
Ocorrer às 18 e 46



Die 26 Die 2 Die 10 Die 18

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 11 e 04 (3,1 m); 23 e 49 (3,2 m). Dia 22 — 12 e 25 (3,1 m). Dia 23 — 1 e 08 (3,3 m). Dia 24 — 13 e 42 (3,3 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 4 e 28 (1,7 m); 17 e 02 (1,7 m). Dia 22 — 5 e 45 (1,7 m); 18 e 53 (1,5 m). Dia 23 — 6 e 53 (1,5 m); 19 e 19 (1,4 m).

PARA COMPRAR OU VENDER AS SUAS JOIAS

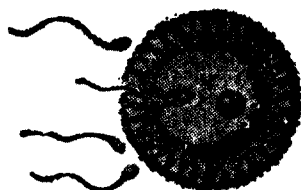
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

ARTUR CUPERTINO DE MIRANDA

O conhecido banqueiro sr. Cupertino de Miranda teve a gentileza de vir ao «Diário de Lisboa» apresentar cumprimentos ao nosso director e agradecer a maneira como sempre nos referimos à sua acção como presidente do conselho de administração do Banco Português do Atlântico. Agradecemos a amabilidade.

Pois jamais rei algum teve outro começo...

SALOMÃO



Pois jamais rei algum teve outro começo e todos os homens entram de igual maneira na vida "Donde vim", "como nasci", são as perguntas que toda a criança faz mais tarde ou mais cedo. Se lhe disser "que veio de França", ela ou ela acreditará porque é uma criança. Mais tarde, no entanto, verificará que o pai ou a mãe mentiram. E da pior maneira.

Não conta histórias aos seus filhos? Pois bem, se eles estão entre os 5 e os 9 anos, leia-lhes A MARAVILHOSA HISTÓRIA DO NASCIMENTO. É a "história" mais cativante que existe. Se eles têm mais de 9 anos, ofereça-lhes o livro A MARAVILHOSA HISTÓRIA DO NASCIMENTO, uma história que se repete em cada momento, em todo o mundo. Uma edição de Publicações Europa-América.

Teka

O moderno LAVA-LOUÇA inox 18/8 — 304

Fabricado por **Teka-Hergom**

Representante — **Anselmo Santos**
AVEIRO - Apart. 130 - LISBOA - R. Cor. Bento Roma, 12-A

Aproxima-se do fim o espaço disponível para zonas residenciais em Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

anunciado hoje na reunião da Câmara Municipal. O presidente comunicou a adjudicação definitiva da construção dos viadutos e o concurso para os novos parques, bem como o aumento de cinco centenas ao contingente de tóxis da cidade.

São os seguintes os viadutos cuja construção acaba de ser adjudicada: o do topo norte do Campo Grande (cerca de 32 mil contos, prazo de 350 dias); o de Alcantara, metálico, participado pelos Ministérios das Obras Públicas e das Comunicações (24 mil contos, ainda em período de construção); e o da Avenida dos Estados Unidos da América sob a Avenida de Roma, em simultâneo com as obras do Metropolitano (linha de Alvalade), pelo espaço de 8 meses e pela quantia de cerca de 15 mil contos.

O começo das obras do primeiro daqueles viadutos está marcado para o próximo dia 28 do corrente. As obras do segundo terão início em Fevereiro (dia ainda por determinar). O terceiro, finalmente, processar-se-á como se disse, em simultâneo com as obras do Metropolitano.

Quanto aos parques de estacionamento subterrâneo — um situar-se-á na Alameda D. Afonso Henriques (longa permanência, regime tarifário decrescente); e o outro

será edificada nos Restauradores (permanência de ponta, regime tarifário crescente).

A necessidade dos parques de estacionamento subterrâneo — note-se — mereceu, ainda há pouco tempo, a atenção do «Diário de Lisboa».

Além, o presidente do Município aludiu a que, daqui para o futuro, «trá de se seguir uma política fortemente restritiva na concessão de parques privados nas ruas». Sublinhou a propósito, que a Comissão Municipal, de Transito chamou já a atenção da presidência «para os inconvenientes destas

concessões e, até, para a necessidade, de se cancelarem muitas delas».

Na Ordem do Dia, aludiu-se à construção de uma escola primária no Bairro das Galinheiras; a que está prestes a atingir-se o fim da área disponível para construção do concelho de Lisboa; a urbanização dos terrenos municipais junto do Aqueduto das Águas Livres e das encostas que se estendem até ao princípio da Av. Nida de Ceuta; e (quanto às últimas interrupções no fornecimento de energia eléctrica) «a necessidade de aumentar os limites mínimos de capacidade das redes dos consumidores».

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

29508 — 4 200 000\$

14756 — 420 000\$

29391 — 240 000\$

APROXIMAÇÃO AO 1.º PRÉMIO

29507 — 12 870\$

29509 — 12 870\$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

1195 4062 4293 6024 6076

6442 7122 7677 15683 18359

18473 18483 22798 27254 27463

27670 28004 28153 29060 29150

30260 32027 33401 35133 35538

36339 39173 42022 42438 43657

46029 e 46042

PRÉMIOS DE 480\$00

(centenas)

14701 a 14800; 29301 a 29400 e 29501 a 29600

PRÉMIOS

AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 558 são premiados com 1260\$, em cada bilhete; os terminados em 032, 01, 822, 824 e 903, são premiados com 960\$. Os números cujos dois algarismos finais sejam 09, 76 ou 99, têm direito a 600\$, de prémio. Por último, todos os restantes números cujo último algarismo seja 8 (terminação), são contemplados com 300\$, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da Lista Oficial.

COMEÇA AMANHÃ

O RALLYE DE MONTE CARLO

Tudo sobre o mais famoso «rallye» do Mundo e um comentário de AUGUSTO VILELA, enviado especial

motor

SAIU HOJE

NESTE NÚMERO:

- Já! Menos uma no Nacional de Rallyes (AVELAS COELHO)
- O acidente de Giunti fez esquecer as novidades em Buenos Aires (PHILIPPE TOUSSAINT)
- Se uma Caixa Nacional de Seguros incomodaria muita gente... (ENG. FARINAS DE ALMEIDA)
- Estilismo: A Marcos (PINA DA SILVA)
- G. P. do Ano Novo em Motonáutica (MARIA DO CÉU)
- Vamos construir um Kart? (HERLANDER GARCIA)
- Página da Aviação (ALVES SARAIVA)
- Noticiário e as habituais secções

EM «MOTOR-ENSAIO»

VW PORSCHE 914

(PHILIPPE TOUSSAINT)

PREÇO: 2\$50

POR 300\$00 APENAS

HABILITE-SE NA

CASA DA SORTE

AOS

4.200 CONTOS

DA PRÓXIMA

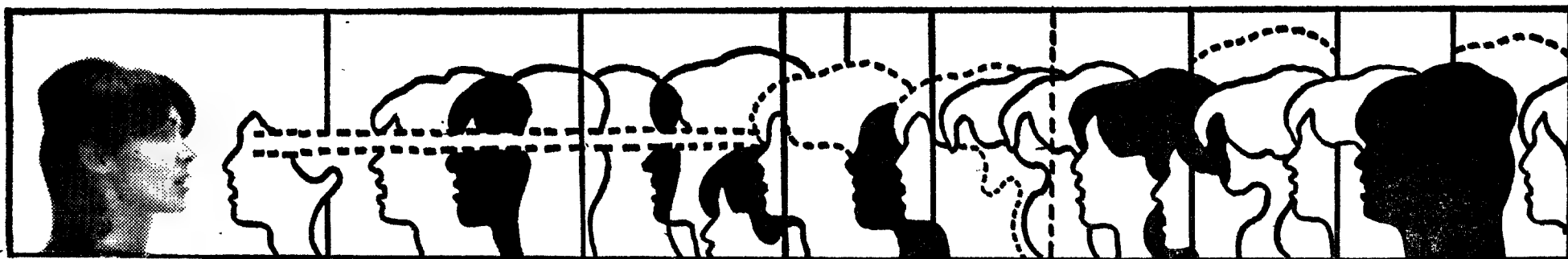
LOTARIA POPULAR

EXTRACÇÃO: 5.ª-FEIRA ÀS 12 HORAS

SUPLEMENTO LITERÁRIO

APRESENTAÇÃO
DE UM LIVRO:

646 ■ 21 DE JANEIRO ■ 1971



"(ESTE) ROSTO"

IMAGINEMOS a cena. Tudo se passa na Galeria 111, no meio de esculturas fascinantes (porque serenamente transgressivas) de João Cutileiro. Um livro vai ser apresentado: *(Este) Rosto*, livro de Flama Hasse Pais Brandão. Fala dele alguém que designam (injustamente) por «crítico». Imaginemos então o que o crítico

co poderá ter dito, tendo em conta que, na verdade dos factos, foi outra coisa que disse (impossibilidade de repetir o que ao repetir-se logo se diferencia).

Diz: entremos directamente no assunto, trata-se de apresentar um livro. E continua: mas que é isso de *apresentar*? Não é certamente o mesmo que *representar*: se o

lesse em voz alta, recitando-o, era a sua presença que eu *re-presentava*, animando pelo som um texto que se conserva pela letra. Representação que nunca poderia reduzir a distância que me separa da própria presença do texto. Pode-se ler melhor ou pior, pode-se exceder o texto ou dele ficar aquém mas quando é que nos é possível dizer que se disse o texto-ele-mesmo na sua leitura mais certa?

Quanto a nós, hoje e aqui, trata-se de apresentá-lo, isto é, de o tornar presente, de banir num gesto (que se diz crítico) tudo o que possa vir a ser mancha que atenua o vigor da sua presença, sombra que a reduza, ruído que a perturbe. Banir, afastar. Seguindo Thibaudet, por exemplo. Que disse: toda a crítica começa por ser crítica da crítica. Apresentar: excluir dum texto todo o comentário que o possa vir a cobrir encobrindo-o sem chegar a revelá-lo; fazer do texto um lugar imperativo: isto é, um lugar que nos impõe as linguagens em que nos fala.

Mas uma questão emerge: haverá uma presença do texto? Ou será ele o lugar impossível, a utopia que nos atrai, o canto que nos move? Haverá um texto produzido anterior às leituras que o produzem? Ou não será ele mais do que o suporte mínimo das interpretações que, na sua sucessão, o revelam? Supor a presença objectiva dum texto não será aceitar uma verdade dominando a abertura ilimitada da sua textualidade? Ou será que a presença do texto se reduz à lei invisível que regula a sua diferenciação em nós? Nesse caso, apresentar um texto é apenas inaugurar o espaço da sua escrita descon-

tinua na pluralidade de leituras que o encerram. Inaugurar, sabendo que nenhum gesto é puro e inicial, que toda a presença que se afirma é já representação que se propõe. Inaugurar, sabendo ainda que nenhuma leitura, por mais violenta ou arguta, em definitivo o encerra.

Associa-se habitual-

mente a Flama Hasse Pais Brandão um lugar no fluir das gerações: aquele que se assinala com o nome de *Poesia-61*. Movimento importante e por várias razões: em primeiro lugar, porque desde então nenhum outro movimento poético surgiu entre nós; depois, porque o melhor da nossa poesia actual (ano de 71)

deriva dos que participaram na *Poesia-61* (Luís Neto Jorge, Maria Teresa Horta, Gastão Cruz), ou dos que, posteriormente aparecidos, nela se filiam de modo directo ou indi-

Cont. na pág. 2

Eduardo Prado
Coelho

O AUTOR E OS SEUS ASSASSINOS

«Mais vale a paz em casa que a tormenta lá fora, não é assim Madalena?» — dizia João Sebastião à sua pedra filosofal Ana Madalena Bach.

Mas também é verdade que a Paz (a tão badalada Paz maiúscula) e a Ordem embrulham um corrosivo silêncio, o vácuo sobre o qual não-de-cair as promissoras construções. Ou não fosse a Esperança a 2.ª grande virtude. A Esperança vem assim expedida pelo correio, anunciada na televisão. Resta esperá-la.

Isto é mesmo uma história policial, só que lhe falta a polícia. Os personagens (verdadeiros): o autor e os assassinos. O autor é aquele que tem voz, e os assassinos são variados. Mas há duas espécies: os que matam com uma faca e os que matam com Bons Sentimentos. A questão do autor é mais complexa. Para um músico, mais que para outro autor, em que a disposição da escrita é simultânea e igual à disposição do espírito (Benigno, cruces), produzir empatufadamente em casa com a linguagem guardada no frigorífico e as Boas Intenções no bolso da caneta, é arriscar-se a ser vendido por um preço muito aquém do do fabrico, e com outra embalagem.

É como o chupa-chupa. Cada um chupa o que quer e no fim fica o palito com

que os senhores de Bom apetite e proveito limpam os dentes.

Não é assim, querida Ana?, as correntes de ar sopram por cima dos buracos e tu foste cantar a canção de quem não tem já a renda de casa por pagar.

Agora a história: «D. Duados e Flérida», cantata-cénica de Fernando Lopes Graça sobre um texto de Gil Vicente, dado no fim do ano no viveiro dos líricos:

o Nacional de S. Carlos. O argumento pode-se resumir assim: (!) depois de numerosas andanças pelo mundo, em busca de perigosas aventuras, D. Duados, enamorado de Flérida, volta a Constantinopla, incógnito; para conseguir que a princesa o ame, aconselha-se com a infanta Olimba, que

Cont. na pág. 2

José Alberto Gil

ALMADA: OBRIGATÓRIO

REÚNE o primeiro volume das obras completas de José de Almada-Negreiros, que foi Poeta d'Orpheu. Futurista e Tudo, os contos e novelas «K 4 O Quadrado Azul», «Salimbancos», «A Engomadeira» e «O Cágado». Escritos há mais de cinquenta anos, não perderam invenção, audácia, humor. Mantêm-se como nasceram: projectados para o futuro. A muito lusiada vanguardista de hoje só podem causar admiração: é que continua a não se escrever melhor nem mais resolutamente moderno.

Agora editado ao alcance de muitos, não é mais desculpável desconhecer-se um mestre do modernismo literário português. Por outras palavras: é obrigatório ler Almada-Negreiros.



O autor:
Fernando
Lopes Graça



Cont. da pág. 1

recto (Armando da Silva Carvalho, Luisa Ducla Soares, António Torrado, etc...), em terceiro lugar, pela consciência crítica que, a partir da teorização de Gastão Cruz, permitiu a releitura mais justa de certa poesia anterior (do «neo-realismo», em particular); e, ainda, pela influência que teve em certos autores (Carlos de Oliveira, António Ramos Rosa, João Rui de Sousa, etc.) que, implicita ou explicitamente acusam o impacto do movimento; por fim, pela forma como soube entender a grande poesia que nas suas margens se ia escrevendo (de um Eugénio de

«(Este) Rost»

Andrade, de um Herberto Helder, de um Ruy Belo, por exemplo). Mais haveria a dizer: a *Poesia-61* teve até o enorme mérito de merecer a mais total incompreensão da crítica de tradição «presencista», revelando até que ponto esta se mostrava incapaz de ter acesso a uma poesia que exigia um acto efectivo de leitura. Os grandes defensores da Literatura, contra tudo o que em nossos dias a ameaça são exemplos perfeitos do mais completo analfabetismo literário.

Qual o denominador comum para esta geração envolvida pelo movimento da *Poesia-61*? Por um lado, ela recusava uma interpretação socio-lógica ou psico-lógica dos textos. Não se trata agora de encontrar a tradução esteticamente adequada de uma vivência muito sincera do sujeito psicológico, nem de se descobrir a mensagem social ou o programa ideológico que tal sujeito em poesia nos propõe. Trata-se de formular uma concepção to-

pológica do texto como lugar onde o sentido se produz.

Para esta geração, não era possível aceitar a existência de um «conteúdo» que, precedendo a expressão, se servia dela para a atravessar em direcção a nós, leitores. O poema aparecia (aparecia-nos) como um espaço densamente estruturado, como um lugar limitadamente estruturado, onde a linguagem se trabalhava para a si mesma se tornar produtiva. Esta valorização do texto procurava estabelecer um estatuto materialista da linguagem, um monismo que afirmasse a continuidade força-forma-sentido. A linguagem já não era o reflexo mais ou menos deturpado duma consciência, mas aparecia-nos dotada da materialidade primordial onde a consciência, por um jogo de acaso e de necessidade, virá emergir, na medida em que nela, matéria, se fundamenta, e em que ela, em última instância, a determina.

Tratava-se também de

fazer da crítica, não uma secção burocrática em que se distribuem bênçãos e condenações, mas uma actividade ensaística, um exercício criador, em que o crítico, abandonando os ideais ingénuos duma falsa claridade pedagógica, se deixa envolver pela própria dinâmica do texto, e escreve, não para comunicar opiniões prefabricadas, mas para a través da escrita, transmitir esse não-saber que interiormente o move. Poesia e crítica: duas vertentes dum só gesto.

Visava-se definir, segundo critérios diferentes, a legitimidade do crítico literário. Porque, na verdade, que é que nos assegura a autoridade que o crítico tem para criticar? Tradicionalmente, o crítico legitimava-se duma forma simples: esperava que as suas opiniões, resultantes de intuição crítica, viessem a ser corroboradas pelo juízo do tempo e da história. Se assim fosse, aliás, a grande crítica francesa do século XIX por exemplo, Sainte-Beuve e companhia, teria falhado rotundamente. Além disso, acontece que o juízo da história é extremamente variável, que os clássicos muitas vezes se desclassificam ou se mumificam em selectas e museus, e que nem sempre é fácil saber como o tempo julga. Veja-se, por exemplo, como parece hoje evidente o génio de Mallarmé. Contudo, para certa crítica, tal «evidência» não é uma «evidência» da sua história — porque cada um tem a história que merece.

Para a geração da *Poesia-61*, e para aqueles que lhe sucederam, tornava-se claro que uma crítica nunca prova o valor dum texto, e que só por ironia é que ela parece esforçar-se por obter provas.

Dal a revelação: a prova do valor dum texto não é algo que se inscreve no termo da análise crítica. É algo que se demonstra na possibilidade dessa mesma análise. Porque só a leitura como actividade produtiva prova. Só a leitura como invenção. Trata-se de inventar obras, mas deduzindo as invenções do próprio dinamismo textual da obra. Não se trata de ignorar o texto, de o ferir, de o desprezar. Trata-se, sim, de o forçar até ao limite (impossível) da sua coerência, levando-o a dizer aquilo que ele mesmo não sabe que diz, enraizando-o na memória e no inconsciente da linguagem em que ele se ergue.

E por isso o valor dum texto só se prova pela leitura que ele suporta, pela escrita que ele inconscientemente nos ordena. O valor dum texto arranca-se ao texto, em luta corpo-a-corpo (texto-a-texto); assim nos surge a crítica como violência radical — eco, elo, modelo. Sem escrita não há crítica. Sem ironia não há crítica. Sem violência não há crítica. A crítica é um exercício de escrita em que a escrita violentamente se constrói e irónicamente se destrói — interminável processo.

(Continua)

EDUARDO PRADO
COELHO

N. M.

O autor e os seus assassinos

Cont. da pág. 1

lhe sugere o disfarce de hortelão e lhe entrega uma taça encantada, que tem a virtude de cativar o amor de Flérída. Neste ponto começa o idílio que Lopes Graça acolheu na cantata-melodrama.

Este idílio é musical e literariamente de uma grande tensão dramática e barroca; as forças correlacionam-se e os movimentos são invisíveis. E como diz o autor na nota sobre a execução, tudo deve decorrer «sem se perder de vista a simplicidade fundamental de toda a realização». As pessoas amam-se cada uma na sua gaiola. Era isto antes da invenção do telefone. As órbitas não se tocam salvo nas horas de visitas aos doentes. Tenho-te a dizer, Madalena, que as pessoas dividem-se em 3 grupos: as que procuram o próprio percurso no guia dos caminhos-de-ferro (não é verdade, Ana?), as que têm desenhado na boca o signo da morte, como diz o Franz Kafka, e aquelas que vivem nas horas normais de expediente, que não interessam a ninguém.

Assim como D. Duardos que, «na solidão estrelada, exala o queixume da sua encoberta paixão», o autor, com o signo maldito na boca, cospe admiravelmente a obra-prima.

Mas acontece que, como diz Gil Vicente na referida obra, «Al Amor y la Fortuna no hay defensión ninguna». Mal o diabo estrega o olho eis que logo vêm as reguadas, as tesouras, os binóculos, os carimbos, as balanças e réguas. Sem ainda ter fechado a boca, já o autor se encontra amortalhado e florido e em jazigos de família.

Fernando Lopes Graça é, acima de tudo, um autor. Com grande peso. Por isso qualquer atitude que tome, mesmo o silêncio, ou uma obra sua saída pela janela (e o «D. Duardos» é flagrantemente exemplo), é imediatamente contaminada pela nossa tão castiça virtude: a MEDIOCRIDADE, engolida pelos clichés e defeitos de miopia, regulada pela burocracia mental dos funcionários da cultura. Estes funcionários são muito ricos em sintomatologia para quem queira estudar a morbidez de secretária sem repartição.

Vejamos no caso concreto do «D. Duardos e Flérída».

A orquestra soou como soa sempre a Orquestra da Emissora Nacional (Sinfónica só existe no título): como pau para toda a colher. E á pressa.

O encenador, certamente não muito atreito aos ares

de palco, limitou-se a aturar este, quando muito bem podia ter ficado a fazer palavras cruzadas. O mesmo acontecendo ao coro impecavelmente vestido nos seus fatos-macaco. O cenógrafo, se é que a inspiração não lhe veio do Alto deve-lhe ter vindo dalguma festinha de liceu. No fim restava um espaço cénico aproveitado pelos dançarinos para fazer o que por ofício lhes competia: bailar. E, diga-se, em dois modos bastante típicos: de trás para diante e vice-versa.

E depois temos os críticos. O crítico é um curioso espécime, cruzamento de comboio atrasado com mocho sabido cozinheiro e industrial de adjectivos. Os críticos funcionam como abastecedores das colunas que lhe estão previamente reservadas. E são, salvo duas ou três excepções, funcionários em outras pequenas instituições difusas da música. E a música em Portugal é, acima de tudo, airosa ocupação de várias Sociedades Recreativas.

Mas que é que o autor tem a ver com isto tudo? Porque se ele foi morto pelos que o interpretaram, foi esquartejado depois pelos críticos. Não por atitudes frontais de recusa ou aceitação, que eles até nem saem à rua, mas pelas falsas imagens que ajudam a manter. Como funcionários que são, com interesses em outras instituições (não falo já de interesses pecuniários mas da venda de consciências) apenas ajudam a escurecer o labirinto kafkiano em que um autor circula por aqui, e daí a disformidade com que sai. Como estão a leste de tudo quanto seja uma problemática musical, os problemas reais da música de hoje ou de ontem, e daí ignorando estrabicamente todos os valores que a música subverte ou evidencia, criam «oficialmente» uma visão deformada da estética de cada autor. Se você pegar numa crítica musical o que encontra nela são os nomes que vinham no programa e adjectivos, muitos e desvariados adjectivos, tendo cada um (crítico) a sua colecção pessoal, que revelam aliás os desertos mentais que lhes povoam os crânios. Desde o pedantismo galopante que já se não usa de Carlos Rego, o nosso mais «jovem» crítico, ao reumatismo intelectual do senhor Rui Coelho, há variadas espécies de miopia. Salvo duas ou três excepções.

E assim, Ana, se algum dia me faltar a vista fala-me do bom tempo.

JOSÉ ALBERTO GIL

(1) do programa

Poesia & Não

SOPHIA DE MELLO
BREYNER ANDRESEN
Antologia — 2.ª edição, aumentada
Borras Editores, 1970
Brades
Pub. D. Quixote, 1970

A SEGUNDA EDIÇÃO de uma *Antologia* que é a história de um percurso a rever criticamente. Abrangendo um período significativamente largo (1944-1967), este livro é, na realidade, um texto onde o leitor e os estudiosos poderão encontrar um fértil convívio ou a matéria para análise de uma poesia que está sem dúvida entre as mais importantes da nossa idade.

Como tudo o que nesta terra tem permanecido muito sob o manto obscuro do impressionismo crítico, como tudo o que aqui consumimos sem sequer nos interrogarmos sobre o modo como se produz, eis que esta poesia nos está exigindo hoje a leitura atenta que em dúvida merece e justifica. Leitura que, evidentemente, não poderá esquecer os textos em que, como este, o próprio poeta toma posição sobre o seu trabalho:

«A poesia não me pede propriamente uma especialização pois a sua arte é a arte do ser. Também não é tempo ou trabalho o que a poesia me pede. Nem me pede uma ciência, nem uma estética, nem uma teoria. Pede-me antes a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que

eu posso controlar. (...) Por isso o poema não fala duma vida ideal mas sim duma vida concreta.

É esta relação com o universo que define o poema com o poema, como obra de criação poética. Quando há apenas relação com uma matéria há apenas artesanato.

É o artesanato que pede especialização, ciência, trabalho, tempo e uma estética. Todo o poeta, todo o artista é artesão de uma linguagem. Mas o artesão das artes poéticas não nasce de si mesmo, isto é da relação com uma matéria, como nas artes artesanais. O artesanato das artes poéticas nasce da própria poesia à qual está substancialmente unido.

E no quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino e a minha vida.»

Tais posições teóricas (que a autora reúne sob o título de *Arte Poética*), historicamente datadas e ideologicamente bem referenciáveis, necessitam hoje não só ser criticamente revistas como, sobretudo, relacionadas com a poesia por Sophia produzida. Elas reenviam-nos a uma felicitização da «actividade criadora» que é, fundamentalmente, o que às ideologias dominantes tem servido para a isolar das comuns relações de produção. Eis pois o *Artista* encarado como um marginal e a *Arte* como algo que inexoravelmente apenas o represen-

ta a ele. Eis o *Artista* como um ser privilegiado vivendo num universo que é seu e portanto não interfere com o real existente.

Afirmando que a poesia lhe não pede trabalho, Sophia esquece que é precisamente no trabalho aí cristalizado que está sem dúvida o valor de toda a mercadoria.

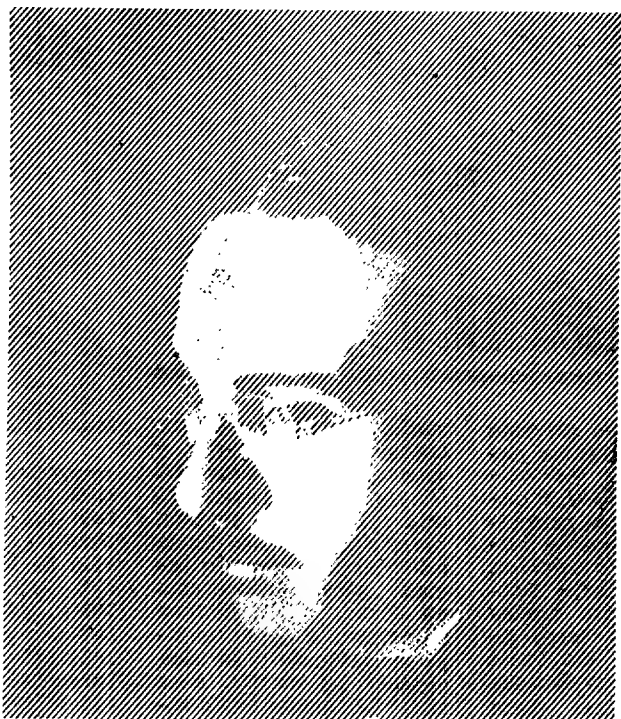


Sophia

Quanto a *Grades*, publicado nos Cadernos de Poesia das «Publicações D. Quixote», parece-nos um livro editorialmente pouco honesto. Trata-se de uma selecção de poemas já publicados em livros anteriores e apresentados ao leitor sem o menor referência a esse facto. Adquirindo-o como um livro novo o leitor acaba depois por verificar que quase todos os poemas estão igualmente incluídos na *Antologia* a que acima nos referimos.

Além disso, ao tentar seleccionar como que os poemas políticos dispersos pelo conjunto dos seus livros, cremos que Sophia retirou deles precisamente a sua parcela mais pobre.

UM DOCUMENTO MÉDICO



PARA A BIOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA

O ESTUDIOSO que vier a escrever, no futuro, a biografia definitiva de Fernando Pessoa — isto é, biografia em que cada afirmação há-de basear-se na documentação fidedigna correspondente — encontrará em Lisboa, no Hospital de São Luís dos Franceses, onde o poeta faleceu aos 30 de Novembro de 1935, uma fonte de consulta obrigatória. Trata-se do livro de registo das «entrées et sorties» de pacientes entre 1935 e 1940, cujas fls. 13 e 14 vêm aclarar, de uma vez por todas, certas zonas ainda meio obscuras no tocante aos últimos dias da vida de Pessoa (1). Assim, e visto permanecerem escassas, nos ensaios e artigos biográficos sobre o autor da «Tabacaria», as contribuições rigorosamente documentais, parece oportuno efectuar do

registo uma transcrição integral, comentando-lhe em seguida os aspectos significativos. Não se assuste o leitor erudito com os deslizes tipográficos do original francês: em 1935, a Administração do São Luís exigia fossem impressos na língua de Racião todos os livros e demais documentos do hospital, esquecendo-se, porém, de que os amanuenses que os utilizavam — assim como os tipógrafos que os imprimiam — não eram franceses mas portugueses, e portugueses a quem não contemplara a sorte com diplomas universitários da Sorbonne... De qualquer modo, e deixando de lado o francesismo precioso do São Luís, eis o conteúdo das fls. 13 e 14 do registo, das quais se extraiu fotocópia para futura divulgação em livro:

Société Française de Bienfaisance
Hopital [sic, por Hôpital] St. Louis

Mois de novembre 1935

Numero [sic, por Numéro] d'ordre.....	1351
Noms et prenom [sic, por prénoms].....	M. Fernando Pessoa
Condelien por [sic, em vez de par] jour J mois M.....	45
Entrée	29/11
Sortie	decédé 30
Entité [sic, por Entité] payante, consulat, Cie. de Navigation, etc.....	a ses frais
Docteur traitant	Jaime Neves
Diagnostic	colique hépatique
Adresse du maue [sic, por malade]	[em branco]
Visa de l'Administrateur de Service	[em branco]

A existência de um tal registo já demonstra, em primeiro lugar, que Pessoa não morreu romanticamente à mingua, esquecido dos homens e do mundo — tese sustentada, como se sabe, pelo dr. João Gaspar Simões em *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (Lisboa, Livraria Bertrand, s/d.) e logo arguida, como também não se desconhece, pelo dr. Eduardo Freitas da Costa em *Fernando Pessoa, Notas a uma biografia romancada* (Lisboa, Guimarães & C., Editores, 1951) (2). De facto, não se extinguiu à mingua quem veio a morrer no Hospital de S. Luís dos Franceses, pois, como bem salienta Jorge de Sena — em carta que nos escreveu quando soube que investigávamos, na condição de bolsista da Gulbenkian, certas áreas inexploradas da biografia de Pessoa —, «o Hospital de S. Luís era, então, um dos mais caros e mais reservados hospitais particulares de Lisboa: quem cai na rua ou no abandono vai para o Hospital

de S. José, onde, então, sempre houve quartos particulares com mais que catres românticos.» (3)

Já de si irreplicável, a argumentação de Jorge de Sena adquire ainda maior sentido se atentarmos, sempre tendo em vista a evidência do registo, no preço relativamente alto — para a época, é óbvio — do quarto do paciente: 45 escudos. Preço tanto mais alto quando o consideramos, a título de comparação, que 1) eram de 55 e de 10 escudos, respectivamente, as diárias máximas e mínimas do Hospital de S. Luís durante o ano de 1935 e que 2) a total despesa dos funerais — a cargo da Agência Barata, onde colhe-mos o informe (4) — importou em 1.194 escudos e 10 centavos, pagos a esta casa funerária pelo cunhado de Pessoa, o então capitão Francisco Caetano Dias. Ergo se não foi luxuosa, foi custosa a morte do poeta...

Outro relevante detalhe, no documento aci-

ma: o facto de ele nos revelar, sem controversia, e para além da flutuação de datas característica das actuais tábuas biográficas de Pessoa (5), que não foi de três, senão de apenas dois dias, 29 e 30 de Novembro de 1935, a permanência do escritor no Hospital de S. Luís. Detalhe só à primeira vista insignificante, nisto que poderia reter particular importância a quem procurasse reconstituir, peça por peça, num desses estudos especializados, a história (ponhamos) clínica do homem e do génio Fernando Pessoa (6).

Finalmente, o registo por si mesmo rectifica uma não pequena incorrecção no atestado de óbito do poeta, da qual localizamos pelo menos duas versões — uma nos arquivos da Agência Barata, a outra na 5.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa (7).

Conforme o atestado, o

Cont. na pág. 6

Joaquim Francisco

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

Uma resposta necessária e suficiente

«TALVEZ nunca tivesse havido, desde a criação do mundo, mais feliz desgraça», disse um comentador anónimo do terramoto de 1755, e dois sentidos foram, desde então, atribuídos a essa frase — um, que o contexto, afinal, impõe: que morreu menos gente do que poderia ter morrido; outro, que mais correntemente lhe é dado: que a desgraça permitiu a construção de uma cidade nova, a qual, sem ela, nunca teria sido possível. Há males que vêm por bem, diz uma sabedoria popular, ou seja, que do mal há que tirar consequências benéficas. Cortar o mal pela raiz é outra lição que convém aproveitar, e que com aquelas se relaciona.

Obras apressadas, ou não sei quê, fizeram derrocar parte do interior de dois prédios do Rossio, no seu lado sul, a ocidente do Arco do Bandeira. Não morreu ninguém, o que teria acontecido se a catástrofe sucedesse horas antes. Morreriam ou ficariam, então, feridas umas dezenas de pessoas, como os dez mil mortos do terramoto se teriam multiplicado por muitos mais se a outra hora tivesse acontecido. Neste ponto parece-me poder jogar o paralelo — e ainda bem.

Porque não fazê-lo jogar no outro ponto também — e às graças por o pior não se ter dado juntar uma consequência prática e benéfica para a vida da cidade?

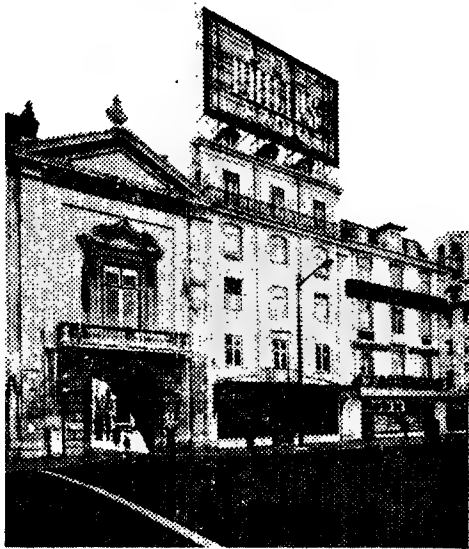
No complexo da «Baixa Pombalina», malha estrutural de notabilíssima definição urbanística, modelo impar na história do urbanismo iluminista, proposta sistemática de uma acção estética e sociológica progressista como o século XVIII não conheceu igual no Ocidente — neste complexo tecido racionalmente traçado, o Rossio tem um papel de óbvia importância. Corresponde ele ao vértice, à «cabeça», de uma organização geométrica cuja base é constituída pelo Terreiro do Paço. A antiga orgânica da cidade, definida tradicionalmente em função das duas praças, ou terreiros, foi mantida metódicamente, disciplinando-se a rede das ligações e acessos. Se, ao lado do Rossio, nasceu outra praça, a da Figueira, foi fenómeno posterior ao traçado pombalino, abrindo-se uma clareira no local que devia ser ocupado por arruamentos — o que faz com que as quatro faces da praça sejam diferentes, obedecendo a tipos diversos de fachadas, dentro da bem regrada tipologia pombalina. (E o que, consequentemente, faz com que a praça o não seja, e estranho pareça que nela se queira implantar um monumento, mesmo equestre).

O Rossio, esse tem, como o Terreiro do Paço, uma definição própria da praça. Alterou-o só o Teatro Nacional, erguido no local do Palácio da Inquisição, nos anos 40 do século passado — aliás, pouco depois de se ter terminado a edificação do lado ocidental da praça.

Regularmente traçado por Carlos Mardel, o Rossio tinha uma simetria

estabelecida entre o Arco do Bandeira e o fronteiro portal da Inquisição, que desapareceu. De qualquer modo, porém, os dois blocos laterais do Arco eram iguais, como, necessariamente, iguais eram os restantes blocos do quadrilátero. Não o são mais: de 15 unidades de fachada, 5, dos lados ocidental e sul, sofreram alterações oitocentistas, com aumentos de andares que destruíram a harmonia pretendida. No lado ocidental, houve, mesmo, uma fachada renovada no século XX, a do Hotel Metrôpole — e dificilmente será feita uma reintegração estilística nesta correnteza de fachadas.

Já mais fácil parece obter tal reintegração no lado sul da praça, onde um só prédio foi alteado. Precisamente um daqueles em que se deu a derrocada interior. Imediatamente pode acorrer a ideia de, respondendo à desgraça com uma feliz consequência, fazer appear o andar extra.

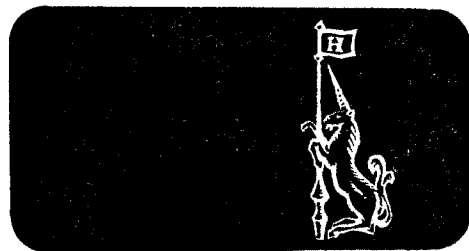


Arco do Bandeira

Assim, ao abrigo de uma minicatótrofe, se conseguiria um considerável bem para a cidade. Apear o referido andar do imóvel imediatamente vizinho do Arco restituíria a este a sua função axial, na traça deste lado do Rossio, e contribuiria para reintegrar tal traça na sua notável originalidade.

Que há males que vêm por bem — diz a sabedoria e repeti-o eu ao princípio deste folhetim. Aplique a Câmara a dita sabedoria; tem, pelo menos *direito moral* de o fazer, em face do que aconteceu, e de como aconteceu. Seria em situação de moralidade pública, uma resposta necessária e suficiente.

A margem deste folhetim, do seu tema e é claro que do seu título, importará dizer que ainda bem que o «colto» apontado gráficamente ao meu peito, suplementos atrás, não era empunhado por um confrade — e sobretudo não tinha más intenções de ataque. Tal como, aliás, eu próprio supusera... Quanto a outro ataque, de João Abel Manta, caso do penúltimo suplemento — desejo sinceramente que não seja nada de grave e que o dito autor se recomponha rapidamente. Para benefício não (hé-las!) da pintura portuguesa, mas (com certeza) do seu cartoonismo.



JULIO, CORTÁZAR

a semântica

QUANDO JORGE LUIS BORGES publicou na revista «Los Anales de Buenos Aires» (1947) o primeiro trabalho de Julio Cortázar, «Los Reyes», publicação que recordou carinhosamente numa entrevista concedida vinte anos depois na Universidade do Texas — «tenho orgulho de ter sido o primeiro a publicar um texto de Cortázar» — prenunciava um escritor de talento, mas vedava a hipótese de se imaginar as veredas de deslumbramento desencadeadas a partir de «Bestiario», seu segundo livro.

«LOS REYES»

Los Reyes, que Cortázar cognominou de poema-dramático, tem um estilo de esteta refinado, numa linguagem muito tradicional, parecendo uma mistura de Valéry e Saint-John Perse. Mas em *Los Reyes* persistem como tónica os labirintos, tomando estes diversos nomes (formigueiro, galeria, passagem, popa, kibutz, «rayuela») e também uma nova dimensão do cenceito de herói, que será vagarosamente perseguido, e que atinge o seu ponto culminante, possivelmente, em *Rayuela*. Cortázar, numa entrevista, em 1967, a Nestor García Canclini, profundo estudioso da sua obra, admite que «desde de *Los Reyes* en adelante, mi único tema (tema seguido de múltiples variaciones como en Beethoven) ha sido el misterio ontológico, el destino del hombre que no puede ser indagado ni propuesto sin la simultánea pregunta por su esencia». Afirmção que basta para colocar *Los Reyes* como livro inicial, num itinerário a ser percorrido na obra de Cortázar. Itinerário é a palavra, porque Cortázar quer mais que um simples leitor despreocupado: quer um companheiro de viagem, de arguta percepção e sem pressa.

«BESTIARIO»

Bestiario (1951) é a revelação de um ficcionista poderoso. O primeiro conto, *Casa Tomada*, relato rosa-dos-ventos, é também o primeiro exercício mental imposto pelo autor, podendo ser um caso de assombração, um sentimento de culpa não explicado, um tema incógnito, ou mesmo uma psicose. A interpretação assume co-autoria do leitor e é opcional qualquer uma das hipóteses (podendo ser todas), porque o absurdo se torna plenamente admissível em qualquer colocação. No segundo conto, o fantástico aparece logo no início,

desenvolvendo-se com tranquila naturalidade e aumentando a perturbação do leitor; Cortázar, em depoimento feito a Luis Harris (Los Nuestrós), afirmou que *Carta a Una Señorita en París* (a história de um homem que vomitava coelhos), o segundo conto de *Bestiario*, e *Circe* (uma moça especialista

de Ravel), até à opção trágica do desfecho, á delicadeza de *Los Venenos*, onde o labirinto é representado no simbolismo das galerias de um formigueiro. O problema da imortalidade na solidão de um aposentado em *Una Flor Amarilla*, ou o acompanhante que nos intriga em *Después del Almuerzo*, e a imagi-

creta apresenta diversos aspectos importantes para um melhor conhecimento de Cortázar. É onde aparece o seu primeiro conto de sentido humano, *El Perseguidor*, dedicado a Charlie Parker, o jazzman norte-americano. O facto de situar o conto em Paris é de grande significação, pois revela uma certa desvinculação com Buenos Aires, cidade que marca quase toda a sua obra. Cortázar nasceu em Bruxelas em 1914, filho de argentinos; transfe-re-se para Buenos Ai-

sualidad mis cuentos traducidos al italiano, y que en *Las Babas del Diablo* había encontrado una idea que andaba persiguiendo desde hacía años! seguía una invitación para conocernos en Roma. Allí hablamos francamente; a Antonio ni le interessaba la idea central del cuento, pero sus variaciones fantásticas le eran indiferentes (Incluso no había entendido muy bien el final) y quería hacer su propio cine, internarse una vez más en el mundo que él es natural. Comprendí que el resultado sería la obra de un gran cineasta pero que poco tenía yo que hacer en la adaptación de los diálogos. Até agora, *Las Armas Secretas* é o único livro de Cortázar traduzido e publicado em português, com o título de *Blow-up* e outras histórias. (ed. Europa-América).

«LOS PREMIOS»

Outro aspecto que começa a aparecer em *El Perseguidor* e irá crescendo na obra de Cortázar, particularmente em *Los Premios* e *Rayuela*, é a constante pergunta pelo misterio ontológico, o destino do homem. O deslocamento de Johnny Carter na alucinação ou na perseguição do absoluto, quando diz «Esto lo estoy tocando mañana», ou a frequente repetição do fragmento de Dylan Thomas «Ando solo en una multitud de amores», estão entrelaçados com os heróis maiores de Cortázar na tarefa inglória de perseguir a origem e a realidade invisível da vida, assunto muito caro ao romancista, que na extensa entrevista concedida a Luis Harris para o estudo *La Cachetada Metafísica* foca um ângulo que bem dimensiona a sua preocupação: «Nosotros vemos la Osa Mayor, pero las estrellas que la forman no saben que con la Osa Mayor. Quizá también nosotros somos Osa Mayores y Menores y no lo sabemos porque estamos refugiados en nuestras individualidades». *Los Premios* apresenta um personagem meio astrólogo, meio filósofo e poeta, que interrompe a novela em longos monólogos. Defendendo o seu personagem, Cortázar afirma: «Pienso que todos nosotros componemos figuras. Por ejemplo en este momento podemos estar formando parte de una estructura que se continúa doscientos metros de aquí, donde a lo mejor ha otras tantas personas que no nos conocen como nosotros no las conocemos. Siento continuamente la posibilidad de ligazones, de círculos que nos interrelacionan al



margen de toda explicación racional y de toda relación humanas». *Los Premios* é a primeira novela de Cortázar em que ele, segundo confessou mais tarde, depois de iniciado o livro, sentiu a necessidade de um figurante que tivesse uma visão diferente do conjunto dos personagens que aparecem na inusitada viagem ganha numa lotaria turística. Perso, embora sendo um personagem de singular importância, poderia também não existir, o que, se ocorresse, tornaria clássica a novela, limitada a um estudo de caracteres; uma crítica às diferentes classes portenhas a que pertencem os viajantes, a fuga ao tédio da grande cidade, a esperança de uma quebra da rotina, ou a luta para o descobrimento do mistério da popa do navio, simbolizando a própria existência e a sua utilidade, seriam ingredientes desperdiçados com pouca imaginação. *Los Premios* é um trabalho elaboradíssimo, que, segundo Cortázar, não foi escrito com propósitos alógicos (pois sim!) embora retratando a angustiante solidão do nosso tempo e a procura inútil de uma saída, ainda que a um preço demasiado elevado, como paga Gabriel Medrano, seu fascinante herói.

«HISTORIAS DE CRONOPIOS Y DE FAMAS»

Pela ordem das suas obras, o sexto livro de Cortázar é bem mais suave que qualquer dos anteriores: *Historias de Cronopios y de Famas*, título que reúne um manual de instruções para chorar, cantar, ter medo, para matar formigas em Roma, para subir escadas, para dar corda ao relógio, uma série de ocupações raras, diversos textos que intitulou *matéria plástica* e, por fim, as histórias. Os cronopios e famas são figuras de Buenos Aires, que Cortázar procura retratar num surrealismo humorístico que, não sendo negro, tão pouco é colorido. Descrevendo a invenção dos cronopios, diz ele que, certa noite, num concerto em Paris, teve a percepção de uns personagens que se chamariam cronopios. «Eram tão estranhos que não conseguia vê-los claramente, uma espécie de micróbios flutuando no ar, uns glóbulos verdes que pouco a pouco iam tomando características humanas». A inesgotável inventiva de Cortázar surpreende a cada página — e o pobre companheiro de viagem que se apure para



Cortázar: «Mi único tema ha sido el misterio ontológico»

em assassinar noivos), outro conto do mesmo livro, foram escritos numa fase difícil da sua vida: estava a trabalhar demasiado e sofreu um processo de esgotamento que se complicou com um distúrbio nervoso, tendo escrito os dois contos como se realizasse um tratamento de autopsicanálise. Efectivamente, em ambos os contos, o fantástico não obedece ao processo de criação dos outros: brota da própria realidade — o que não acontece, por exemplo, em *Cefalea*, onde a engenhosidade começa na invenção de palavras e o fantástico nasce da ficção.

«FINAL DEL JUEGO»

Final del Juego, o terceiro livro de Cortázar, só não provoca o mesmo impacto de *Bestiario* porque é uma continuação com pequenas variações, perceptível no primeiro conto, *Continuidad de los Parques* — um relato bomerangue, que estrangula o próprio atirador, como que insinuando um pedido de crédito à viabilidade do fantástico. A sequência de outros contos de *Final del Juego* estabelece-se desde *No se culpe a nadie*, onde o desespero vai num crescendo orquestral, sinfónico (como no *Bohío*

nária metamorfose em *Axiolotl*, são esboços de uma nova arquitectura literária que Cortázar deliberou chamar de novas estruturas. Querendo justificar a perturbação de muitos dos seus contos, diz ele: «La tensión no es una tensión de ejecución, aunque naturalmente quede prisionera en la trama del relato y actúe luego sobre el lector. La tensión en sí es previsible al cuento. A veces hay seis meses de tensión para que después, en una noche, se escriba un largo relato. Yo creo que eso se nota en algunos de mis relatos. En los mejores, hay una carga, una especie de dinamita». Claro que se nota — e é na trama que antecede a exploração que o talento de Cortázar, seja na narrativa fantástica ou psicológica, envolve o leitor como que o hipnotizando. Um pequeno trecho de *Cefalea* pode servir de imagem ao garrote que Cortázar aplica: «El cráneo comprime el cerebro como un casco de acero — bien dicho. Algo viviente camina en círculo dentro de la cabeza».

«LAS ARMAS SECRETAS»

O aparecimento, em 1969, de *Las Armas Se-*

Um Livro Actual

«LEIS DA INFORMAÇÃO»

(Portugal 1627-1966)

Pelo

Prof. Dr. João Gonçalves

Editora Pax
BRAGA

IRINEU GARCIA FALA DA OBRA
DE UM DOS MAIORES FICCIÓNISTAS DO NOSSO TEMPO

do mistério

situar o humor nesse confuso e claro texto: «Un cornopio pequenito buscaba la llave de la puerta de calle en mesa de luz, la mesa de luz en el ormitorio en la casa, la casa en la calle. Aquí se detenía el cronopio, pues para salir a la calle precisaba la llave de la puerta». O humor de Cortázar, zombeteiro ou tonto, lógico ou não, tem no fundo uma mistura de desencanto e amargura. Segundo Harris, a hilaridade em Cortázar é como o chlique que precede a síncope. Mesmo assim, *Histórias...* é um merecido descanso depois de *Los Premios*, e sobretudo um revigorante para enfrentarmos o vendaval que é, seguramente, o seu livro maior, *Rayuela*, onde Cortázar parece ter concentrado todo o seu poder criador e poético.

«RAYUELA»

As escaramuças conhecidas desde *Los Reyes* são esquecidas em *Rayuela* pelo bombardeio ininterrupto, forçando o leitor a uma maior participação, a uma total cumplicidade. Dependendo de cada um, *Rayuela* admite inúmeras interpretações.

seu todo tem obrigatoriamente que derivar de uma criação desmistificadora.

Rompendo todas as correntes da novela clássica, rejeitando qualquer facilidade na sua arquitectura, *Rayuela* reúne infelizmente qualidades antagónicas como produto destinado à esfomeada sociedade de consumo; por não ser um livro fácil para a mesinha de cabeceira de leitores bissexto, possivelmente é uma novela em tempo adverso, obrigando a nossa imaginação a caminhar vagarosamente, seja na bela carta a Rocamadour no comentário anónimo sobre o Concerto de Câmara para violino, piano e treze instrumentos de sopro de Alban Berg, no poema de Octávio Paz ou na nota do «The Observer», de Londres. Existe um velado convite ao leitor para participar na sua construção, dando unidade ao que Cortázar diz ser «desaliñado, desnudado, incongruente, minuciosamente antinovelistico», sugerindo mesmo a criação de um idioma novo e a abolição do dicionário («el cementerio»), que é uma maneira de despertar o leitor para

«TODOS LOS FUEGOS, EL FUEGO»

Se *Rayuela* é um furacão, o livro seguinte de Cortázar é quase bonança, voltando o autor às mesmas pegadas de *Las Armas Secretas*, fundindo o fantástico ao real: *Todos los fuegos, el fuego* encerra oito contos magníficos, mas em dois deles Cortázar extravasa um velho sonho: Em *Reunion*, por exemplo, descreve uma campanha revolucionária calçada no quarteto «A Caça», de Mozart, com passagens de rara beleza poética: «le imponía el dibujo del adagio que alguna vez ingresaría en el allegro final, accedería a una realidad digna de ese nombre». Se é verdade que a presença da música na obra de Cortázar é de uma frequência fora do comum, em *Reunion* ele ultrapassa-a, como que se realizando ao escrever nas entrelinhas da pauta. O outro conto, *El otro cielo*, é um tema explorado em *Bestiario* (Las puertas del cielo) mas agora de forma mais bem elaborada e completamente diferente: desde a entrada na Galeria Guemes, em Buenos Aires, no ano de 1945 e, no curso do trajeto, o recuo no tempo para o ano de 1870, na Galeria Vivienne, em Paris. O beco sem saída é narrado com a beleza semelhante a um *Edipo Rei*, de Pasolini, onde a transposição de épocas não altera a persistência do problema, antes o agrava poeticamente.

«LA VUELTA AL DIA EN OCHENTA MUNDOS»

A partir de 1967, apareceram os três últimos livros de Cortázar, na sequência.

Cont. na pág. 6

& etc...

Reaparece no dia 24, fresquinho e em força. Escreva um postal ao «Jornal do Fundão» e receberá gratuitamente um exemplar. Depois, pode assiná-lo (é barato): 60\$00 por ano. Também o pode comprar na Tabacaria Mónaco do Rossio e na Livraria Quadrante. Vale a pena, & etc... é o magazine cultural mas não muito do «Jornal do Fundão».



Cortázar (advertência final de Último Round): «El redactor en jefe de este diario es Caballero de la Orden de Mark Twain».

Uma ordem desordenada pode bem retratar, os conflitos em que vivemos e que aparecem nos diversos rumos que a novela possibilita, admitindo ou não a sugestão de Cortázar na disposição dos capítulos, aceitando toda a sorte de subversão, deixando frases inconclusas, economizando o óbvio, introduzindo uma nova ortografia, usando e abusando de línguas estranhas ao espanhol. Uma novela revolucionária no

uma participação maior, um duelo, como que parafraseando «Libertad bajo palabra» de Octavio Paz: «Allá, donde terminan las fronteras, los caminos se borran». Em toda essa cealeuma literária aparece e termina, ou não termina, um dos maiores personagens de Cortázar, Horacio Oliveira, outro perseguidor inesquecível, no mesmo plano de Gabriel Medrano e Johnny Carter, e (porque não vaticinar?) do próprio Cortázar,

Prontuário das Letras

Pessoa visto por Gaspar Simões

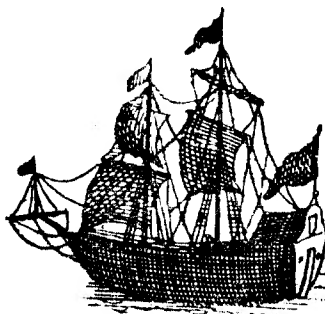
A Bertrand está a distribuir a segunda edição de um estudo muito lido, muito utilizado e muito comentado, nem sempre favoravelmente. Referimo-nos a *Vida e obra de Fernando Pessoa*, de João Gaspar Simões, a propósito do qual disse há anos Adolfo Casais Monteiro que o autor lançara «sobre a figura e a obra de Pessoa um manto nada diáfano e de alta fantasia». (Fernando Pessoa e a crítica, Editorial Inquérito, Lisboa, 1952).

Beneficiando de algumas investigações posteriores, levadas a cabo nomeadamente em Lisboa e na África do Sul, é de esperar que Gaspar Simões tenha corrigido o que havia de menos certo no seu volumoso estudo. Reclamavam-no a verdade factual e o próprio inegável interesse do estudioso presencista pelo criador dos heterónimos, um interesse datado, no mínimo, de 1929 (cf. *Temas*, Edições Presença, Coimbra).

«Peregrinação», a jovem.

Um clássico que não morre: a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, revelada pela primeira vez aos mortais em 1614, Lisboa, saída do prelo de Pedro Grasbeeck com a taxa de «600 réis em papel» e dedicatória «à Catholica Real Majestade del Rey dom Felipe o III deste nome nosso Senhor», mandador das terras do cronista por essa recuada e negra data.

Pois temos agora o primeiro volume da versão para português actual feita por Maria Albertina Meneres, com a chancela das Edições Afródite (Fernando Ribeiro de Mello), aqui recentemente anunciada. O segundo, e derradeiro tomo, sairá dentro de pouco tempo. Alcance do cometimento? Pôr a *Peregrinação* nas mãos do leitor comum, uma *Peregrinação* acessível, completada por não muito extenso glossário. A ler já.



Fernando Pessoa

Lionel Gendron, *Embeleze o seu rosto*, de Josette Chedin, *Os destroços do «Drakkar»*, de Jean Coué, a 2.ª edição de *A revolução industrial*, de T. S. Ashton, e a 6.ª de *O homem distarçado*, de Fernando Namora

Da poesia

Mais cedo do que supúnhamos arrancou no Porto a nova colecção de poesia Agora, da Editorial Inova. A abrir, *Viola interdita*, de Manuel Alberto Valente, um licenciado em Direito que se estreia no mundo das letras, ainda estudante, com *Cartas para Elina*. A crítica não deixará de pesar esta voz generosa, não raro equilibrada nos limites do prosaico — o que nos parece ter marcado boa parte da «fornada» dos anos sessenta.

Entretanto a Artis lançou o primeiro dos 36 fascículos de *Imagens da poesia europeia*, de David Mourão-Ferreira, nas modalidades «para todos» (custo global: 980\$00) e especial para bibliófilos (3000\$00). Recordar-se que as *Imagens* passam na RTP desde Julho de 1969, mas o autor reviu esses textos de base para a edição em curso.

Ainda no mesmo capítulo registámos 28 poemas de Maria Amélia Oom, e (em Espanha) a curiosa *Antologia de una generación sin nombre*, organizada por Jaime Ferrán para a colecção Adonais e incluindo oito colombianos com menos de 30 anos: Elkin Restrepo, William Agudelo, Henry Luque Muñoz, Alvaro Miranda, Augusto Pinilla, David Bonells, Dario Jaramillo Agudelo e J. C. Cobo-Borda.

O que veio e o que se espera

Vimos nos escaparates um novo livro de Alexandre Cabral, *Memórias de um resistente* (Inova); mais um romance de Erskine Caldwell, *Ilha de Verão* (Bertrand); «O Socialismo em liberdade», de Alfred Sauvy (Estúdios Cor); e a antologia *De mãos dadas, estrada fora*, organizada por Luiza Dacosta para a Livraria Figueirinhas, com arranjo gráfico de Armando Alves e ilustrações de Jorge Pinheiro. Ainda dos Estúdios Cor registámos *História de seu Tomé meu pai e minha mãe Maria*, de Odylo Costa, Filho, que constituiu a habitual oferta natalícia daquela editora.

Lançamentos à vista, o da Europa-América (que é no dia 25). Previsto: *O segundo dia da criação do mundo*, de Ilya Ehrenburg, *O Calvário*, de Pericles Gorovessis, *Que é o homem?*, de



M. Alberto Valente

Para a biografia de Fernando Pessoa

Cont. da pág. 3

criador de Alberto Caeiro teria falecido, não no Hospital de S. Luís dos Franceses, mas na própria casa em que residia nos últimos quinze anos de sua vida, à Rua Coelho da Rocha, 16, Príncipe do Direito, da freguesia de Santa Isabel, concelho de Lisboa. Como se vê, um engano, e menos dos amanuenses da Agência Barata, 5.ª Conservatória, que do declarante da certidão de óbito, Joaquim Esteves, se não amigo do poeta, amigo e seu irmão, o capitão Caetano Dias, cuja viúva — D. Henriqueta Madalena Nogueira Rosa Dias, irmã de Fernando Pessoa — nos prestou este esclarecimento. De qualquer modo, não se menospreze a correcção que do local de falecimento de Pessoa que da efectuada pelo registo do S. Luís. Des-

parecesse amanhã, por qualquer motivo, esse registo (8), e mortas as testemunhas (caso do dr. Jaime Neves, já falecido) que poderiam comprovar-lhe a 2.ª o informe oficial da 5.ª Conservatória — e, por extensão, o da Agência Barata — passaria por verdade incontestável. Com a gravante de transformar-se o da Coelho da Rocha, que por sinal ainda existe, num falso *death place* do poeta aos olhos de seus futuros admiradores.

Para o crítico dedicado exclusivamente ao estudo da poesia de Fernando Pessoa, talvez pareçam irrelevantes estas notas à margem de um livro hospitalar. Não faz mal. Relevo ganharão elas no fichário de um autêntico biógrafo, aquele que o poeta bem merece, e que por certo não trocará a segurança do documento

pela aventura das hipóteses sem documentação.

Lisboa, 30.11.1970, no 35.º aniversário de morte de Fernando Pessoa.

NOTAS

1. Encadernado em pano grosso, medindo 38 por 24 centímetros, o livro intitula-se Registre. entrées et sorties 1935 à 1940. Foi-nos posto à disposição pela actual secretária do S. Luís, D. Olívia Martins, a quem agradecemos a fineza.

2. Se as notas de Freitas da Costa, verdadeiras corrigendas, completam sobremaneira os dois volumes de Gaspar Simões, não é menos certo que às vezes se ressentem do contrapelo da documen-

tação. No caso que particularmente nos interessa, por exemplo, a transcrição do registo do S. Luís forneceria aos leitores de Freitas da Costa — que é primo de Fernando Pessoa — não só um depoimento oficial quanto imparcial acerca das exactas circunstâncias em que faleceu o poeta.

3. Carta de 14.11.1970, enviada da Universidade da Califórnia (Santa Bárbara), e contendo muitas outras digressões curiosas sobre ângulos ainda inéditos da biografia de Pessoa.

4. A consulta aos arquivos da Agência Barata foi-nos bastante simplificada pelo funcionário Luís Arthur Cerreira da Costa e pelo actual gerente da casa, sr. António

de Barros Mendes Barata, aos quais agradecemos a amabilidade. Do sr. Cerreira da Costa recebemos, por outro lado a informação que nos levou, sem dificuldade, ao jazigo de Pessoa no Cemitério dos Prazeres. Jazigo de família, sem pompa, situado à rua 1, D.ª e de número 4.371.

tre outros da Simões e Freitas da Costa (obras citadas) concordam ambos em que durou três dias a permanência de Pessoa no Hospital de S. Luís. Posteriormente, ao organizar a cronologia da vida e da obra do poeta para a edição da Aguilar, Simões alude a um internamento de dois dias. Seja como for, parece que de agora em diante o registo encerra a controvérsia.

6. A propósito, e se bem que confinados, com base na tipologia de Kretschmer, a relação entre o aspecto físico e a estruturação mental do criador, já existem aqueles «Elementos para uma patografia de Fernando Pessoa», de M. J. Valadares, in Praça Nova, n.º 7, dezembro de 1962.

7. A declaração de óbito da Agência Barata — n.º 617 — vem assinada pelo médico particular de Pessoa (e também seu primo), o dr. Jaime Neves, aquele mesmo do registo do S. Luís. Não menciona, ao contrário do que hoje é praxe, a causa mortis. Revela, contudo, a hora em que ocorreu o falecimento, 20.30, horas que as notas de Freitas da Costa não conseguiram precisar. Quanto à declaração da 5.ª Conservatória (n.º 1374, livro 70 dos óbitos de 1935), diz-nos que a causa mortis teria sido obstrução intestinal, e que a morte verificou-se às 20 horas. Com esta versão da Conservatória concorda o Livro de Enterimentos do Cemitério dos Prazeres — livro 28, fls. 168 —, no qual também se lê que Pessoa enterrou-se às 11 da manhã de 2.12.1935.

8. A hipótese nada tem de alarmista, considerando-se que o hospital não conservou, entre as fichas médicas dos pacientes de 1935, a ficha de Fernando Pessoa. É provável, contudo, não haver existido nunca, de vez que o paciente só passou no hospital cerca de 24 horas — da noite de sexta, 29, à noite de sábado, 30 — e precisamente num fim de semana, quando estariam reduzidíssimos os serviços burocráticos do estabelecimento. Assim explica (terá razão?) D. Olívia Martins a inexistência da ficha médica do escritor.

JOAQUIM FRANCISCO



Cont. da pág. 5

quinta ordem: *La Vuelta al Dia en Ochenta Mundos*, 62 *Modelo Para Armar* e *Ultimo Round*. Nenhum deles teve boa acolhida crítica pelos hispano-americanos, principalmente em Buenos Aires. *La Vuelta Al Dia...* reúne uma série de trabalhos interessantíssimos sobre Louis Armstrong, Lezama Lima, Gardel, cronopios e Theloniús Monk, bem como outros textos de rara originalidade. O livro contém ainda uma selecção de fotos, gravuras e desenhos sensacionais, uma primorosa diagramação, uma capa de grande impacto e um fragmento de Antonin Artaud: «hablo de ese mínimo de vida pensante y en estado bruto — que no ha llegado a la palabra pero que podría haberlo si fuera necesario —, y sin el qual el alma no pude vivir y la vida es como si ya no fuera».

«62 MODELO PARA ARMAR»

62 *Modelo Para Armar* é livro extremamente difícil, prenunciado em alguns monólogos de Pessoa em *Los Premios* e em capítulos supérfluos de *Rayuela*. Uma certa inclinação de Cortázar para o budismo leva-o a considerar que, assim como o homem se equivocou inventando o tempo, pode encontrar como saída a renúncia à mortalidade. É ele quem afirma: «Pienso en el fenómeno de la muerte, que para el pensamiento occidental es el gran escándalo, como tan bien lo vieron Kierkegaard y Unamuno; ese fenómeno no tiene nada de escandaloso en el Oriente, es una metamorfosis y no un fin.» O hermetismo do livro não interessa muito a Cortázar, o seu pensamento é claro: «No puedo ni debo renunciar a lo que sé por una especie de prejuicio en favor de lo que me parece vivo. El problema está en multiplicar las antes combinatorias, en conseguir nuevas aperturas.» Recentemente, em entrevista à revista «La Quinzaine Littéraire», Cortázar justifica assim o livro: «J'ai une espèce de brouille permanente avec mon dernier livre, 62 *Modelo Para Armar*; j'ai essayé de faire un roman qui abolisse l'espace. Tout se passe en même temps dans trois capitales d'Europe où les gens vont et viennent comme ça, comme dans un rêve vous passez de votre bibliothèque à la gare. J'ai l'impression que nous sommes un peu prisonniers d'une notion provisoire de l'espace et

TAP - um modo de viajar

AMÉRICA

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

DIARIAMENTE, sim, porque os negócios não podem esperar. Pois bem, pode partir já amanhã, porque a TAP voa diariamente para os Estados Unidos abrindo-lhe ao longo do ano, através de New York ou de Boston, esse mundo de negócios que é o MERCADO AMERICANO.

Todos os dias, sim, assegurando aos seus passageiros-homens-de-negócios uma assistência permanente: em terra, na origem e no destino; no ar — à ida e no regresso — graças a um serviço de bordo impecável de atenções. Acerte a sua hora pela hora da TAP.



Escritórios em: BOSTON - CHICAGO - LOS ANGELES - NEWARK - CLEVELAND - NEW YORK - FILADELFIA - S. FRANCISCO - WASHINGTON

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

Julio Cortázar

du temps et que l'homme
va modifier cela.»

«ULTIMO ROUND»

Ultimo Round é de uma originalidade total. Começa por ser impresso na Itália (penso que desnecessariamente) para uma editora mexicana e tem um formato pouco menor que um oitavo de página de jornal. A sua mancha interior é dividida, sendo a parte de baixo bem menor: Cortázar denominou-a «planta baja», e à parte superior «primer piso». O livro apresenta uma caprichosa diagramação, e, logo nas primeiras páginas, uma foto de Cortázar através de um ventilador em movimento, o que lhe transfere a fisionomia, insi-

nuando o desdobramento do conteúdo: material fotográfico excelente, desenhos de humorismo surrealista, frases chistosas recolhidas nas Faculdades de Sorbonne e Nanterre, textos os mais diversos, alguns excepcionais, como *Uno de Tantos Dias en Saigon*, *Silvia*, *Dialogo de las formas* e *Sobre la extirpación de los cocodrilos en Auvernia*. Mas nada evitou que diversos críticos hispano-americanos recusassem ver no livro uma tentativa de renovação, assestando uma artilharia pesada, precipitada e injusta. penso que em boa parte para revidar declarações de Cortázar na imprensa europeia e norte-americana, onde o escritor tem

revelado invulgar capacidade para criticar posições e acomodações políticas e incomodado alguns «monstros sagrados» da intelectualidade hispano-americana. Mas, de certo modo, Cortázar não esperava recepção diferente, porque, em 1965, dois anos antes do aparecimento de *La vuelta Al Dia...*, dizia ele: «Cada vez escribo peor

desde de um ponto de vista estético. Me alegro, porque quizá me voy acercando a un punto desde el qual pueda tal vez empezar a escribir como yo creo que hay que hacerlo en nuestro tiempo. En cierto sentido puede parecer una especie de suicidio, pero vale más un suicida que un zombie.»

Dentro em breve as tra-

duções de Cortázar estarão ao alcance do público de língua portuguesa: ainda este ano a editora Civilização Brasileira lançará *Los Premios* e *Rayuela*, seguramente os seus livros de maior densidade, cuja semântica do mistério envolverá o leitor no fascínio de um dos maiores ficcionistas do nosso tempo.

Quanto às suas tenta-

tivas de renovação literária, ao final de qualquer consideração crítica desfavorável, é bom procurar na última página de *Ultimo Round* um aviso em corpo negro, que serve como advertência: «El redactor en jefe de este diario es Caballero de la Orden de Mark Twain».

IRENEU GARCIA

Julio Cortázar



Artes Visuais

Cont. da pág. 8

nostalgias humanas e a aventura inquietante do futuro. Nas últimas peças do autor, a representação de imensos labirintos acerta-se com essa ideia e metaforicamente realiza a noção de um destino que a todo o momento se faz e desfaz. A presença dos símbolos é agora mais densa na obra de Bartolomeu Cid: os labirintos são

mesmo tempo nostálgicas paisagens de sonho e cenários absurdos do viver humano, gravuras remotas ou de antecipação de um mundo que irónicamente nos lembra a vida urbana actual, emendada nas suas obsessões, num espaço que se contradiz pela sua beleza surda e pela extensão kafkiana do seu significado.

ROCHA DE SOUSA

CAIXAS REGISTRADORAS



PREÇOS DESDE 5.950\$00

DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO • FACILIDADES DE PAGAMENTO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

SOC. de REP. SIDA-SUECA limitada

RUA S. NICOLAU, 15-17, TELEF. P.R.C.A. 36 93 31 (8 LINHAS) - LISBOA-2

Depositar é uma operação rendosa

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem

(pessoas individuais)

Até 50 contos	3 % ao ano
Acima de 50 contos	1,5 % ao ano

*

Depósitos a prazo

(entidades privadas)

6 meses, renovável	4,5 % ao ano
1 ano, renovável	5 % ao ano
18 meses, renovável	5,5 % ao ano

Importâncias múltiplas de 1000\$00
com o mínimo de 10 000\$00

Os juros dos depósitos estão isentos de
quaisquer impostos nos termos da lei.

O Estado assegura a restituição de todos
os depósitos efectuados na Caixa, mesmo
em casos fortuitos ou de força maior.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

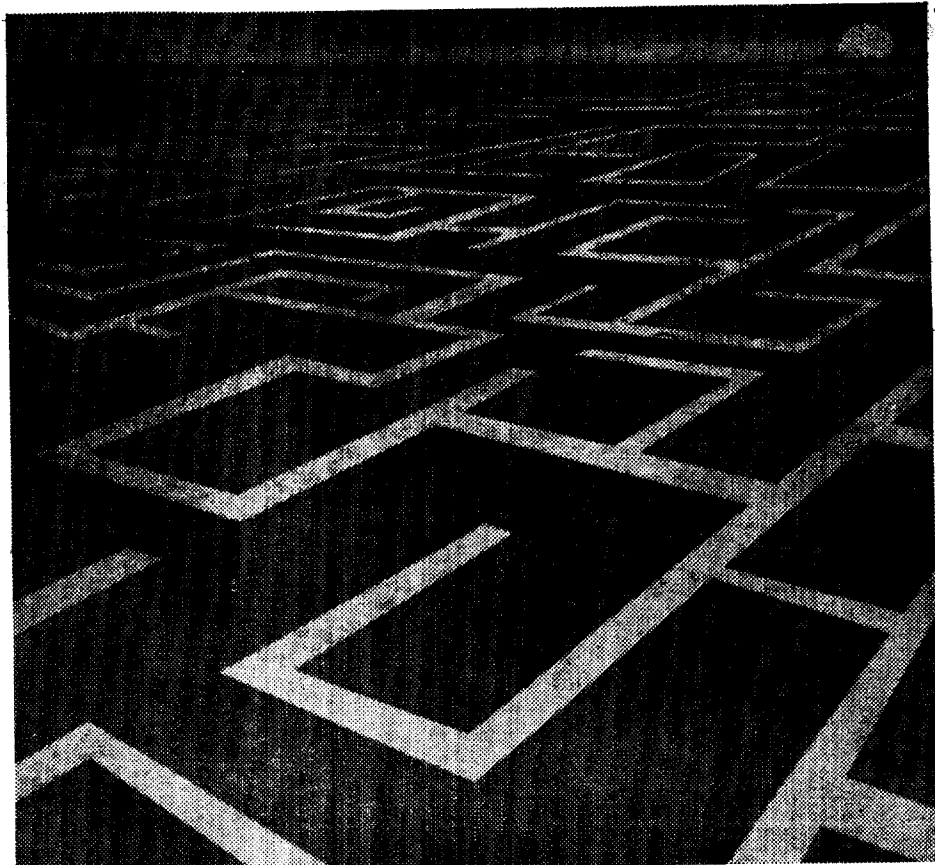
Artes Visuais

Forma e autenticidade

BARTOLOMEU CID
Galeria 111
JOÃO MACHADO
Galeria Buchholz

A PALAVRA ARTISTA, identificadora da pessoa que exerce uma arte (como a pintura, a escultura ou a gravura) é hoje uma palavra em crise. Outras referências — outro código — têm sido propostas para substituir, num esforço para expressar a diversificação dos métodos e das técnicas, o seu campo de aplicação e a realidade profissional que envolve. Nas sociedades modernas, pelas vias de uma tecnologia desenvolvida e de acordo com a dilatação irradiante do consumo, a criação e produção de formas integram-se cada vez mais nas múltiplas solicitações da vida urbana. Mas a criação livre — no domínio da pintura ou da escultura, por exemplo — corresponde a uma actividade que também se desenvolveu de forma intensa, embora não responda ao quadro das necessidades imediatas e se alaste por vezes, com absurda agressivi-

dade, dos consumos possíveis. Para que serve uma tal criação, qual o papel do artista nas coordenadas desse comportamento — eis duas perguntas que não podem ter senão uma resposta incompleta. As formas decididas pelo artista permitirão apenas precipitar o prazer estético ou envolvem também uma visão do mundo em certa medida comprometida, activa e actuante? As vanguardas anunciam a crise das transformações necessárias, das transformações urgentes, e é justamente nesse sentido que os novos valores não podem reconhecer-se no falso espectáculo das especulações efémeras, justapondo-se a formas caprichosas de alienação. Arte como exercício gratuito? Ou arte como exercício da vida, forma de entendimento e expressão, capacidade acusadora e interventora — a mobilidade do ver e a invenção da verdade?



Bartolomeu Cid: o labirinto como consciência do mundo

EPIDEMIA DA IN-FORMAÇÃO E TRADICIONALISMO NÃO TANTO

Os dois autores apontados na referência desta crónica não constituem um exemplo típico que possa propriamente suportar a ilustração daqueles dois planos. Apesar disso, eles representam dois caminhos, quase opostos (para além das suas diferenças específicas) nos domínios da criação artística existentes entre nós.

João Machado ensaia uma escultura de coordenação espacial múltipla, assente nas potencialidades de módulos pintados, e Bartolomeu Cid pratica uma gravação técnica e estilisticamente tradicional, votada a uma estética de subtilidades simbólicas, dentro de limites artesanais profundamente assumidos. Ou seja: segundo os canones precários da nossa circunstancialidade cultural, João Machado é que representa a vanguarda, a pessoa à la page, e o gravador Bartolomeu Cid aparece-nos identificado com uma estética dita envelhecida. Curiosamente, e apesar das verdades que esse juízo implica, é o gravador que resiste a um olhar menos apressado e mais vivo nas interrogações, sobrepondo-se com maior autenticidade à geometria moderna (do folclore internacional) que o escultor impessoalmente nos propôs na Galeria Buchholz. Esse tipo de alinhamento comporta muitas virtudes, sem dúvida, mas o saldo final em que se resume identifica defeitos fundamentais — a ausência de um verdadeiro sentido de aventura, por exemplo, condição básica de toda a arte que se interroga, que se reinventa e desacademiza no seu significado mais profundo. Dificilmente se reconhece em João Machado um sentido de pesquisa pessoal nos limites da atitude que assumiu, comportamento que é filho (em linha directa) de construções alheias vistas um pouco por toda a parte — galerias, museus, bienais & etc. A sua aventura é apenas a que se contém na absorção das informações, e está longe de se traduzir num compromisso profundo da pessoa com aquilo que a informação lhe ofe-

rece e aquilo que o meio dela exige em termos de acção significativa. Paradoxalmente, os resultados dessa orientação, na aparência mais aliciantes e vanguardistas, acabam por delimitar um tipo de academismo (e até uma passividade de invenção) que a linguagem tradicional de Bartolomeu Cid só a superfície comporta. Esta realidade, os seus equívocos e contradições, envolvem penosas dificuldades para a acção crítica, sobretudo na dimensão cultural do meio português onde as elites apressadamente desdenham de tudo o que não é evidente na modernidade

dos meios e onde um público impreparado se engana com frequência perante objectos tecnicamente tradicionais, uns de facto envelhecidos por dentro e por fora e outros perfeitamente capazes de reflectirem uma consciência moderna ou a problemática do nosso tempo.

JOÃO MACHADO: IRONIA DO DESIGN NA ESCULTURA DE MÓDULOS

João Machado produz uma escultura que se formula, como referimos, a partir de módulos projec-

tados segundo uma raiz geométrica. A construção dessas peças (ou partes, ou segmentos) ajustáveis e ajustadas depende de uma carpintaria impecável. A mobilidade dos objectos é simultaneamente real e ilusória: real enquanto se verifica pelos múltiplos conjuntos que tais objectos permitem e pelo uso da cor que dinamiza os diferentes ângulos e planos de observação; e ilusória porque determinadas partes dos conjuntos, apesar da sua unidade formal e aparente autonomia, se encontram no entanto definitivamente solidárias. Para além da sua raiz geométrica bem determinada, e afinal explícita na coesão das partes, estes objectos versáteis que a Galeria Buchholz nos apresentou (na sequência de um interesse conferido à escultura) são deliberadamente «desvirtua-

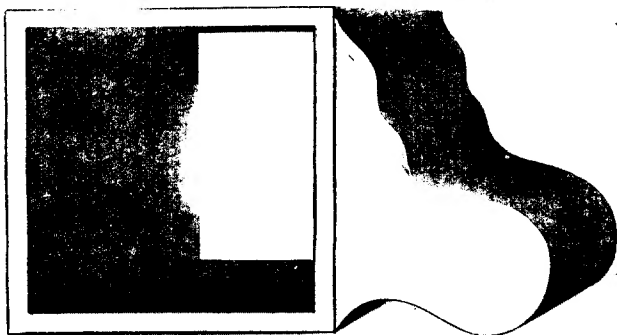
dos» por superfícies ondulantes e contraditórias que se integram nas (ou excedem as) estruturas principais.

O projecto das esculturas de João Machado integra portanto um jogo duplo, para além da sua aparência que recorre em certa medida à funcionalidade do design industrial: assenta, por um lado, na mobilidade de ajustamento e reajustamento permitida pelos módulos e aceita, por outro lado, a intervenção implícita ou explícita do observador, num esquema lúdico de extensão variável.

BARTOLOMEU CID: O LABIRINTO COMO CONSCIÊNCIA DO MUNDO

Trabalhando segundo uma opção estética muito diferente da de João Machado, sobretudo porque ligada à especificidade do processo técnico da grava-

vuras desse autor e com os saudosismos (e por vezes maneirismos) da sua requintada produção. Para além do puro exercício de investigação tecnológica e técnica, Bartolomeu Cid é sobretudo um profissional consumado (com as desvantagens e vantagens de tal integração) pelo que a sua produção atinge efectivamente um elevado nível artesanal até às intencionalidades de uma linguagem empenhada. O artista fica assim disponível para uma viagem poética independente, pessoal e desinibida. Uma viagem desafiada em relação aos inevitáveis simplismos das experiências já percorridas, ou mal percorridas, ou dos espectáculos de uma modernidade duvidosa. O tradicionalismo que em geral se aponta à estética de Bartolomeu Cid, e que de certo modo se tem de reconhecer no brilho mate da sua execução e no recorte formal das suas paisagens, é superado pelas ideias ex-



J. Machado: objecto sumário de partes contraditórias

AUTORES HOJE

João Machado

NASCEU em Coimbra. Curso de Escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian de 1964 a 1968. Foi distinguido com o Prémio de Desenho José da Costa Meireles Rodrigues Jr.

Participou em diversas exposições colectivas, tais como as Magnas da

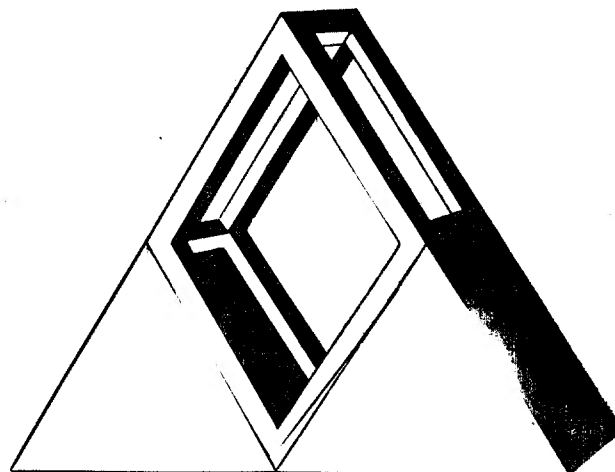


E. S. B. A. P., a VI e VII exposições Extra-Escolares dos alunos do E. S. B. A. P., a Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Morte do Pintor Amadeo de Souza Cardoso (Amarante e Porto), a Exposição do Prémio da anterior iniciativa (menção honrosa e medalha de prata) e a Exposição promovida pelo Banco Português do Atlântico (1969).

Realizou uma exposição individual na Cooperativa Árvore e agora uma outra na Galeria Buchholz.

Trabalhou também, com Zulmiro de Carvalho, para a Câmara Municipal do Porto.

A escultura de João Machado reflecte algumas das intencionalidades de certa escultura contemporânea, na criação de estruturas elementares que realizam conjuntos polivalentes e que concentram, pelo uso da cor e da conjugação real ou ilusória das partes, a versatilidade do jogo.



Para uma pluralidade do significado das partes

ra, Bartolomeu Cid é geralmente considerado um bom operador nesse domínio. Mas a crítica, embora se sinta obrigada a reconhecer o prestígio de um currículo internacional que inclui actividade docente na Slade School, perturba-se demasiado com o esmero tecnológico das gra-

pressas, por essa realidade de sonho, de maravilhoso, onde o mistério se alia à visão de um mundo para além do mundo, um passado e um futuro que reflectem simultaneamente as

Cont. na pág. 7

Rocha de Sousa